



**BERENICE EDNA DE OLIVEIRA**

**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO  
DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA – ENCIMA-IFSP**

**DISSERTAÇÃO MESTRADO**

**O REPENSAR DO TRABALHO DOCENTE NA ERA DIGITAL:  
PONTES PARA MUDANÇAS**

São Paulo

2022

**BERENICE EDNA DE OLIVEIRA**

**O REPENSAR DO TRABALHO DOCENTE NA ERA DIGITAL:  
PONTES PARA MUDANÇAS**

Dissertação para obtenção do Título de Mestre apresentada ao programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP Campus São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Isaac Killner

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

### Catálogo na fonte

Biblioteca Francisco Montojos – IFSP Campus São Paulo

Dados fornecidos pela autora

o48r	<p>Oliveira, Berenice Edna de O repensar do trabalho docente na era digital: pontes para mudanças / Berenice Edna de Oliveira. São Paulo: [s.n.], 2022. 169 f.</p> <p>Orientador: Gustavo Isaac Killner</p> <p>Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, IFSP, 2022.</p> <p>1. Professor. 2. Jornada de Trabalho Digital. 3. Alienação. 4. Profissionalidade Docente. 5. Tecnologia Na Era Digital. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo II. Título.</p> <p>CDD 510</p>
------	---

BERENICE EDNA DE OLIVEIRA

**O REPENSAR DO TRABALHO DOCENTE NA ERA DIGITAL:  
PONTES PARA MUDANÇAS**

Dissertação apresentada e aprovada em 27 de setembro de 2022 como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Membros da banca examinadora

Prof. Dr. Gustavo Isaac Killner  
IFSP – Campus São Paulo  
Orientador e Presidente da Banca

Profa. Dra. Amanda Cristina Teagno Lopes Marques  
IFSP – Campus São Paulo  
Membro da Banca

Prof. Dr. Carlos Miguel Silva Ribeiro  
UNICAMP – Campinas - SP  
Membro da Banca

“Agora preciso de tua mão, não para que eu não tenha medo, mas para que tu não tenhas medo”.

(Clarice Lispector)

Dedico este trabalho ao meu marido Lee Hung Chih e filhos Pedro Henrique Yi Yor Lee, Maria Carolina Yi Lin Lee e Pedro Augusto Yi Wei Lee, que sempre me incentivaram. Aos meus pais, em memória.

## **AGRADECIMENTOS**

A presente dissertação de mestrado só chegou até aqui pelo apoio precioso de algumas pessoas.

Em primeiro lugar, quero agradecer a meu orientador Professor Doutor Gustavo Killner, sem ele não chegaria tão longe. Por toda a paciência, empenho e comentários durante os momentos que realizei em congresso, durante as orientações, escrita de artigos do mestrado.

Agradecer ao coordenador e professor Dr. José Otávio Baldinato, pelos esclarecimentos e respaldo durante meu curso. Aos funcionários da secretaria, que sempre responderam prontamente aos questionamentos destinados a eles.

Desejo igualmente agradecer a meus amigos que, direta e indiretamente, estiveram presentes em minha vida nesse momento que precisei atravessar um grande obstáculo.

Agradecer a Deus, à minha família e amigos pelo apoio ilimitado que me deram, especialmente meus irmãos, marido e filhos que, em momentos incansáveis, estiveram presentes ao longo da elaboração deste trabalho.

## RESUMO

OLIVEIRA, Berenice Edna. **O repensar do trabalho docente na era digital**: pontes para mudanças. Orientador: Dr. Gustavo Isaac Killner. 2022. 157 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, 2022.

Esta pesquisa teve como objetivo identificar a percepção dos professores sobre a jornada adicional de trabalho gerada pelo uso da tecnologia. As novas tecnologias trouxeram ao docente recentes missões e tarefas, criando-se, inclusive, a ideia de que estar conectado é estar sempre disponível para o trabalho, o que leva a um relevante questionamento: até que ponto o professor consegue perceber que a tecnologia aumentou sua carga horária de trabalho? A justificativa que embasa os objetivos desta pesquisa corresponde à sobrecarga de trabalho cibernético desse profissional da educação, o qual atinge e traz prejuízos em seu próprio aprimoramento enquanto trabalhador no que tange às suas condições sociais, emocionais e psicológicas. Atualmente, as leis nacionais que regem o trabalho docente consideram o acordo de 0,25% de horas extras, porém entraram em vigor antes das atividades digitais serem uma realidade nesse *métier*. Tendo em vista tais objetivos, a investigação da pesquisa envolveu professores em exercício no ano de 2020, nas cidades de Campinas, São Paulo, Valinhos e Vinhedo, os quais atuavam na Educação Infantil, no Ensino Fundamental I e II e no Ensino Médio. Um total de 268 professores das redes públicas e privadas participaram desse processo. A coleta de dados consistiu na aplicação de um questionário no formato de um formulário Google mediante a escala Likert contendo também questões abertas, nas quais aplicou-se a Análise do Discurso Crítica (ADC). Concluiu-se que o século XXI trouxe transformações significativas no ambiente educacional de forma ampla, principalmente na profissão docente. A inserção das tecnologias cibernéticas está inserida na escola e com o trabalho do professor, o que o faz muitas vezes não perceber o aumento da carga de trabalho, ao ponto de usar seu tempo livre para exercer suas tarefas fora do ambiente escolar, o que apontou uma alienação referente ao trabalho imaterial.

**Palavras-chave:** Professor. Jornada de trabalho digital. Alienação. Profissionalidade docente. Tecnologia na era digital.



## ABSTRACT

OLIVEIRA, Berenice Edna. **Rethinking teaching work in the digital age**: bridges for changes. . Advisor: Dr. Gustavo Isaac Kilner. 2022. 121 p. Master's thesis (Master in Science and Mathematics Teaching) – Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo, São Paulo, 2022.

This research aims first to identify the perception of teachers about the workday generated by the use of technology. The new technologies have brought new missions and tasks to the teacher, even creating the idea that being connected means being always available for work, which leads to a relevant question: to what extent can the teacher perceive that technology has increased your workload? The justification that underlies the objectives of this research corresponds to the cybernetic work overload of this education professional, which affects and brings harm to their own improvement as a worker in terms of their social, emotional and psychological conditions. Currently, national laws governing teaching work consider the 0.25% overtime agreement, but they came into effect before digital activities were a reality in this métier. In view of these objectives and justification, the research investigation involved teachers in exercise in the year 2020, in the cities of Campinas, São Paulo, Valinhos and Vinhedo, who worked in Early Childhood Education, Elementary School I and II and High School . A total of 268 teachers from public and private schools participated in this process. Data collection consisted of the application of a questionnaire in the form of a Google form using the Likert scale also containing open questions, in which Critical Discourse Analysis (CDA.) It is concluded that the XXI st century has brought significant changes in the educational environment in a broad way, especially in the teaching profession. The insertion of cybernetic technologies is inserted in the school and with the teacher's work, which makes him often not realize the increase in the workload, to the point of using his free time to perform his tasks outside the school environment, which pointed out an alienation related to immaterial labor.

**Keywords:** Teacher. Digital Workday. Alienation. Teaching professionalism. Technology in the digital age.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Fatos Sociais de acordo com o Sociólogo Émile Durkheim.....	26
QUADRO 2 - Sistema de relações sociais por Durkheim.....	27
QUADRO 3 - Émile Durkheim – Max Weber – Karl Marx .....	41
QUADRO 4 - A escola e a educação apresentada em três correntes sociológica: Durkheim, Weber e Marx .....	44
QUADRO 5 - O trabalho nas teorias de Durkheim, Weber e Marx.....	45
QUADRO 6 - Discussão dos subtemas pela busca profissionalismo docente.....	92
QUADRO 7 - Discussão dos subtemas pela busca trabalho docente.....	94
QUADRO 8 - Discussão dos subtemas horas digitais do professor do ensino básico .....	97
QUADRO 9 - Resultado da busca pelo tema Valorização na remuneração do professor .....	98
QUADRO 10 - Revistas pesquisadas dentro do portal CAPES.....	101
QUADRO 11- Resultados e análise dos artigos lidos nas revistas da tabela 2 .....	101
QUADRO 12- Algumas das outras opções relatadas pelos professores.....	110
QUADRO 13- Escala Likert pesquisa que apresenta as questões utilizadas para análise.....	118
QUADRO 14- Resposta de acordo com a questão aberta.....	121

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Representação da sociedade Durkheim.....	28
FIGURA 2 - A ação racional Segundo Weber .....	31
FIGURA 3 - A ação social de acordo com Weber .....	32
FIGURA 4 - Panorama histórico do sistema produtivo na primeira revolução indústria .....	48
FIGURA 5 - Educação na primeira revolução Industrial.....	49
FIGURA 6- Panorama histórico do sistema produtivo na Segunda Revolução Industrial.....	51
FIGURA 7 - A educação e o trabalho docente na segunda revolução industrial.....	52
FIGURA 8 - Análise por Triangulação de Métodos .....	85
FIGURA 9 - Síntese das etapas processuais interpretativas para a análise dos dados.....	86
FIGURA 10 - Pergunta de número 16.....	89
FIGURA 11 - Charge de reconhecimento e identificação pessoal.....	89
FIGURA 12 - Especificar quando mais de uma área que atua.....	113
FIGURA 13 - Análise de dados na escala LIKERT.....	119
FIGURA 14 - Trabalho junto à tecnologia digital fora da sala de aula.....	121

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Resultado da busca pelo tema profissionalismo docente.....	92
GRÁFICO 2 - Resultado da busca pelo tema trabalho docente .....	93
GRÁFICO 3 - Resultado da busca pelo tema carga horária de trabalho do professor .....	95
GRÁFICO 4 - Resultado da busca pelo tema horas digitais do professor de educação básica .....	96
GRÁFICO 5 - Resultado da busca pelo tema Valorização na remuneração do professor .....	100
GRÁFICO 6 - Resultado em revistas no portal da CAPES.....	102
GRÁFICO 7 - A idade X Quantidade por Idade .....	106
GRÁFICO 8 – Gênero.....	106
GRÁFICO 9 - Formação acadêmica (O professor tinha mais de uma opção).....	107
GRÁFICO 10 - Tempo de trabalho (em anos).....	108
GRÁFICO 11- Rede na qual atua (podendo ter mais de uma resposta).....	109
GRÁFICO 12- Situação profissional - com mais de 1 opção .....	109
GRÁFICO 13- Nível de ensino com que trabalha - podendo marcar mais de uma opção.....	111
GRÁFICO 14 - Área em que atua.....	113
GRÁFICO 15 - Tempo de trabalho cibernético fora da sala de aula durante a semana .....	113
GRÁFICO 16- Tempo de trabalho cibernético fora da sala de aula nos finais de semana .....	115
GRÁFICO 17 - Realização de cursos de formação continuada.....	115
GRÁFICO 18- A mesma atividade virtual e manual .....	115
GRÁFICO 19 - Mesmo com encontros na escola, existe uma comunicação fora do ambiente escolar .....	116

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EaD	Educação a Distância
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
ADC	Análise de discurso crítica
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
SISU	Sistema de Seleção Unificada
PROUNI	Programa Universidade para Todos
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FUNDEF..	Fundo de Desenvolvimento e de Valorização do Magistério
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
ENEM	Exame Nacional do Ensino

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	16
1.1 Objetivos da pesquisa	22
1.1.1 Objetivo geral	22
1.1.2 Objetivos específicos	23
<b>2. A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO</b>	24
2.1 O sistema produtivo na visão dos sociólogos escolhido	25
2.1.1 Émile Durkheim e a Sociologia Funcionalista	26
2.1.2 Max Weber e a Sociologia Compreensiva	30
2.1.3 Karl Marx e a Sociologia da Contradição	35
2.1.4 A sociologia da educação	43
<b>3. A EDUCAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE NA ERA DAS REVOLUÇÕES INDUSTRIAIS</b>	48
3.1 Considerações acerca da evolução, da formação e do trabalho docente	59
<b>4. O REPENSAR SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS, O PROFISSIONALISMO E A PROFISSIONALIDADE DOCENTE: PONTES PARA MUDANÇAS NA ERA CIBERNÉTICA</b>	63
4.1 Uma reflexão sobre o trabalho no século XX	63
...4.2 O repensar da Intensificação do trabalho docente sobre as tecnologias e o trabalho imaterial	66
.....4.3 A importância do conceito de profissionalismo e profissionalidade docente na era digital	73
<b>5. PERCURSO METODOLÓGICO</b>	78
5.1 Metodologia da pesquisa	78
5.2 Apresentação do local, dos participantes do estudo e dos processos utilizados na elaboração dos dados	81
5.3 Questões éticas da pesquisa	82
5.4 Processos utilizados e a instrumentalização da pesquisa	83
5.5 Levantamento de dados e pré-processo interpretativo das informações	87

5.6 Características da investigação, papel da pesquisadora e os passos para realizar a busca no banco de dados da CAPES	89
5.6.1 Análise das publicações no portal da CAPES	90
5.6.2 Resultados e discussão	90
5.6.3 Conclusão da pesquisa da CAPES	103
<b>6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b>	<b>106</b>
6.1 Análise das questões que envolvem a individualidade do professor	108
6.2 Análise das questões que envolvem o trabalho coletivo na visão individual de cada entrevistado	119
6.3 Análise dos dados: diálogos entre os dados empíricos e análise de conjuntura	120
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>125</b>
<b>APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO</b>	<b>129</b>
<b>APÊNDICE 2 – RESPOSTAS DA QUESTÃO ABERTA DO QUESTIONÁRIO</b>	<b>135</b>
<b>PRODUTO FINAL</b>	<b>138</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Quando pensei em fazer um mestrado, a primeira coisa que me veio à mente foi produzir um projeto de pesquisa que estivesse dentro de meu meio de exercício trabalhista, até por tratar-se de um mestrado profissional. Dessa forma, dou início a esta pesquisa com um breve relato de minha peregrinação acadêmica, com vistas a esclarecer alguns fatos que me trouxeram a ter interesse em investigar e produzir o tema apresentado neste estudo.

No ano de 1989, ingressei no curso de licenciatura em Matemática na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Já no primeiro ano da faculdade, lecionei aulas de matemática, quando tive meu primeiro contato com a educação matemática, o qual perdurou durante todo o curso.

Ao término da licenciatura, fui aprovada em concurso público como professora do Estado, onde lecionei durante 16 anos. Quando solicitei exoneração do cargo, em 2009, fui trabalhar como coordenadora e orientadora pedagógica em uma Universidade de EaD.

Durante o magistério no ensino público, tive acesso aos cursos ofertados para os professores, com o objetivo de aprender a trabalhar com os computadores, pois, em 1988, no Brasil, acontecia o início de uma forte implementação de novas tecnologias na área da educação.

Esses cursos eram ofertados aos sábados pela manhã, com presença obrigatória. Todavia, não éramos remunerados. Durante todo o tempo que estive no Estado, em escolas particulares e em uma universidade como orientadora acadêmica e coordenadora, não parei de estudar.

Nesse sentido, fazia cursos, melhorava minhas aulas com a ajuda da tecnologia, passava horas durante os dias da semana e nos finais de semana me organizando, de forma que meus filhos e marido acabaram por se acostumarem com minha rotina.

Em 2018, ingressei no mestrado, e o tema da investigação teve origem em uma indagação do meu orientador que, ao longo de sua carreira acadêmica, presenciou as transformações que aconteceram dentro do chamado trabalho docente junto à vinda da era tecnológica digital.

Enquanto ele me falava e mostrava alguns pontos daquele processo histórico, fui analisando, refletindo e mapeando. Acabei por identificar-me em similar situação



acadêmica como professora da rede pública de ensino. Percebi o seguinte: o trabalho que eu tinha antes, que envolvia, dentre outras atividades, planejar e preparar aulas, organizar provas, foi aumentando, conforme a apropriação da mesma.

Assim, as atividades docentes acabaram tomando um período cada vez maior da minha carga horária de trabalho para preparar mais listas de exercícios, enviar e-mails nos grupos de alunos, preparar melhores aulas em *slides*. Além disso, passava as notas nos diários e, depois, digitalizava nos *sites* governamentais, procedimento esse que era muitas vezes cansativo e estressante.

Por ser um período curto para tal lançamento, os *sites* ficavam lotados acarretando o derrubamento do sistema. Tendo que terminar, não raramente, concluía o trabalho em casa, fora do horário pelo qual era remunerada, para cumprir os prazos estipulados.

Assim, levantei um olhar das coisas que fiz enquanto professora em minhas práticas pedagógicas e educativas, nas quais criei meios de favorecer o protagonismo do aluno, investi em uma didática empática e social, valorizei o aluno em suas intervenções e busquei ações que propiciavam uma melhoria como docente.

Também criei meios de imergir em um mundo tecnológico, com um nível de informações muito alto e desenvolvido. Integrei-me, sem pensar, nas funções desempenhadas por mim de forma alienada e agora trago à tona, de maneira reflexiva e investigativa, como tema da minha pesquisa de mestrado.

Dessa observação, surgiu a inquietude em investigar as particularidades e os aspectos intrínsecos do trabalho do professor junto às novas tecnologias digitais e entender melhor como acontece a profissionalidade docente, o que caracteriza o ser professor e o que é próprio da profissão docente diante da era digital.

Nesse sentido, ao tratar do tema trabalho docente na pesquisa, busquei entender a sua dimensão em autores como Clock *et AL.*, (2018) e Costa (1995), que tematizam e discutem dentro do contexto ligado aos saberes relevantes às práticas educativas e pedagógicas.

Além disso, os autores exploram as circunstâncias históricas de mudanças dos modos de produção que, ao longo do tempo, vão implementando modificações que estabelecem um processo de degradação do trabalho, frente às novas atividades que vão surgindo em tempos cibernéticos e as modificações no processo do trabalho docente.

Durante as leituras bibliográficas sobre o trabalho docente, identifiquei um novo conceito relacionado ao tema, a chamada profissionalidade docente (2017). Tal termo trouxe um novo significado para a reflexão do trabalho externo tecnológico digital do professor.

A fundamentação teórica lançou mão principalmente dos seguintes referenciais: Karl Marx, Gorzoni e Davis (2017) e Costa (1995 e 2014).

Marx realizou a análise sociológica da sociedade e a forma que esta foi se transformando ao longo dos anos, desde a primeira revolução industrial, o que também é alicerce para este estudo, dentro do materialismo histórico-dialético e o conceito de alienação.

Dessa forma, iniciou-se uma discussão em Costa (1995), que trata do profissionalismo docente e o trabalho do professor no campo da sociologia crítica das profissões, e culmina em Gorzoni e Davis (2017), que abordam a profissionalidade do professor.

Nesse sentido, Costa (1995) faz uma reflexão sobre o trabalho do professor e a relação dos termos profissionalismo e expressividade de valorização da profissão docente, no sentido coletivo, e indexação de valores e consciência profissional, no sentido individual.

Ampliando a análise sobre o trabalho do professor, buscou-se em Gorzoni e Davis (2017) o termo *profissionalidade docente*. Os autores associam este termo com o jeito de ser e atuar do professor na atualidade, como acontecem o entendimento profissional adaptativo, as capacidades próprias de ensinar, as exigências sociais internas e externas à escola, a construção do conhecimento do professor, a formação e as experiências ao longo da jornada de trabalho. Ou seja, uma extensão do profissionalismo docente.

Em decorrência de tais transformações pelas quais a sociedade hoje passa, há uma preocupação aparente em se realizar estudos que consigam entender os exercícios dos acadêmicos e seus modos de construção da identidade e profissionalidade docente junto à tecnologia digital. Dessa forma, a pesquisa apoiou-se nos referidos autores para que as análises fossem construídas.

A pesquisa foi de cunho investigativo, de modo a verificar se o professor não faz mais as mesmas coisas que fazia em relação ao tempo de trabalho fora do seu horário escolar, se percebe essas mudanças de ações em seu cotidiano e como lida com essas questões que hoje tem que enfrentar.

Segundo Costa (1995), desde a década de 1960:

A despeito da proeminência dessas movimentações no cenário político da época e de seus desdobramentos posteriores, e de forma paradoxal acentuada com as metodologias de sala de aula e com os processos de escolarização, o professorado como agente da educação não recebeu a atenção correspondente e necessária. (COSTA, 1995, p.16).

Costa (1995) ainda comenta que, na década de 70, reconheceu-se que o magistério se encontrava em crise social. Pode-se assumir que hoje, com a vinda da tecnologia introduzida na área da educação, essa crise se acentuou na remuneração do professor e de seu reconhecimento diário.

Um ponto relevante a se verificar nessa fala é a pouca quantidade de estudos voltados para a linha de pesquisa a qual escolhi, a expressão “*horas de trabalho digitais do professor fora do ambiente escolar*” não vem sendo utilizada como objeto de pesquisa. Os destaques que são dados em temas centrais de pesquisa quando se fala do trabalho docente, geralmente são sobre a formação do professor, formação continuada e suas práticas pedagógicas.

Pesquisas mais recentes tratam da profissionalidade docente, termo este que emergiu na área da docência a partir de 1990, conforme Gorzoni e Davis(2017). Em suma, a concepção de profissionalidade docente apresenta-se relacionada à:

[...] qualidade da prática profissional, integridade do fazer docente, desenvolvimento profissional e a habilidade e competências; à constituição da identidade docente; ao saber docente, à integridade da dimensão social e pessoal do docente: à sua responsabilidade individual e comunitária e compromisso ético e político.(GORZONI; DAVIS, 2017, p.03).

De acordo com Clock *et al.* (2018, p.18), “[...] o contexto atual requer profissionais da educação diferentes”. Devido aos avanços tecnológicos, se torna necessário articular ações que entrelacem a formação inicial, a valorização da carreira, as condições de trabalho e a remuneração junto à tecnologia digital, redefinindo o reconhecimento que se dá ao profissional da educação atualmente e como o trabalho do docente está sendo modificado.

Ao olhar para este profissional, deve ser considerado seu tempo usado fora de sua jornada de trabalho contratual (pela qual é remunerado) junto à tecnologia, em prol de um projeto compatível com as novas imposições digitais do ofício.

É necessário atentar-se a uma perspectiva de crescimento e desenvolvimento profissional, junto à elevação do tempo para planejamento, organização do material, avaliação e preparação do trabalho pedagógico, além de realizar a alimentação das plataformas digitais, suas atualizações, aulas *on-line* etc. Tal conjunto de ações levaram a torná-las objetos para esta pesquisa.

Os aspectos acadêmicos e políticos que levaram a fazer esta investigação tiveram como base a pouca ênfase dada nas buscas de narrativas no campo de pesquisa junto aos profissionais da área: os professores. Isso é relevante em função de suas horas expendidas fora do ambiente escolar, por uma educação tecnológica digital, de sua atividade ocupacional na sociedade atual e sua percepção diante de seu trabalho.

Os percursos teóricos e metodológicos serão utilizados no decorrer do estudo no qual se pretende responder à pergunta de pesquisa: até que ponto o professor consegue perceber que a tecnologia aumentou sua carga horária de trabalho?

Para responder a essa pergunta, buscou-se na revisão bibliográfica, no segundo capítulo, entender como se deu o contexto histórico social do sistema produtivo e o conceito de educação na visão dos pensadores Émile Durkheim, que teve o olhar na sociologia funcionalista, Max Weber, que tratou da sociologia compreensiva, e Karl Marx, que analisou o materialismo histórico-dialético. A partir daí, justifica-se a escolha do materialismo histórico-dialético como parte da fundamentação teórica desta pesquisa.

O terceiro capítulo traz a discussão com os teóricos: Aranha (2013), Silva & Gasparin (2006), Costa (1995) e Nóvoa *et al.* (2014) e outros autores que trataram sobre a história da sociedade e as transformações diante do sistema produtivo em decorrência das revoluções industriais, buscando conjecturar os modos como a educação foi-se comportando nesse período, ou seja, nos séculos XVIII e XIX.

O quarto capítulo apresenta as discussões voltadas para o professor, assim como as mudanças culturais, sociais e econômicas, a partir do século XX, levando a um debate contemporâneo de consolidação da jornada de trabalho na qual o professor está inserido. Debate este fomentado em função da intensificação de trabalho por interferência da informatização da produção de bens e serviços.

O termo *trabalho*, que antes era apenas pensado de forma material, passa a ser analisado também de maneira imaterial, pois passou por alterações decorrentes das tecnologias digitais. A força física, em alguns casos, dá lugar às capacidades cognitivas e às atividades voltadas para a inovação intelectual. Dessarte, fazendo um sintético percurso pelo conceito social do trabalho, apresentam-se também os conceitos de profissionalismo e profissionalidade docente.

Para responder à questão fundamental desta pesquisa, realizou-se uma investigação sobre a percepção dos professores sobre sua jornada de trabalho. Para a coleta de dados, realizou-se uma pesquisa mediante questionário *on-line* e físico com 268 professores de educação infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio, nas cidades de Campinas, Valinhos, Vinhedo e na capital São Paulo. O questionário continha perguntas objetivas e questões abertas e fechadas, que trataram de contemplar o cenário do trabalho atual do professor. Para as análises dos dados, usou-se o modelo de escala Likert, assim como método de triangulação, que possibilitou a combinação e comunicação com a análise crítica de discurso para investigar o universo de professores.

Ao final do trabalho, espera-se contribuir para a reflexão sobre o trabalho alienado do professor, o entendimento do sistema produtivo e a sua problematização em torno de seu trabalho fora da sala de aula. É necessário destacar que a pesquisa a respeito do trabalho tecnológico digital do professor não desaparece, uma vez que é ponto de partida para futuros estudos de forma mais ampla.

Para tornar o trabalho mais ilustrativo, ao término foram inseridos pequenos trechos de professores com as opiniões deles em função do questionamento dado sobre o seu trabalho em relação à família.

Como produto didático e resultado da pesquisa, foi proposta uma sequência didática para ser aplicada em cursos de extensão para professores de matemática da EJA, com um plano de ação educacional tendo como tema “A importância do holerite e sua interpretação”.

O objetivo geral é presidir curso de extensão para professores de matemática. O intuito é usar a matemática financeira como ferramenta para que esse profissional tenha domínio e entendimento sobre os tópicos que compõem seu holerite e a importância do trabalho que realiza fora da sala de aula junto ao trabalho digital.

Ao término do curso, pressupõe-se o professor ser capaz de administrar a ação pedagógica aos alunos da EJA do ensino médio, trabalhando conteúdos como os conceitos básicos da matemática financeira, proporção e porcentagem. Espera-se, assim, contribuir no processo de ensino aprendizagem do aluno adulto e desenvolver a consciência crítica e cognoscível voltada para o mundo do trabalho tecnológico digital do trabalhador e dos aspectos da realidade social do docente e das atividades que ele realiza fora da sala de aula.

## 1.1. Objetivos da pesquisa

### 1.1.1 Objetivo geral

Identificar a percepção dos professores sobre as alterações na jornada de trabalho geradas pelo uso da tecnologia.

## 1.2 Objetivos específicos

- Analisar, dentro do contexto histórico social, a atividade profissional do professor nos diferentes momentos das revoluções industriais;
- Analisar, dentro do contexto histórico e social, a educação e o trabalho docente nas quatro revoluções industriais;
- Repensar o uso das tecnologias digitais junto à jornada do professor além da sala de aula e o conceito dos termos *profissionalismo* e *profissionalidade docente*.

## 2 A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÕES ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO

Neste capítulo, busca-se discorrer acerca de três linhas de estudo do sistema produtivo, dentro da chamada divisão social do trabalho, advindos da sociedade moderna, inserida no contexto do sistema capitalista e dos seus modos de produção. Realiza-se uma revisão geral de suas teses, o que permite identificar e justificar a opção feita pelo materialismo histórico-dialético como referencial a ser adotado.

Na sociologia clássica, Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx oferecem a sustentação necessária para a compreensão dos fatos sociais e as relações destes com o mundo do trabalho, bem como de suas representações dentro do sistema produtivo no contexto histórico-social.

A escolha dos três pensadores pauta-se em temas amplamente abordados em seus trabalhos, os quais buscaram entender as relações entre política, economia e sociedade, de forma que cada um desenvolveu as próprias teorias sobre o que constituía uma sociedade.

Como todos vivenciaram a sociedade no contexto histórico do século XIX, acabaram por compreender as relações de trabalho inseridas no capitalismo de formas distintas, mas igualmente importantes para a análise da discussão aqui proposta.

Primeiramente, será feita uma breve discussão do sistema produtivo e as contribuições de cada um dos pensadores: a Sociologia Funcionalista de Durkheim, a Sociologia Compreensiva de Weber e a Sociologia da Contradição de Marx, traçando um paralelo entre conceitos fundamentais como: classes sociais, divisão do trabalho, sistema produtivo e a educação, os quais foram sofrendo transformações desde o final do sistema feudal até os tempos atuais.

Busca-se aqui enfatizar as transformações ocorridas no sistema produtivo, particularmente, aquelas ligadas às revoluções industriais. A partir dessas discussões, será definida uma dentre aquelas concepções sociológicas, com a finalidade de que oriente o olhar para a análise de dados desta pesquisa.

### 2.1 O SISTEMA PRODUTIVO NA VISÃO DOS SOCIÓLOGOS ESCOLHIDOS

Na medida em que o estudo do sistema produtivo no mundo do trabalho foi se desenvolvendo, bem como as transformações que foram ocorrendo na educação,



verificaram-se mudanças conjunturais e estruturais em ambas as questões diante da história, dentro de contextos sociais específicos, que variam em função do tempo e do espaço.

Nesse sentido, de acordo com Viana (2012, p.11), a sociedade pode ser definida como “[...] o conjunto das relações sociais existentes em determinados territórios e momentos históricos”.

No final da Idade Média, surge a burguesia mercantil como nova classe social, a qual, posteriormente, com o advento da Primeira Revolução Industrial, foi denominada como classe burguesa capitalista.

Ao observar esse período histórico, dentro do sistema produtivo, Quitaneiro, Barbosa e Oliveira (2002) e Viana (2012) apontaram que os trabalhadores artesãos, com suas máquinas manuais, não conseguiam competir com as novas tecnologias das máquinas a vapor, pois estas faziam o mesmo trabalho em um período mais curto. Ao mesmo tempo, os camponeses deixaram de produzir em suas terras para trabalhar nos centros urbanos. Ambos os grupos, portanto, submeteram-se aos novos meios de produção.

No que tange a essa questão, Viana (2012) comenta que, por meio das revoluções burguesas e do aprimoramento do modo de produção capitalista, foram surgindo novas necessidades sociais com a primeira Revolução Industrial, o que trouxe uma série de transformações econômicas, sociais e educacionais. A Revolução Francesa e a Primavera dos Povos, em 1848<sup>1</sup>, por sua vez, trouxeram grandes inovações sociopolíticas e culturais, além de renovação de valores, de paradigmas e de axiomas que impactaram diretamente os modelos econômicos no mundo todo.

Além disso, as sociedades foram se organizando e estruturando, de maneira que os sujeitos passaram a assumir papéis e posições diante da então nova ordem social, ocasionada pelo momento e pelas transformações dos sistemas produtivos, as quais foram conduzidas por meio da reorganização da disposição da sociedade, tornando-se relevante, desse modo, a compreensão dessa visão social.

### **2.1.1 Émile Durkheim e a Sociologia Funcionalista**

---

<sup>1</sup> A Primavera dos Povos foi uma sequência de lutas e batalhas que ocorreram em alguns países da Europa em 1848.

Durkheim, de acordo com Bezerra e Ribeiro (2016), preconizava o conceito de sociedade visto de forma externa ao indivíduo e generalizada. Para Durkheim, o fato social era diferente do fato biológico. Segundo ele, sustentar-se e comer não eram fatos sociais, porém a ação de ingerir alimentos junto a outras pessoas caracterizava-se como um fato social.

Após seu estudo sobre fato social, Durkheim percebeu que deveria tratar tal fato como “coisa”, uma ideia que precedeu seu próximo método de investigação. O fato em questão era considerado pelo sociólogo com características específicas, ou seja, equivalentes à maneira de pensar, de sentir e de agir, exteriores ao sujeito. O fato social, desse modo, era atribuído como um poder de imposição e coerção.

Durkheim considerava a educação, por exemplo, como um fato social, dado que o indivíduo não nasce sabendo previamente as normas de condutas necessárias para a vida em sociedade, que lhe serão impostas. Como fato social, a educação seria “[...] a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não se encontram preparadas para a vida social”. (DURKHEIM, 1978, p. 41).

Os modelos de pensar coletivamente, consoantes a essa abordagem, eram organizados e padronizados por instituições sociais como a escola, a igreja, o Estado e a família, tendo elas a responsabilidade de formar o “sujeito social” por intermédio de suas ideologias, ações, práticas e crenças.

Esse conjunto de saberes construiria o que Bezerra e Ribeiro (2016) chamaram de alma coletiva, a qual era imposta aos indivíduos. Destarte, as expressões individuais não eram consideradas fatos sociais para Durkheim, pois dependiam de situações particulares de vivências.

Abaixo, o quadro 1 sintetiza os fatos sociais segundo o pensamento de Émile Durkheim:

**Quadro 1 - Fatos Sociais de acordo com o sociólogo Émile Durkheim**

<b>COERCITIVO</b>	Impõe-se aos indivíduos e os leva a aceitar as normas da sociedade.
<b>EXTERIOR AOS INDIVÍDUOS</b>	Existe antes deles e não é fruto das consciências individuais.

<b>GERAL</b>	Atinge todos os indivíduos que fazem parte de uma sociedade.
--------------	--

Fonte: Adaptado de Bezerra & Ribeiro (2016, p.48).

O que se mostra pelo quadro é que Durkheim estudou o funcionamento dos fenômenos descritos, analisando suas características, chegando à constatação de que a sociedade é o todo e, de forma exterior, se descreve como mais importante do que a soma das partes, no caso, os indivíduos. Embora haja essa distinção entre o exterior e as partes, o sociólogo versou sobre a coesão social por meio do conceito de solidariedade.

Nessa perspectiva, no caso dos primórdios da humanidade, ocorreria a solidariedade mecânica, orientada pelos mitos e crenças religiosas, de forma a unir os sujeitos. Com a separação social do trabalho, teria surgido a solidariedade orgânica, pela qual o sujeito submete-se ao indivíduo que, por seu turno, submete-se a outro para efetuar seu trabalho, ocasionando, assim, a dependência mútua entre as partes, o que manteria a ordem social e o equilíbrio no funcionamento do sistema.

Dessa forma, a solidariedade mecânica estaria associada a uma sociedade na qual os sujeitos seriam iguais na medida em que todos dividissem, com a mesma intensidade, os princípios que regem a consciência comum. Conseqüentemente, essa sociedade não conhecia a especialização das tarefas como resultado do trabalho individual. Seria, portanto, uma solidariedade baseada nas semelhanças, na qual a consciência coletiva seria mais forte e mais abrangente.

Essa questão está relacionada ao que Philippe (2016) argumenta, apontando que na sociedade orgânica já existia a diferenciação das tarefas e dos indivíduos que as exerciam. Há, nesse caso, a presença de subgrupos especializados no contexto do grupo social, abrindo espaços à individualização, ou seja, à presença do indivíduo como ser autônomo de ação e pensamento. Seria, desse modo, uma solidariedade baseada nas diferenças, o que ampliaria a liberdade individual em detrimento da consciência coletiva.

O quadro 2 resume os sistemas de relações sociais conforme descritos por Durkheim:

## **Quadro 2 - Sistema de relações sociais por DURKHEIM**

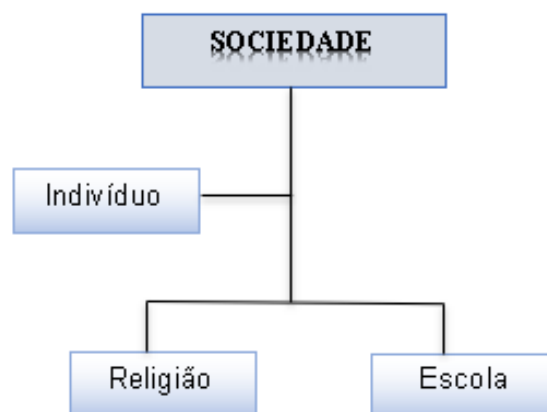
<i>Tipo de solidariedade</i>	<i>Natureza da sociedade</i>	<i>Relação do indivíduo com a sociedade</i>	<i>Individualização</i>
<b>MECÂNICA</b>	Formada por conjunto de sentimentos comuns e crenças	Direta	Fraca
<b>ORGÂNICA</b>	Composta de funções especiais unidas por afinidades	Indireta por meio de grupos especializados	Forte

Fonte: Adaptado de Philippe (2016, p.48).

Nas análises feitas por Philippe (2016), que corroboram as reflexões de Bezerra e Ribeiro (2016), no que concerne à interferência do positivismo, Durkheim considerava que, com o intuito do todo operar uniformemente, era importante que as partes trabalhassem corretamente, de forma que entendessem que a harmonia e a ordem mantinham a integração social. Por isso, o conceito de um “funcionalismo”, no qual todos os indivíduos são considerados como estruturas sociais e precisam atuar de modo harmônico para o equilíbrio da sociedade.

Nessa perspectiva, Bezerra e Ribeiro (2016) e Viana (2012) concordam que o estudo da sociedade realizado por Durkheim, no século XIX, foi marcado pelas mudanças sociais do trabalho, o que motivou a emergência da concepção do trabalho social, demonstrando o aumento da especialização do trabalho, provocado pela produção industrial.

**Figura 1 - Representação da sociedade por Durkheim**



Fonte: Adaptado de Bezerra & Ribeiro (2016, p.50).

A figura 1 ilustra as ideias dos autores supracitados. Observa-se que a sociedade era anterior ao sujeito, sendo ela o alicerce que coordenava tudo. Como um órgão vivo, a sociedade estabeleceria todas as partes do corpo (religião, escola e outros) e os sujeitos de acordo com as suas leis.

Dessa forma, as partes obedeciam e contribuíam para o bom funcionamento do corpo social, o qual deveria funcionar em harmonia, e qualquer transformação ou modificação nessa ordem era considerada uma patologia ou desequilíbrio social. Nesse sentido, fazia-se necessário entender o que era uma patologia e o que era uma normalidade, de forma a perceber suas causas na sociedade.

Assim sendo, para Durkheim, o desenvolvimento social acontecia como uma máquina na história, ou seja, distintas engrenagens e peças operando de forma sistematizada e ordenada. Em outros termos, ele reconheceu os fatos sociais presentes e procurou mostrar suas causas, diferenciando o que era normal do que era patológico. Logo, o sujeito era fruto da realidade social interpretado pela moral e pelo intelecto, estando aqui também presente o conceito de funcionalismo, no qual todos os indivíduos eram estruturas sociais e precisavam atuar de modo harmônico para o equilíbrio da sociedade.

Portanto, consoante os estudos de Durkheim, por meio dos autores Bezerra e Ribeiro (2016), Philippe (2016) e Viana (2012), pode-se definir que a divisão social do trabalho tem como objetivo o aprimoramento dos ofícios desenvolvidos pelas pessoas de uma sociedade, os quais as tornam independentes. De modo semelhante, a solidariedade orgânica se manifesta pela separação social do trabalho. Todavia, torna os sujeitos dependentes na sociedade moderna como um todo.

Estabelecendo uma relação entre as ideias de Durkheim e o trabalho docente, no qual o professor (representante da geração adulta) realiza sua atividade profissional, conclui-se que a ideia de educação para o sociólogo estava relacionada à sociedade humana, pela qual o docente executa tanto seu caminho pessoal quanto a sua atuação no projeto coletivo da sociedade e no mundo do trabalho. Nessa perspectiva, o adensamento do trabalho docente poderia ser naturalizado em uma perspectiva de que faz parte da função orgânica do professor sua adaptação ao novo sistema produtivo que rege a sociedade. Noutro giro, COSTA (1995) e CLOCK *et al.* (2018) apresentam o trabalho do professor na atualidade como um ato de reflexão, pois remete inferências que afetam os docentes e suas práticas.

Findadas as considerações sobre a Sociologia Funcionalista de DURKHEIM, discorre-se também brevemente sobre a visão de MAX WEBER e a sociologia compreensiva.

### 2.1.2 Max Weber e a Sociologia Compreensiva

O alemão Max Weber realizou em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* um estudo sobre como a religião protestante projetava o trabalho na sociedade, o qual era considerado como uma ferramenta de salvação divina. Diante dessa visão, surge a expressão “combate ao ócio e à preguiça”. Max Weber é visto como um dos pioneiros da sociologia moderna, junto a Comte, Marx e Durkheim. (BEZERRA; RIBEIRO, 2016).

Os estudos de Weber colidiram com o pensamento de Durkheim ao reconhecer que o ser humano não era um simples meio de resposta automática da estrutura social, mas agia e atuava sobre ela. Porém, para Weber, não seria possível a construção de “coesão” nem de “consenso social” (como defendia Durkheim), porque cada um pensa de um jeito e vê o mesmo objeto a partir de perspectiva distinta. Para o sociólogo alemão, a moral e a cultura eram os alicerces de seus estudos sobre a origem do capitalismo e o sistema produtivo; o conhecimento, por sua vez, era a base e o meio de influência. Consequentemente, de acordo com Bezerra e Ribeiro (2016), para Weber, o ser humano era quem escolhia o seu comportamento e atribuía a sua ação.

Dessa forma, nas propostas de Weber, prevaleciam os valores culturais dos sujeitos diante da formação social, existindo uma ligação entre atitudes e valores. Os sujeitos não eram passivos, uma vez que manifestavam e explicavam suas decisões e escolhas conforme as subjetividades e propósitos. O tema da sociologia compreensiva tinha, portanto, como resultado, o estudo e o entendimento da ação social do novo homem.

Segundo o que Bezerra e Ribeiro (2016) e Viana (2012) reiteram, o método compreensivo não buscava entender as leis, mas sim perceber o fenômeno, formar e trazer a ideia de tipo ideal, expressão tendenciosa dos aspectos daquela realidade, a qual estava interligada ao modo individualizado do sujeito.

Por conseguinte, o tipo ideal não atendia à situação uniforme da realidade. O método compreensivo, de acordo com Viana (2012), justificava-se na formação de

tipos ideais, sendo verdadeiras tipologias: os tipos de dominações legítimas, os tipos de educação, os tipos de capitalismo, os tipos de ação social e assim por diante.

Bezerra e Ribeiro (2016) e Viana (2012) concordam que, para Weber, a ação social podia acontecer de maneira unilateral ou bilateral. A ação unilateral transcorria se apenas um indivíduo fornecesse o sentido de sua ação em relação à outra pessoa. A ação bilateral se dava quando o outro indivíduo, igualmente, exercia a mesma ação social com o sentido retomado para o primeiro sujeito.

Viana (2012, pp. 46-47) exemplifica as ações unilateral e bilateral da seguinte maneira: “nesse caso de ação social bilateral, que é recíproca, temos uma relação social. O amor não correspondido é uma ação unilateral, e o correspondido é bilateral, constituindo uma relação social”.

Weber, fundamentado em seus estudos de cunho moral e cultural de como surgiu o capitalismo, colocou como base a igreja protestante, justificando a existência de uma forte relação entre a formação do capitalismo moderno e a propagação dos valores explicativos puritanos. Nessa perspectiva, obtinham a redenção divina apenas os que se entregavam de corpo e alma ao trabalho, alcançando, assim, a riqueza e o sucesso.

Weber concedia ao trabalho um valor inigualável, promovendo a imagem de uma obrigação moral, culpabilizando a preguiça e o descanso. Assim como destaca Viana (2012), é interessante notar que, na história feudal e no início da história moderna, com a colonização, o trabalho era considerado como um dever dos escravos e dos servos; já na sociedade capitalista, torna-se enaltecido pela comunidade protestante.

Weber notou ainda que, para um bom andamento do Estado Moderno, era fundamental a presença de um raciocínio mais técnico, representado pela burocracia. Em outras palavras, havia a necessidade de especialistas que anunciassem condições de ação e de trabalho. O Estado, a Igreja e a ciência, por seu turno, de modo semelhante, também exerciam atividades de racionalização para que pudessem alcançar metas estabelecidas.

Bezerra e Ribeiro (2016, p.66) comentam que tais metas para Weber “deveriam ser claras e objetivas, de acordo com os meios disponíveis”. Weber colaborou para o entendimento e a discussão de fatos da sociedade moderna, particularmente, do racionalismo instrumental, ou seja, essa racionalização estava voltada ao

desenvolvimento da sociedade e às maneiras como as instituições se formaram. Logo, a ação racional seria uma ação recíproca, que envolvia a sociedade e o indivíduo.

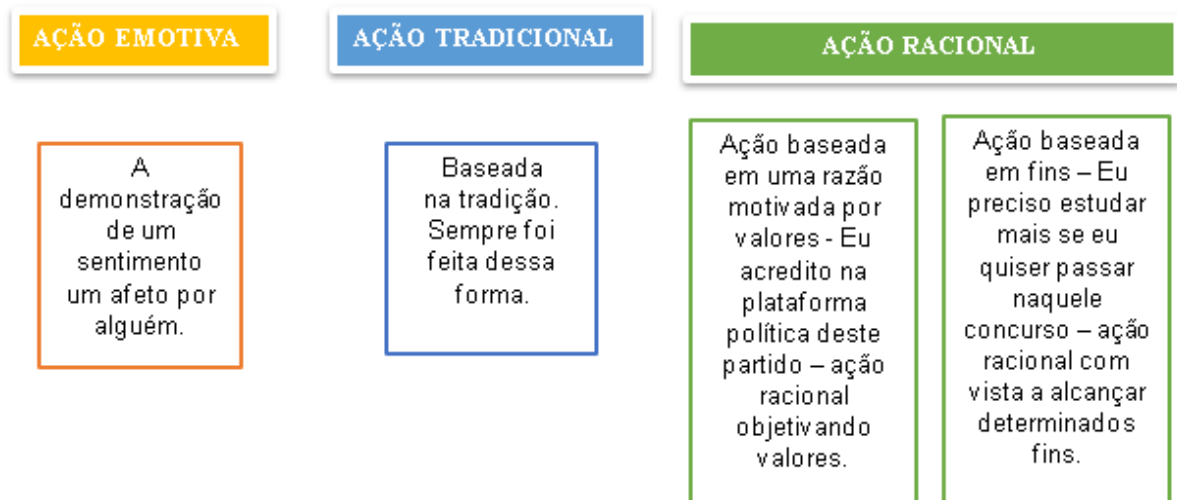
**Figura 2 - A ação racional segundo Weber**



Fonte: Própria autora.

A figura 3 ilustra o pensamento de Weber sobre o sujeito não ser apenas uma representação do que acontecia na sociedade, mas também atuante sobre ela. Trata-se de uma ação carregada de definições, de subjetividade, apoiada em uma racionalidade variada e de emoções. Encontram-se quatro tipos de ação social em Weber: a ação social afetiva, a ação social tradicional, a ação social racional em função a valores e a ação social com relação a fins.

**Figura 3 - A ação social de acordo com WEBER**



Fonte: Adaptado de Bezerra & Ribeiro (2016, p.69).



Weber, em suas teorias sociológicas, distinguia no sujeito uma pessoa de racionalidade, capaz de efetuar ações pensantes de maneira coerente. Quanto ao trabalho, para a sociedade protestante da Inglaterra na época, tratava-se da origem do espírito capitalista, e a aptidão para o trabalho era um fim em si mesma.

Segundo Quitaneiro, Barbosa e Oliveira (2002) em consonância com Bezerra e Ribeiro (2016), Weber não acreditava nas formulações de leis evolutivas universais e de aceitação; ao contrário disso, acreditava que a pesquisa histórica mostrava situações bem diferentes, ou melhor, as inúmeras distinções existentes entre as várias sociedades.

Em seu livro *a Ética protestante e o espírito capitalista*, Weber relacionou o papel do protestantismo com a construção e o desenvolvimento do comportamento próprio do capitalismo ocidental moderno. Weber partiu de elementos estatísticos, os quais revelaram que os grandes homens de negócio, os empresários bem-sucedidos e a mão de obra especializada eram os apreciadores e discípulos da reforma protestante.

A partir daí, Weber buscou encontrar ligações entre a doutrina e a pregação protestante, bem como identificar os impactos dessa relação no comportamento dos sujeitos e no adensamento do moderno capitalismo. Diante de tais interesses, ele percebeu que os valores do protestantismo, tais como as disciplinas ascéticas, o dever, a poupança, a vocação e tendência ao trabalho, atuavam de maneira decisiva sobre os indivíduos. (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002).

Nessa investigação, Weber constatou que, nas famílias protestantes, os filhos eram criados para o ensino especializado e para o trabalho fabril, o qual priorizava sempre as atividades mais voltadas à obtenção do lucro, de preferência aos cálculos, aos cursos técnicos, em detrimento dos estudos humanísticos.

Com tais conclusões, Weber mostrou a formação de uma nova mentalidade, um *ethos*, isto é, um conjunto de valores, de costumes e de hábitos fundamentais propícios ao desenvolvimento do capitalismo.

Thélène (2016), Quitaneiro, Barbosa e Oliveira (2002) ressaltam que, conforme as proposições de Weber, o indivíduo precisava sair-se bem em suas profissões, em suas virtudes e atributos de vocação. Nessa lógica, o protestantismo puritano ajusta-se, naturalmente, ao mercado de trabalho, pois junta capital e o reinveste de modo a obter lucros.

Weber faz ainda uma relação entre o catolicismo e protestantismo, verificando que o último mostrava uma predisposição ao racionalismo econômico, que é a base da ação capitalista.

Outro estudo desenvolvido pela sociologia de Max Weber foi o conceito de sociologia de estratificação social, ou seja, a área da sociologia que se ocupava da pesquisa sobre a posição social, sobre o *status* dos sujeitos na sociedade e sobre a especificação dos procedimentos que geravam as discriminações sociais entre eles.

Quitaneiro, Barbosa e Oliveira (2002) retratam tal estratificação da seguinte maneira:

Esta forma de estratificação já foi mais significativa no passado e pode chocar-se com a racionalidade presente na esfera econômica dominante na sociedade capitalista. Isto significa que, nas sociedades ocidentais contemporâneas, embora a situação de *status* não esteja determinada pela mera posse de bens, a longo prazo a propriedade torna-se reconhecida como uma qualificação estamental, porque a própria possibilidade de manter um estilo de vida distintivo exige uma certa disponibilidade de recursos a qual é, por sua vez, garantida por uma participação regular no poder econômico. (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 116).

Com relação ao aspecto social, sujeitos e grupos sociais eram reconhecidos de acordo com as peculiaridades e os valores, dando origem a diversos grupos e tipos de *status*. Já do ponto de vista econômico, as classes sociais eram diferenciadas de acordo com as possibilidades financeiras de vida, responsáveis por limitar os sujeitos em grupos positivos os negativamente desfavorecidos.

Ao contrário de Weber, que defendia que as hierarquias e os atributos sociais acatavam as lógicas diferentes no ambiente social, político e econômico, Karl Marx explicava essas diferenças classificatórias apenas como fatores econômicos. Parte-se agora a uma análise das proposições de Karl Marx para uma sociologia da contradição.

### 2.1.3 Karl Marx e a Sociologia da Contradição

Os estudos de Marx analisaram a sociedade capitalista e seu desenvolvimento com base na produção de bens, pertences e da existência, concebendo a desigualdade social e a divisão social entre trabalhadores, os descritores, a política e os empresários.

O alemão Karl Marx, ao analisar a sociedade capitalista, a luta dos trabalhadores e de seus movimentos por direitos, destinou-se a produzir livros e artigos que demonstravam a desigualdade social nessa sociedade e apontar caminhos de superação dessas desigualdades.

No ano de 1848, Marx publicou o Manifesto Comunista<sup>2</sup>, obra na qual abordou as classes sociais, o enfrentamento, bem como as lutas constantes as quais terminavam sempre em uma transformação revolucionária na sociedade e, ainda, no eventual enfraquecimento das classes em luta.

Nos estudos de Pierre (2016), Quitaneiro, Barbosa e Oliveira (2002), os autores fazem uma análise do ponto de vista marxista da história de uma sociedade estruturada dentro do sistema produtivo, baseada na propriedade privada dos meios de produção, que pode ser representada como a história das lutas de classe.

Essa expressão trata a existência de diferenças em uma estrutura classista, bem como da oposição de interesses que descrevia, indispensavelmente, uma relação de contradição entre as classes de acordo com o caráter dialético da realidade.

Nessa compreensão, as classes dominantes se garantiam na exploração do trabalho daqueles menos favorecidos, os quais não eram donos nem possuidores dos meios de produção. A relação entre as classes dava-se de maneira opressora no que diz respeito às dimensões social, intelectual, religiosa e política. Era, portanto, de confronto e enfrentamento, ainda que meramente potencial. (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002).

No Manifesto Comunista, Karl Marx pregava a conciliação dos trabalhadores do mundo, como forma de combaterem as injustiças que a sociedade capitalista simbolizava em sua época. Ele também pregava a luta dos trabalhadores pela instalação do socialismo.

Fazendo uma análise descrita pelos autores supracitados, a teoria sociológica de Karl Marx estava relacionada com o materialismo histórico dialético, visto que a realidade social era compreendida por ele como uma concretude histórica, ou seja, como um conjunto de relações sociais de produção que definia cada sociedade em um espaço e tempo determinados, a depender da sua capacidade produtiva. Para

---

<sup>2</sup> O livro *Manifesto Comunista* foi publicado originalmente em 1848, em Londres, tendo como título original Manifesto do Partido Comunista.

Marx, quem fazia a história eram os homens e, para que essa história acontecesse, o homem devia estar e permanecer vivo.

Dessa forma, o fator histórico humano é compreendido como formação das condições materiais de existência. Marx, em seu manifesto, afirma que o ser humano precisa relacionar-se com o outro para que, por meio do trabalho, possa modificar a natureza e dela recolher tudo que precisa para viver: um lugar para morar, roupas para usar, alimentos e outros.

A união dos homens com o intuito de produzir o que eles precisavam para viver, é denominada por Marx como relações sociais de produção. A análise de Marx da sociedade conclui que o homem, pela interação com a natureza e com outros sujeitos, dá sentido à sua vida material.

Pierre (2016) comenta que a base das sociedades para Marx dependia de como os homens estabeleciam e estruturavam a produção social de bens. Para isso, Marx tinha duas condições básicas: as forças produtivas e as relações sociais de produção.

A primeira tratava das forças de produção que reuniam os esforços produtivos materiais (técnicas de produção, ferramentas, as ciências, inclusive máquinas), os esforços produtivos humanos e a força de trabalho. A relação de produção, por sua vez, institui uma ligação entre as forças produtivas materiais, o capital – também chamado de meios de produção – e a força de trabalho. Essa junção entre os dois termos caracterizou o modo de produção, o qual Marx categorizou como produção escravista, feudal e capitalista, entre outras. (IBIDEM, 2016).

De acordo com Pierre (2016), as relações sociais de produção são os modos pelos quais o ser humano se ajusta para realizar a atividade produtiva. Elas se referem às diversas maneiras de adaptação e organização do trabalho como, por exemplo, a matéria-prima, as ferramentas, os próprios operários e o produto do trabalho.

Assim sendo, as relações sociais de produção existem em quatro categorias: as escravistas, como no passado; as servis, como no sistema feudal da Europa; as cooperativistas, como em um mutirão, e a capitalista, como é atualmente na indústria moderna.

Para Pierre (2016), Quitaneiro, Barbosa e Oliveira (2002), consoante Marx, a história do homem é a narrativa do desenvolvimento e do declínio de diferentes meios e relações de produção. Esse último aponta alguns modos de produção específicos: o sistema comunal primitivo, o modo de produção asiática, o modo de produção

antiga, o modo de produção germânica e, por último, o modo de produção capitalista. Cada um representa passos de evolução da propriedade privada e do surgimento da exploração do homem pelo homem.

Marx conclui que a história de toda a sociedade que já existiu e ainda existe tem sido a história das lutas de classes. Em outras palavras, para o materialismo histórico, a luta de classes é o motor da história e relaciona-se diretamente à mudança social, à superação das contradições existentes. É por meio da luta de classes que as principais transformações estruturais são impulsionadas, por isso ela é dita o “motor da história”. Dessa forma, a classe explorada constitui-se como o mais potente agente da mudança. (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 41).

Para expandir sua teoria, bem como explicar as origens das classes sociais e do capitalismo, Marx valeu-se de uma concreta visão histórica de conceitos e de fundamentos abrangentes da análise crítica da época em que viveu. Ele atribuiu a origem das desigualdades sociais à concentração de riqueza em território europeu no século XIII até meados do século XVIII. Nas mãos de poucos, concentrava-se muito, posto que determinados sujeitos tinham como metas acúmulos de bens e ganho de lucros cada vez maiores. (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002).

A Revolução Industrial, a partir do século XVII, desencadeou inovações tecnológicas na produção, as quais favoreciam o aumento da velocidade no processo de separação entre trabalhador e instrumento.

Em outros termos, as máquinas mais caras ficavam mais acessíveis apenas aos mais ricos, enquanto artesãos desistiam da produção individual e, sem seus próprios meios de produção, empregavam-se nas indústrias como operários, formando, junto aos trabalhadores que vinham do campo, uma nova classe social: o operariado.

Na segunda metade do século XVIII, com a Primeira Revolução Industrial, que coincidiu com o nascimento do termo *proletariado*, intensificou-se a política e o crescimento urbano, estabelecendo-se um ambiente social muito diferente do que existia. (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002). De acordo com Mészáros (2006), nos manuscritos econômicos-filosóficos, Marx afirmava que o trabalho não podia ser entendido apenas como atividade produtiva, mas sim como atividade estruturada dentro dos moldes capitalistas. Nessa obra (*os manuscritos econômicos-filosóficos*), Marx aprofunda o conceito “alienação” para definir a falta de contato e a repulsa do trabalhador em relação ao objeto que ele mesmo produz. A apropriação do

objetivo aparece como alienação a tal ponto que, quanto mais objetos o trabalhador produz, menos pode possuí-los, sendo dominado pelo seu produto, o capital, ou seja, quanto mais o trabalhador se empenha e se desgasta na produção, mais poderoso se faz o mundo dos objetos por ele produzidos e mais pobre se torna sua vida interior, e menos ele pertence a si próprio, resultando em sua alienação. (MARX, 2004).

Para Marx, a alienação acontece quando o indivíduo perde a si mesmo e o seu trabalho no capitalismo, no qual o trabalhador assalariado, submetido a uma posição de desigualdade diante de seu empregador, é dominado por ele, que também domina a produção. (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002).

Dessa forma, para esse sociólogo, economicamente, o capitalismo leva à alienação, visto que separa o trabalhador dos meios de produção. Sendo assim, as ferramentas, as matérias-primas, a terra e as máquinas tornaram-se posse do capital e de quem o detém.

O trabalhador, por seu turno, perdeu de vez o controle do fruto e do resultado de seu trabalho. A industrialização, a propriedade privada e o assalariamento isolaram o trabalhador dos resultados do seu trabalho. Para Marx, essa é a base da alienação econômica do homem sobre o capital, ideia essa que foi aprimorando ao longo da vida.

[...] a tese da exploração inscrita nos trabalhos da maturidade de MARX que fundamenta cientificamente o conceito de *alienação* já está presente nas obras de juventude. Assim, a crítica econômica-social do capitalismo feita por MARX, que se tornou homem da ciência, poderia ser o prolongamento, sem fratura nem “ruptura epistemológica”, dos temas filosóficos de juventude tão amplamente impregnados do pensamento de Hegel [...]. (PIERRE, 2016, p. 126).

À vista disso, politicamente, o homem tornou-se alienado pelo princípio da representatividade, já que, com base no liberalismo, criou-se a falsa ideia do Estado como representante político e imparcial, capaz de representar toda a sociedade e conduzi-la pelo poder dado pelos sujeitos que nela participavam. Marx apontou que, na sociedade burguesa de sua época, o Estado representava somente a classe dominante que atuava conforme seu próprio interesse.

Nessa compreensão ainda, filosoficamente, o homem também se tornou alienado, pois a filosofia passou a criar representações do indivíduo na sociedade. Para Marx, a divisão social do trabalho fez com que as filosofias passassem a ser a

atividade de um determinado grupo, de forma a serem parciais a ponto de refletirem apenas o pensamento desse grupo.

Outro estudo central de Karl Marx, segundo Pierre (2016), é o conceito de classes sociais. As ideias liberais que surgiram com o Iluminismo consideravam que os homens eram todos iguais por natureza, tanto política como juridicamente, logo a justiça e a liberdade eram direitos de todos os cidadãos.

Porém, Marx aponta que tal liberdade não existe, pois o homem não está livre das evidentes desigualdades determinadas historicamente pela sociedade. Essas desigualdades são consequências da produção do sistema capitalista, o qual divide os sujeitos em proprietários e não proprietários dos meios de produção. Tais desigualdades são os alicerces da criação das classes sociais.

Pierre (2016, p.31) afirma que “a produção capitalista não é apenas a reprodução da relação, é sua reprodução numa escala cada vez maior, o *crescimento do capital*, portanto, ocorre de par com o aumento do proletariado [...]”. Dessa forma, as relações entre os homens convertem-se em oposição e antagonismo, exploração e complementaridade entre as classes sociais.

Existe, portanto, dentro da visão marxista, uma relação de exploração entre as classes dos proprietários, da burguesia e dos trabalhadores. A posse dos meios de produção, decorrente da propriedade privada, faz com que o proletariado, para garantir a sua sobrevivência, acabe vendendo sua força de trabalho ao empresário capitalista, que, por sua vez, toma posse do produto do trabalho de seus operários.

Quitaneiro, Barbosa e Oliveira (2002) abordam a questão como:

o surgimento de um excedente da produção que permite a divisão social do trabalho, assim como a apropriação das condições de produção por parte de alguns membros da comunidade os quais passam, então, a estabelecer algum tipo de direito sobre o produto ou sobre os próprios trabalhadores. (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p. 38).

Tais relações são de antagonismo e de oposição, dado que os interesses das classes são inconciliáveis. Dessa forma, o capitalista pretende preservar seus direitos de propriedade de meios de produção, dos produtos e a exploração do trabalho do operário, seja ampliando a jornada de trabalho, seja diminuindo o salário. O trabalhador, no que lhe diz respeito, busca diminuir essa exploração, lutando por uma jornada de trabalho menor, melhores salários e participação nos lucros. (PIERRE, 2016).

Por outro lado, as relações entre as classes também são complementares, pois uma só existe por causa da outra. Assim sendo, as classes sociais são complementares e interdependentes. Para Marx, a história do homem é a história da luta de classes, mesmo que, às vezes, essa luta não se manifeste em forma de guerra declarada.

De acordo com Quitaneiro, Barbosa e Oliveira (2002), o operário é aquele que, nada tendo, é posto a sobreviver da venda da sua força de trabalho. No capitalismo, essa força de trabalho se identifica como mercadoria, algo que se pode comprar ou vender, surgindo, dessa forma, um contrato entre o operário e o capitalista, de forma que o segundo compra ou aluga por certo período a força de trabalho do primeiro e, em troca, paga ao seu trabalhador certa quantia, denominada salário. “De um lado, está o trabalhador que oferece no mercado sua força de trabalho; de outro, o empregador que a adquire por um salário. A ideia de equivalência na troca é crucial para a estabilidade da sociedade capitalista”. (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p.109).

Assim, o capitalismo, em Marx, considera a força de trabalho uma mercadoria, a qual, por envolver seres humanos, não se confunde com as demais coisas. Enquanto os produtos, ao serem usados, acabam ou se desgastam, o uso da força de trabalho significa criação de valor.

De acordo com Pierre (2016), segundo Marx, o trabalho, ao ser realizado em um determinado objeto, provoca no homem uma espécie de ressurreição. Dessa forma, tudo que é criado pelo homem contém em si um trabalho passado, morto, que só pode ser reanimado por outro trabalho.

Um pedaço de couro animal curtido, uma faca e um pedaço de pano são todos frutos do trabalho humano, deixados por si mesmos. São coisas mortas. No entanto, se forem usadas para produzir um par de sapatos, renascem como meio de produção, se incorporando em um novo produto, uma nova mercadoria, um novo valor.

Conforme Pierre (2016, p.18):

[...] há diferentes categorias de trabalho, do mais complexo ao mais simples, MARX propõe converter uma dada quantidade de trabalho complexo em uma quantidade maior de trabalho simples.

Pode-se, portanto, converter toda mercadoria a uma quantia de trabalho humano.

Por exemplo, a fabricação de um lápis é a soma de:

- a matéria-prima (madeira, grafite e tinta) convertida em x minutos de trabalho;
- o desgaste da máquina do operário em y minutos de trabalho;



- o tempo de trabalho do operário que faz o lápis na máquina. Assim, todos os valores de troca das mercadorias podem ser expressos em tempo médio de trabalho socialmente necessário, que funciona então como equivalente geral de todas essas mercadorias, inclusive a força de trabalho[...]. (PIERRE, 2016, p.18).

De modo geral, as mercadorias necessitam da colaboração de várias habilidades e de profissionais distintos, tanto que seu valor deve incorporar todo o tempo gasto específico para sua produção.

Dentro da visão marxista, uma coisa é o valor do trabalho do operário e seu salário, outra é o quanto esse trabalho rende a mais ao patrão. Assim, o capitalismo obtém à força o trabalho do proletário por um tempo estipulado pelo seu valor que, de certa forma, corresponde à certa quantidade de trabalho. (PIERRE, 2016).

O conjunto das forças produtivas e das relações sociais de produção de uma sociedade forma a sua estrutura, a qual constitui as instituições sociais e políticas. Das condições materiais de existência, os homens produzem outro tipo de produto que não possui necessariamente aspecto material como, por exemplo, as concepções religiosas, as ideologias políticas, as normas morais e estéticas, os procedimentos legais, de comunicação, de ensino, as ilusões, os conhecimentos, as concepções de vida e o modo de pensar. (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002).

Porém, não se trata apenas da visão do trabalho material. Marx expõe também o trabalho imaterial que, em linhas gerais, apresenta-se como um trabalho sem natureza física, tendo sua formação predominante em trabalhos intelectuais que estão relacionados a gerências, controle dos processos de trabalhos, atividades produtivas que têm como base a informação e o conhecimento, sendo considerada a essência sólida do trabalho imaterial. (QUITANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002).

Assim, no que se refere à visão de sociedade e de indivíduo na sociedade, estudando os três sociólogos, pode-se fazer uma relação entre eles, de acordo com o quadro a seguir:

### QUADRO 3 - Émile Durkheim – Max Weber – Karl Marx

SOCIÓLOGO	A VISÃO DE SOCIEDADE E DE INDÍVIDUO PARA CADA SOCIÓLOGO
-----------	---

<p><b>ÉMILE DURKHEIM</b> (1858 – 1917)</p>	<p>A sociedade é um fato social, um conjunto de regras e normas gerais que orientam, direcionam e condicionam a ação do sujeito. Sendo um fato social, tem por particularidade ser exterior ao sujeito coercitivo. Dessa forma, a sociedade sobrepõe sobre o sujeito em relação a costumes, normas, regras e leis.</p>
<p><b>MAX WEBER</b> (1861 – 1920)</p>	<p>A sociedade é uma ação social, sendo classificada em quatro tipos ideais: a tradicional, que é conduzida por costumes e hábitos; a afetiva, que determina os estados emocionais; a racional, motivada por valores, ou seja, definida pela religião e crença que produz um valor relevante para o sujeito; a racional, determinada pelos fins nos quais se deseja chegar, estabelecendo os meios para se alcançar tais objetivos.</p>
<p><b>KARL MARX</b> (1818 – 1883)</p>	<p>A sociedade é dividida em classes sociais: de um lado, apresenta os proprietários dos meios de produção e, de outro, os proletariados. Sendo possível perceber as relações dos sujeitos com base nas contradições, nos antagonismos e na correlação entre as classes sociais.</p>

Fonte: Acervo da pesquisadora.

Ao analisar o trabalho na sociedade atual, identificam-se semelhanças com as propostas de Karl Marx, principalmente quando ele versa sobre os trabalhadores dentro de seus contextos de trabalho, bem como sobre a forma de controle materialista e de alienação, a qual foi se estabelecendo em grupos de profissionais, inclusive entre os docentes.

Dessa forma, busca-se nesta pesquisa não tratar a alienação como um fim em si mesma, mas como uma questão secular das sociedades pelas quais as divisões de classes, decorrentes, dentre outros, do trabalho, prevaleceram. Logo, torna-se imprescindível fazer uma reflexão da conjuntura atual, no que se refere à carga horária despendida nas atividades do professor fora da sala de aula e da consciência alienada de suas horas expandidas.

Sintetizando, Marx chama de estrutura a base material da sociedade e, superestrutura, a base ideológica da sociedade, de forma que existe interação entre elas. Assim, quando mudam as relações de produção e o nível de complexidade das forças produtivas, conseqüentemente muda a base ideológica da sociedade.

#### 2.1.4 A sociologia da educação

Por ser a educação um reflexo da realidade, faz-se necessário analisar alguns pontos fundamentais que a constituem. O interesse dessa sessão, de modo mais específico, é a compreensão da educação estar cada vez mais relacionada à escola; pelo diálogo estabelecido entre ela e os fatos atuais, bem como pelo trabalho docente diante do atual cenário educacional associado ao contexto histórico social.

Segundo Souza (2015, p. 9), para tal análise, “[...] a tarefa a ser levada a efeito é tentar compreender a relação entre o mundo das ideias que faz brotar as utopias pedagógicas e o mundo da realidade concreta no qual essas ideias se assentam”.

Inicia-se esse processo de compreensão pelo que fora proposto pelo Iluminismo e permanece, de certa forma, na contemporaneidade. Com o Iluminismo e o Positivismo, criou-se uma perspectiva confiante e esperançosa a respeito da educação e da escola.

Entretanto, é válido questionar e verificar sobre os encargos e condições materiais do trabalho dos docentes no mesmo mundo inquieto e de grandes inovações que deseja *feedbacks* positivos da educação. (SOUZA, 2015).

Tais questionamentos são bastante oportunos, uma vez que, no geral, o ser humano se considera detentor de boas opiniões e conclusões. Todavia, apesar do fato de muitos demonstrarem suas convicções sobre o assunto, o que está em pauta é muito mais do que “um achar” ou “um pensar” a respeito da educação e do profissional chamado professor.

Realizando uma digressão, de acordo com Souza (2015), no século XX, o sociólogo Wright Mills fez uma análise arrasadora da sociedade moderna norte-americana e, por conseguinte, das outras sociedades que se organizaram em concordância com aquele modelo.

As análises de Mills foram elaboradas em meados da Guerra Fria. Contudo, ainda persistem como advertência de um futuro incerto. A defesa do sociólogo é sobre a rapidez das mudanças, das transformações e a maneira como afetam a vida das pessoas, submetendo-as a um sentimento de ameaça e de encurralamento.

Ao elaborar esse raciocínio, Wright Mills referia-se à Terceira Revolução Industrial, em outros termos, ao fato dos homens, na modernidade, sentirem demasiada desordem quanto à vida. Sobre isso, Souza (2015) afirma que, mesmo que as pessoas tenham uma consciência e discernimento das ameaças que transcendem seus cenários imediatos, sentem-se cercadas e encurraladas.

Na visão do sociólogo Wright Mills, há uma quantidade de fatores que representam a sociedade em transformação, na qual as pessoas que nela vivem são sujeitadas e submetidas a sentimentos de angústia, de aflição, de indecisão, de múltiplos trabalhos, o que os leva a um esgotamento de suas capacidades físicas, intelectuais, bem como ao encantamento de se viver em uma sociedade totalmente moderna, de constantes mudanças. (SOUZA, 2015).

“As perturbações pessoais ocorrem dentro do universo particular dos indivíduos, isto é, das suas relações imediatas com os outros, do espaço social do imediatismo vivido, dos assuntos privados que mobilizam seus interesses” (SOUZA, 2015, p.16). Esses problemas também acontecem na educação e são facilmente identificados em constatações como: “só serão resolvidos quando os professores começarem a levar coisas diferentes e interessantes” para seus alunos, em suma, os docentes têm trabalhado em uma fábrica de ensinar.

Ao considerar essas transformações sociais e pessoais pelas quais as pessoas foram se submetendo, torna-se relevante pensar sobre os motivos peculiares da inquietação e da indiferença no contexto contemporâneo quando se trata da educação. Sobretudo quando há autores e estudiosos que insistem na afirmação de que as coisas só mudarão quando os professores “levarem coisas diferentes”, sem ao menos considerar que esse tipo de tarefa vai além da sala de aula, ainda mais atualmente, em que a tecnologia faz parte do contexto escolar como ferramenta de trabalho do professor. (SOUZA, 2015).

Quanto à relação educação, escola e trabalho do professor, Costa (1995) realiza uma comparação entre a primeira metade do século XX e o crescimento da sociedade capitalista voltada às ideias liberais. Na primeira metade do século, imperava a ideia de que a educação e a escola mantinham uma relação positiva com a sociedade. Numa perspectiva iluminista, uma se relacionava à outra de modo integrado e harmônico, o que colaborava para o surgimento de estudos que abordavam o trabalho do professor sob uma percepção determinada e ordenada.

Nessa compreensão, segundo Souza (2015), as necessidades da sociedade são evidentes e a escola é transmissora de uma confiança genérica de sua eficácia de preparar os cidadãos para as exigências sociais. O papel do professor, por sua vez, é fechar o círculo com a intenção de formar o homem para a sociedade. Contudo, tal convicção do poder da educação escolar foi sendo arruinada e, após a Segunda

Guerra Mundial, tanto a esperança no ideal da escola quanto a confiança no docente foram sendo fortemente enfraquecidas, como bem evidenciou Adorno (1995).

Diante disso, conforme Costa (1995), faz-se necessário um olhar para o trabalho docente enfatizando as mudanças na educação, agravadas pelas revoluções industriais. Com esse intuito, no quadro 6, as três correntes sociológicas já delineadas nessa pesquisa, a de Durkheim, a de Weber e a de Karl Marx são retomadas, assim como seus conceitos, de modo a evidenciar as compreensões de tais sociólogos sobre a educação como agente de reconstrução social.

**Quadro 4 – A escola e a educação apresentada em três correntes sociológicas: Durkheim, Weber e Marx.**

<p><b>ÉMILE DURKHEIM</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• E escola como um fato social. A escola determina formas de regulação social, moldando os sujeitos e grupos à maneira que a sociedade estabelece. A educação se estabelece em um procedimento constante permitindo a regra e o equilíbrio social, visto que, pela educação, determinam-se valores éticos.</li> <li>• A educação acontece como fonte de socialização. Ela consistia em reproduzir regras e normas existentes na sociedade. A educação tem poder coercitivo sobre os sujeitos e grupos, gerando indivíduos que estejam favoráveis às regras e normas, aos hábitos e aos costumes que a sociedade estabelece.</li> </ul>
<p><b>MAX WEBER</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escola como uma ação social. A composição escolar representa um dos instrumentos coercivos de dominação. Ela tem a função de controlar os bens culturais. Dessa forma, há uma interpretação mundana de riquezas de salvação religiosa.</li> <li>• A educação é um cenário de sociedade excessivamente racionalizada, ou seja, os indivíduos ou grupos são qualificados para realizarem certas atividades na disposição burocrática do Estado moderno, assim como na economia capitalista. Acontece em três tipos de situação: o despertar do carisma, a conduta da vida e a pedagogia do treinamento.</li> </ul>
<p><b>KARL MARX</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escola de produção de capital econômico. Uma boa educação não estava no interior de uma escola, mas na ideia de que ela deveria envolver a luta de classes contra as classes dominantes.</li> <li>• Não se debruçou de maneira particular sobre a educação, muito menos a falar sobre o trabalho docente. No entanto, MARX e ENGELS produziram uma teoria social crítica que pode ser aplicada à educação. Realizaram uma análise, entre os séculos XVIII e XIX, da sociedade burguesa. Nesse trabalho, sustentaram que a educação precisaria livrar o indivíduo do meio desumano que acontecia na sociedade industrial. Porém, MARX abordou que a classe trabalhadora mal podia viver. Ele, portanto, acentua a educação como uma ferramenta necessária para estabelecer e resgatar os indivíduos, sugerindo a educação politécnica e omnilateral.</li> </ul>

Fonte: Acervo da própria pesquisadora.

Verifica-se, no quadro 4, que Durkheim levava em consideração o conservadorismo, a partir do qual o sociólogo defendia a ideia de uma educação capaz de manifestar no sujeito o entendimento de aprimorar e desenvolver certos tipos de funções, as quais os deixavam diferentes dos outros sujeitos. A educação ocorria por meio da religião, bem como das classes sociais a que pertenciam e tinha a intenção de ajudar a sociedade da qual faziam parte. Durkheim acreditava que a educação devia ser a defensora do *status quo* capitalista.

Em Weber, a educação torna-se um local de treinamento para o mercado de trabalho, onde as condutas são orientadas pelas ações subjetiva e psicológica, as quais determinam os objetivos a serem alcançados pelo sujeito aprendiz.

MARX não tomou como objeto de estudo a educação em si, ainda que em algumas passagens de seus escritos ele dialogue com ela, numa perspectiva politécnica e omnilateral. De fato, como aponta NOGUEIRA (1990), nem MARX nem Engels se referiram explicitamente à educação, apenas em trechos espalhados ao longo de toda sua obra, sem organizá-los de modo a constituir uma teoria. Contudo, de certa forma apontam que “são os conhecimentos técnicos necessários à compreensão do processo de produção no seu todo que permitirão aos trabalhadores controlar esse processo”. (NOGUEIRA, 1990, p. 91).

Para os três pensadores, o trabalho ocupa um lugar importante para se pensar sobre a sociedade e sobre como ela se estrutura como um todo, consolidando-se na vida social e educacional do sujeito.

#### **Quadro 5 – O trabalho nas teorias de Durkheim, Weber e Marx.**

<b>DURKHEIM</b>	<b>WEBER</b>	<b>MARX</b>
O trabalho produz a divisão social, promovendo a coesão social.	O trabalho é analisado por uma visão religiosa, a qual estabelece diferenças e disciplina.	O trabalho é baseado na exploração e alienação, o que produz a contradição e a luta de classes.

Fonte: Acervo da própria pesquisadora.

Os estudos de Durkheim revelam o processo de migração das pessoas do campo para a cidade. Como consequência dessa mudança, acontece o trabalho nas fábricas, as linhas de produção, a massificação e a compartimentação do trabalho nas indústrias, onde cada um faz a sua parte e maneja um pedaço da produção. Essa

especialização do trabalho produz a solidariedade e a coesão social, pois o trabalhador, diante dessa forma dividida de trabalho, torna-se dependente de outros sujeitos, levando-o à interdependência de relações.

Já Weber mostra que o trabalho tem um lugar importante para a consolidação do capitalismo, bem como da nova lógica de sociedade moderna baseada nos preceitos de acumulação de capital, de riqueza e de lucros. Tal lógica traz a positividade dentro da ideia protestante, na qual o trabalho torna-se o caminho da salvação espiritual; em outras palavras, ser bem-sucedido e ser um bom profissional agrega valores morais, os quais são manifestados na sociedade como um todo.

Karl Marx é um crítico do modo de produção capitalista, em outros termos, do modo de produção pós-revolução industrial que corroborou a entrada massiva de trabalhadores nas fábricas. Marx defende que a segmentação do trabalho – a divisão, a especialização, o trabalho repetitivo – não produz solidariedade. Pelo contrário, ela produz a exploração. Marx observa que o trabalho repetitivo e acentuado traz a alienação, uma vez que o trabalhador não percebe o que acontece no fim, nem qual seria o produto de seu trabalho.

A compreensão de Marx sobre o trabalho favorece as reflexões desta pesquisa, principalmente no que corresponde ao conceito de alienação, o qual é retomado para a construção de uma compreensão do trabalho realizado pelo professor nas horas digitais.

### **3. A EDUCAÇÃO E O TRABALHO DOCENTE NA ERA DAS REVOLUÇÕES INDUSTRIAIS**

Este capítulo apresenta a história da sociedade e suas mudanças no sistema produtivo por consequência das revoluções industriais, abordando também os modos pelos quais a educação foi se adaptando dentro desses contextos.

Os séculos XVIII e XIX foram marcados por muitas transformações e mudanças em decorrência da “era das revoluções” (HABOWSKI & CONTE, 2019; ARCE, 2014; HOBBSAWN, 2013), precisamente pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial, as quais significaram o triunfo do capitalismo industrial.

Aranha (2003) comenta que, no século XVIII, mais especificadamente em meados de 1789, a sociedade era basicamente agrária. Tanto o homem do campo quanto o da cidade não se afastava muito da região onde nascia; a comunicação e a informação eram menos difundidas, permanecendo, geralmente, em determinadas localidades.

Aranha (2003), em concordância com Silva E Gasparin (2006), comenta que aos poucos os valores do mundo feudal foram sofrendo os impactos e as mudanças da Revolução Industrial, momentos em que a técnica e a ciência alteraram a vida das pessoas e o ambiente em que viviam; acontecimentos esses sem precedentes. A Europa, entretanto, no século XVIII, ainda mantinha um aspecto nobre feudal, mesmo em um mundo influenciado pelos novos valores da burguesia, o que pode ser observado nas figuras 4 (um panorama histórico do sistema produtivo e sua organização social) e 5 (a educação e o trabalho do professor na primeira revolução industrial na Europa e no Brasil).

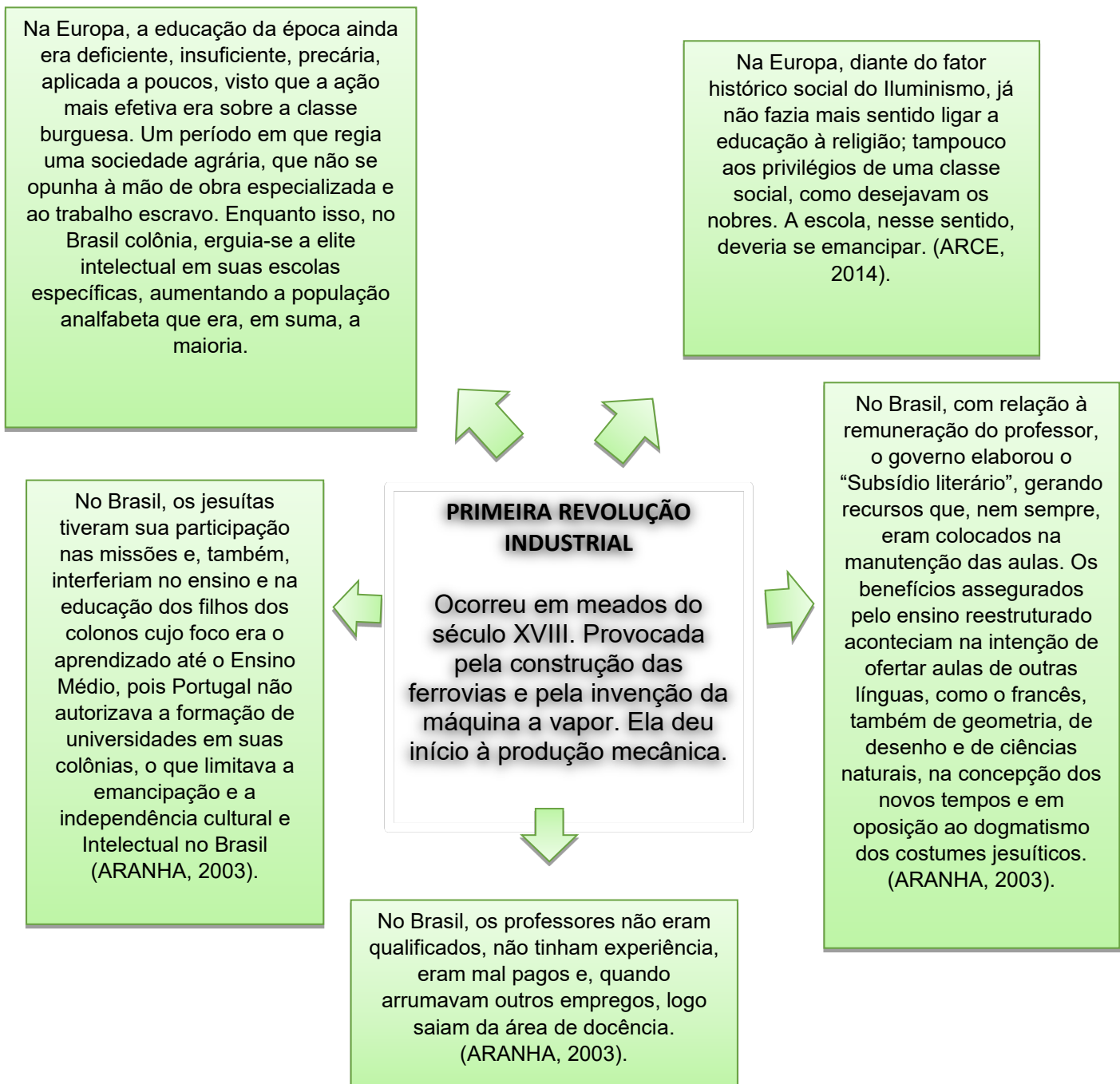


**Figura 4 - Panorama histórico do sistema produtivo na Primeira Revolução Industrial.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

**Figura 5 – Educação na Primeira Revolução Industrial**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Partindo da análise de conjuntura apresentadas nas duas figuras 4 e 5, e segundo contextualização de autores como Aranha (2003) e Arce (2014), cabe lembrar que, durante a Primeira Revolução Industrial, o marquês de Condorcet que,

após a Revolução Francesa foi nomeado deputado da Assembleia Legislativa na França, elaborou o plano de Instrução Pública.

Tal plano, conhecido como *Rapport*, garantia aos cidadãos o direito à escola pública e gratuita e considerava o ensino técnico como importante instrumento na formação profissional do cidadão. O plano do marquês Condorcet não foi aprovado, mas motivou outros planos e projetos educacionais.

Diante desse contexto educacional, Aranha (2003) comenta que, em pleno século XVIII, a profissão docente já era vista como um trabalho desvalorizado financeiramente. Os professores não tinham experiências e muitos estavam na profissão até arrumarem algo melhor. As escolas fundamentais já estavam sendo extintas e as de nível suplementar ou secundárias eram arcaicas e amparavam apenas as classes favorecidas.

Elas eram envolvidas ainda por um sistema medieval de organização, e as universidades possuíam um ensino escolástico. Nas academias, eram estudadas e praticadas a equitação, balística, arte militar, esportes e esgrima, esses considerados nobres (ARANHA, 2003; COSTA, 1993).

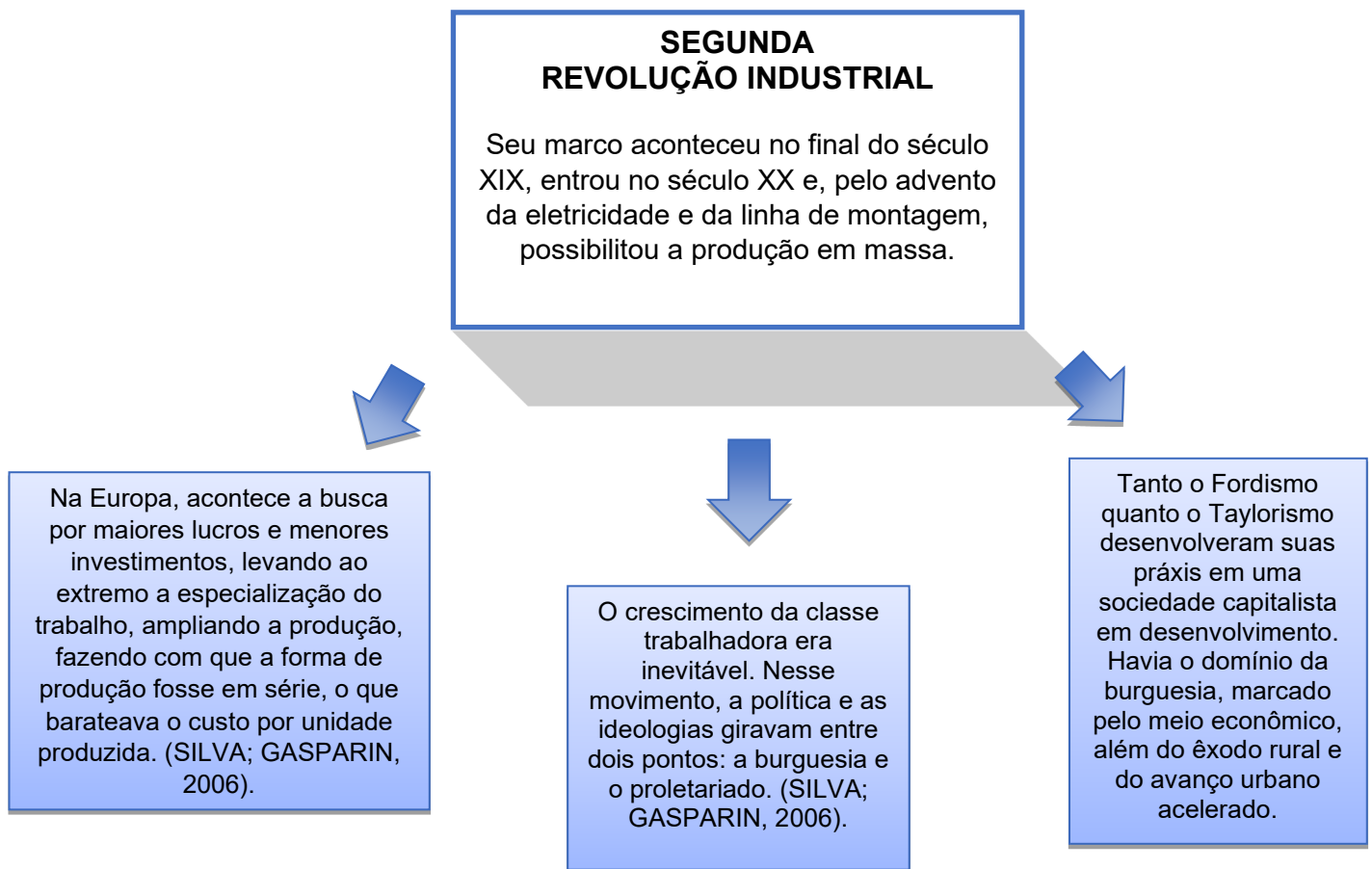
As mudanças nas diversas sociedades ao redor do mundo foram acontecendo gradualmente, tratando-se de um período de grande avanço tecnológico, que teve seu marco inicial na Inglaterra no século XVIII e foi sendo difundido pelo mundo.

Com o desenvolvimento tecnológico afetando fortemente o mundo do trabalho e o sistema produtivo, no século XIX, a segunda Revolução Industrial atribuiu novas peculiaridades e dinâmicas à sociedade. Novas técnicas emergiram: a transição do ferro em aço, a conquista da eletricidade, a chegada dos novos meios de transporte, e, posteriormente, a evolução nos meios de comunicação, o progresso da indústria química e outras inovações.

Com a Segunda Revolução Industrial, intensificou-se a busca por maiores lucros e investimentos, levando ao extremo a especialização do trabalho. O ofício foi ampliado em decorrência da produção em série, o que causava o barateamento por unidade produzida. (SILVA; GASPARIN, 2006).

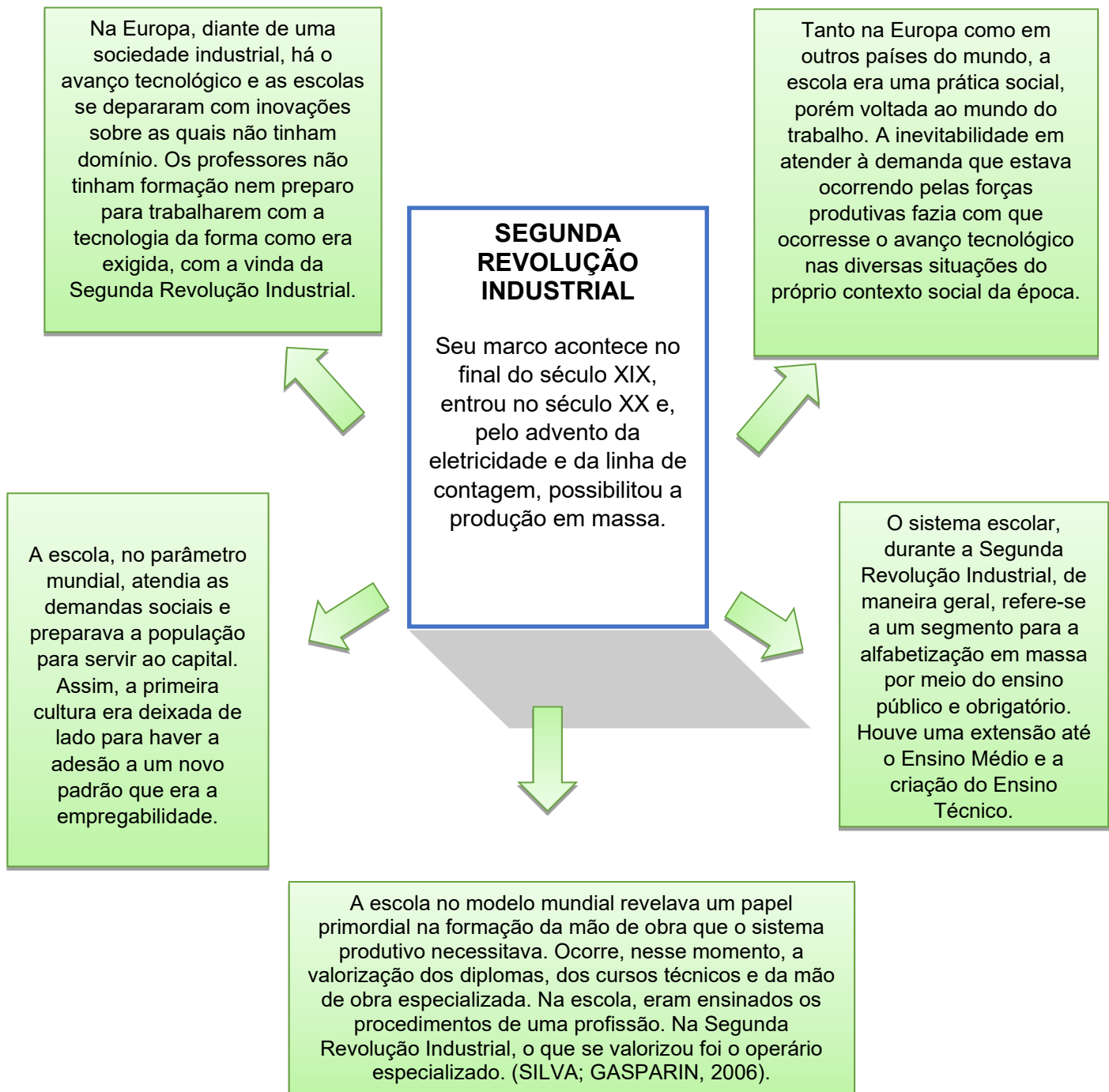
Nas figuras 6 e 7, há uma síntese dos eventos relacionando o sistema produtivo com a educação e o trabalho do professor e que foram marcados pela Segunda Revolução Industrial.

**Figura 6** - Panorama histórico do sistema produtivo na Segunda Revolução Industrial.



Fonte: acervo da pesquisadora.

**Figura 7 – A educação e o trabalho docente na Segunda Revolução Industrial**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Analisando as figuras 6 e 7, durante a Segunda Revolução Industrial, ao mesmo tempo em que o Estado oferecia para as classes menos favorecidas a escola de ensino gratuito, os ricos ainda colocavam seus filhos nas escolas religiosas tradicionais. Paulatinamente, o Estado foi interferindo nas escolas e, pela

regulamentação legal, buscava universalizar o calendário escolar, o currículo e o tempo no ambiente escolar, com a criação de sistemas educativos nacionais.

Segundo Aranha (2003, p. 336): “Nesse período, verificou-se uma nítida separação entre os pedagogos ou teóricos da educação, e os educadores propriamente ditos, que exerciam seu mister nas salas de aula”. Surge um aumento da rede escolar, não somente em quantidade de escolas, como também a expansão da escola básica, da rede secundária e universidades, bem como a pré-escola, que até então não existia. Com o aumento das escolas, a educação incluía outros objetivos, entre os quais a formação e a consciência nacional e patriótica de seus cidadãos. (ARANHA, 2003).

A vinda da modernidade e do capitalismo requer dos trabalhadores, de forma universal, novas capacidades técnicas e das pessoas no geral novas ações voltadas à dinâmica social que começa a se firmar. Silva e Gasparin (2006) comentam que, diante desse cenário, os trabalhadores, sem que compreendessem os motivos, ficavam cada vez mais distantes de se apropriarem de cargos mais privilegiados no mercado de trabalho. Estavam predestinados a serem comuns trabalhadores sem o prisma de ascensão social e econômica.

Ainda nesse período da Segunda Revolução Industrial, já se falava da falta de conhecimento voltado às inovações tecnológicas do professor, cenário muito parecido com os dias atuais. Entretanto, conforme aponta Gasparin (2006), não se discutia como esses profissionais eram importantes para a formação do cidadão, como lidavam com as questões inovadoras e como faziam com o tempo para poderem estar em sala e darem suas aulas.

Silva (2010) comenta que, com o acelerado processo de industrialização transformando camponeses iletrados em operários urbanos, vários conflitos sociais foram se instaurando e a elite estadunidense viu na educação escolar a possibilidade de aculturar a massa camponesa aos novos costumes burgueses, dando origem aos primeiros estudos e teorias sobre currículo. Esses estudos buscavam racionalizar o processo de construção, desenvolvimento e testagem de currículos.

Bobbitt, no início do século XX, produziu a primeira teoria de currículo direcionada para a educação tendo como premissa os conceitos eficientistas de Taylor e Fayol. Como aponta Paraskeva (2004, p.16) “Taylor – para muitos, o “profeta de uma nova ordem na sociedade industrial” – acreditava na eficiência social como

mecanismo que permitia a redução do erro [humano] e o conseqüentemente aumento da produção”.

A teoria de Bobbitt tinha como pretensão administrar a educação e a escola como uma organização de onde deveria se conquistar lucros reais, com resultados positivos numericamente. No modelo proposto por Bobbitt, os estudantes podem ser vistos e processados como um produto fabril. De acordo com Paraskeva (2004), pode-se estabelecer uma metáfora, na qual se compara

[...] a escola como uma fábrica e do currículo como processo de produção em que as crianças eram vistas como 'matérias-primas' e os professores como controladores do processo de produção, assegurando que os 'produtos' eram construídos de acordo com as especificações meticulosas traçadas e com o mínimo de desperdício. (PARASKEVA, 2004, p.32).

Nesse mesmo período, teorias de ensino também foram desenvolvidas, como as cognitivistas de Piaget e interacionistas de Vygostsky e a comportamentalista de Skinner. Consoante os pressupostos de Skinner, foram desenvolvidas tecnologias para o ensino como, por exemplo, o treinamento ou ensino programado que, de forma simplificada, consistia na apresentação de uma sucessão de conteúdos e exercícios exibidos em ordem crescente de dificuldade, cabendo ao aluno apontar as respostas para completar os espaços vazios do texto. Os acertos eram presenteados com reforços positivos e os erros eram afastados.

Ainda na Segunda Revolução Industrial, as pesquisas feitas sobre a tecnologia educacional eram focadas no campo relativo ao conhecimento mediatizado em oposição ao ensino tradicional (quadro e giz), com a finalidade de verificar qual metodologia era mais eficiente.

Aranha (2003) comenta que, enquanto isso, os estudiosos no campo do comportamento humano procuravam inferir métodos e programas de instrução. Na área de educação, especificamente, a pedagogia tecnicista prevalecia e a formação do cidadão tinha o objetivo de prepará-lo para o trabalho nas indústrias. Porém, não comentavam sobre o trabalho dos professores e a relação deles com as novas tecnologias; ou ainda, sobre a remuneração das horas trabalhadas no planejamento das atividades aplicadas em sala de aula.

Apesar desse desinteresse em relação ao trabalho do professor, eles continuavam a ter uma ocupação, exerciam seu trabalho em instituições hierarquizadas e burocráticas. Aranha (2003) comenta que os professores buscavam

atender a sua clientela e ocupavam uma função de subordinação, na qual permaneciam limitados pelos impactos da mediação dos proprietários das escolas e do Estado. Na condição de trabalhadores assalariados, os professores eram, portanto, cada vez mais alienados do sistema de produção didático, sendo controlados pelos “especialistas” em educação e exercendo posições de submissão. Sendo assim, os docentes são preparados para desempenhar a função de treinar alunos, com destaque para a valorização da técnica aplicada ao ensino (tecnicismo) que enfatiza a atividade instrumental do professor em detrimento da práxis. (ROMANOWSKI, 2007).

Enquanto isso, no Brasil, segundo Costa (1993), Silva e Gasparin (2006), a bandeira de princípios, de conceitos e de ideologias de formação para o trabalho era levantada, cujo intuito era a promoção da crença de que a escola tinha o dever de formar cidadãos para a demanda que a sociedade precisava. O ensino tecnicista, por seu turno, era o principal meio para esse fim. Sem priorizar o professor, mas sim o método, havia o controle para a promoção da ordem, do progresso e da produtividade.

Nesse contexto, na contramão da qualificação profissional, na escola, o trabalhador aprendia as fórmulas prontas para ser eficaz e eficiente, uma vez que o conhecimento era visto primordialmente como receptível no mercado de trabalho. O saber ensinado era, portanto, inútil para as potencialidades individuais do sujeito.

Conforme apontam Varela e Uria (1882):

Os colégios irão inaugurar uma nova forma de socialização que rompe a relação existente entre aprendizagem e a formação. Com respeito ao saber, o colégio converte-se num lugar no qual se ensina e se aprende um amontoado de banalidades desconectadas da prática, do mesmo modo que, mais tarde, a escola e o trabalho escolar precedem a substituem o trabalho produtivo. (VARELA; URIA, 1882, p. 11).

A análise do contexto histórico de educação leva à conclusão de que o professor vem sendo pouco lembrado como o foco nas mudanças educacionais. A história da educação brasileira também foi influenciada pelo crescimento tecnológico e pelas necessidades que o sistema produtivo exigia.

Tanto a economia quanto a política brasileira estavam voltadas às exigências das indústrias e das empresas. A educação, dessa forma, foi um dos instrumentos que mais facilitou e favoreceu o processo de formação humana para o trabalho minimamente qualificado no Brasil.



Um aspecto a ser lembrado e analisado, quando se fala da Segunda Revolução Industrial, é como a estrutura administrativa da escola era considerada em sua hierarquia e disposição. Surge, assim, a pessoa do supervisor escolar, sendo que sua função era de inspecionar as ações do professor e, de tempos em tempos, conferir e controlar como estavam sendo conduzidas as aulas sob sua organização. (ARANHA, 2003).

Analisando os dias atuais, ainda se vê tais comportamentos de diretores e coordenadores que exercem um trabalho de controle e policiamento, a ponto de tomarem a liberdade, no mundo atual e tecnológico, de manter uma comunicação fora do horário de trabalho do professor, mostrando que as inovações tecnológicas facilitaram novas técnicas de dominação e controle sobre o docente. A fluidez entre a vida profissional e privada dos professores vem sendo ampliada a cada inovação tecnológica e o mundo do trabalho invade cada vez mais o cotidiano do professor, ampliando e adensando sua jornada de trabalho.

No desenvolvimento histórico da sociedade, o termo “revolução” foi empregado em modificações bruscas, repentinas e decisivas, para as quais pessoas não se encontram preparadas, havendo a necessidade de adaptação rápida, sendo impulsionadas pelas novas maneiras nas quais o homem foi compreendendo o mundo em que vivia. Quanto às tecnologias, elas surgiram de forma a resolver problemas, desencadear modificações significativas e profundas nas bases sociais e na estrutura econômica.

Na segunda metade do século XVIII, a Primeira Revolução Industrial deixou marcas como, por exemplo, a transposição das forças braçais para os esforços mecânicos, os quais foram desenvolvidos e aperfeiçoados até a Terceira Revolução Industrial, momento em que, de acordo com Schwab (2016, p.11), “a produção humana é aumentada por meio da potência aprimorada da cognição”. Atualmente, acredita-se que, diante de tantas mudanças rápidas advindas das inovações, vive-se a Quarta Revolução Industrial.

Concordando com Arce (2014), Viana (2012), Silva e Gasparin (2006), tais transformações na sociedade vêm afetando a economia, a política, a estrutura das famílias e a educação. Essas transformações baseiam-se nas inovações encontradas no computador, nas tecnologias digitais, nas redes e na quarta revolução de *softwares* que, apesar de serem já conhecidas e usadas, não causaram descontinuidade à

Terceira Revolução Industrial, havendo desse modo uma aprimoração, adaptação, acomodação e agregação de ambas.

Devido a tal fato, o trabalho do professor deve ser repensado, diante de uma era que, apesar de fortemente impactada pelo uso da tecnologia, não se deve limitar às máquinas, aos sistemas inteligentes e à conectividade. O sentido e objetivo desse trabalho precisam ser, portanto, mais amplos. No século XXI, tanto o docente como a escola são dois campos que, ao longo do tempo, se estabeleceram historicamente, ligados aos padrões e às práticas sociais, que os constituem como sujeitos participativos no meio em que vivem.

De acordo com Costa (1995),

À medida que a escola se estabeleceu como instituição social desenvolveu-se, também, um grupo ocupacional que exercia o controle e a autoridade no seu querer fazer diário. A identidade desse grupo, referenciada ao papel, ao *status* social e ao significado político da atividade a qual se dedica, tem sido amplamente discutida e umas das vertentes produtivas desse debate é a que estuda o surgimento dos profissionais. (COSTA , 1995, p. 85).

O professor, diante da sociedade e do avanço tecnológico e científico atuais, em sua função de disseminar as inovações, torna-se parte dos meios e dos sistemas sociais, por isso precisa se desdobrar para manifestar e permutar ideias, princípios, interesses, padrões e regras sociais em uma diversidade de situações e cenários

Destarte, o desafio é conscientizar a sociedade, a área da educação e o professor quanto às demandas sociais, às estruturas familiares e ao próprio trabalho. As mudanças vieram com as revoluções industriais, de forma que a escola e o Estado, por seu turno, necessitaram acompanhar as inovações tecnológicas que os conduzam a uma mudança na estrutura educacional.

Nessa perspectiva, na Quarta Revolução Industrial, surgem novos questionamentos relacionados ao trabalho do professor e como esse profissional será direcionado diante das transformações e necessidades da escola e do alunado. Atualmente, o mundo está mais conectado, tudo acontece de maneira muito rápida, impactando celeremente a sociedade, o ambiente escolar e o trabalho do educador.

À vista disso, autores como Costa (1995) comentam que demandas educacionais aconteceram e isso é perceptível no trabalho docente de planejamento e de execução de aula, ainda mais considerando as inovações impostas por ambientes mais personalizados e adaptados, como as plataformas digitais e os

ambientes virtuais de aprendizagem, além da sobrecarga gerada por e-mails, redes sociais e mensagens de aplicativos, entre outros instrumentos de dominação e controle. Ademais, há as exigências pela compreensão das necessidades individuais dos estudantes que também se alteram com as tecnologias.

Nesse novo contexto de alterações aceleradas das necessidades sociais, as discussões referentes ao trabalho do professor têm tido inúmeras abordagens, mostrando uma grande preocupação em como orientá-lo e ajudá-lo no uso das novas ferramentas. Entretanto, poucas são as narrativas que discutem as alterações na carga horária de trabalho do professor, em decorrência da nova tendência pedagógica.

Tendo em vista essa situação, Costa (1995) ressalta que alguns autores preferem condenar, depreciar e criticar algumas profissões contemporâneas, inclusive a docência, corroborando o fortalecimento de um senso comum de depreciação delas.

O trabalho docente precisa ser, portanto, repensado, de modo a viabilizar a construção de ferramentas analíticas que levem em consideração as condições reais de sua realização, evitando, assim, deduções equivocadas e depreciativas.

As análises, desse modo, precisam preocupar-se com a complexidade do trabalho do professor, deixando de restringir-se apenas aos aspectos formais do “como ensinar” que, frequentemente, não correspondem à realidade, abarcando, inclusive, as horas infundáveis de trabalho além daquele realizado em sala de aula (o “dar aula”), principalmente no que se refere às horas digitais trabalhadas fora de seu horário remunerado.

### 3.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EVOLUÇÃO, DA FORMAÇÃO E DO TRABALHO DOCENTE

A relação entre o poder, o processo educativo e o trabalho do professor necessita ser repensada, a partir das influências econômicas que os entornam. Em outros termos, a escola, o trabalho docente e o ensino estão implicados em conflitos oriundos de interesses privados, que são regulamentados pelo Estado.

Nóvoa *et al.* (2014) enfatizam que a segunda metade do século XVIII tornou-se um período importante na história da educação e do trabalho docente, em razão de diversas transformações que vinham ocorrendo na sociedade. Na Europa, buscava-se delinear o perfil do professor ideal: “Deve ser leigo ou religioso? Deve integrar-se

num corpo docente ou agir a título individual? De que modo deve ser escolhido e nomeado? Quem deve pagar o seu trabalho? Qual a autoridade de que deve depender?”. (NÓVOA *et al.*, 2014, p.15).

Esses questionamentos ganharam mais ênfase durante a estatização do ensino ou, em outros termos, quando ocorreu a troca de uma estrutura religiosa, controlada pela igreja, para uma estrutura laica, controlada pelo Estado. Todavia, segundo Nóvoa *et al.* (2014, p.15), isso ocorreu “sem que, no entanto, tenha havido mudanças significativas nas motivações, nas normas e nos valores originais da profissão docente: o modelo de professor continua muito próximo ao modelo do padre”.

Sendo assim, para melhor entender as mudanças ocorridas na profissão docente, é de relevância analisar como se deu a (des)construção da identidade docente nesse percurso histórico e social.

Rankel e Stahlschmidt (2009), ao tratarem da identidade desse profissional, remetem a uma construção externa, moldada pelo Estado e pela sociedade. Tais representações projetadas eram baseadas em figuras estereotipadas e padronizadas, as quais degradavam a ação desse profissional como mero técnico reproduzidor de informação, de conteúdo e de técnicas de ensino.

Nessa pesquisa, defende-se que, na Quarta Revolução Industrial, precisa haver uma ruptura de tais percepções sobre a profissão docente, devendo ela acontecer de dentro para fora, buscando a valorização profissional e o tratamento ético de sua jornada de trabalho, notadamente no que corresponde às horas digitais trabalhadas fora do expediente. Para isso, considera-se imprescindível que o docente reconheça suas práticas de trabalho, bem como os procedimentos de construção de sua identidade, em suas múltiplas ações e dimensões.

Fundamental, também, a desalienação, tomada de consciência por parte do corpo docente de que a preparação de aulas presenciais ou remotas, de atualização profissional, de apropriação e uso de ferramentas digitais, de atendimento a alunos, diretores, coordenadores e demais agentes educacionais fora do ambiente escolar, com o uso de mídias digitais (como *e-mail*, *chat* e outros aplicativos de troca de mensagens), também fazem parte do trabalho docente e devem, portanto, ser remunerados ou evitados.

Os desafios sobre o trabalho docente se devem ao descompasso existente entre a educação e as mudanças sociais, pois essas ocorrem numa dinamicidade

muito superior àquela. A disparidade dessa velocidade é ainda agravada, especificamente, em razão das inovações tecnológicas. Rankel e Stahlschmidt (2009) identificam que essas novidades acarretaram uma dupla tarefa do professor:

Percebe-se que a tarefa do educador é dupla, pois precisa entender como se dá e quais as consequências das novas tecnologias de informação na sua profissão e ainda, em uma perspectiva mais ampla, agir como mediador no entendimento da sociedade como um todo e identificar qual o impacto dessas tecnologias sobre ela. Outro fator indispensável é a capacidade de avaliação crítica da realidade do educador. (RANKEL; STAHLSCHEMIDT, 2009, p.16).

Tendo em conta a dupla tarefa do professor frente às tecnologias, consoante a Rankel e Stahlschmidt (2009), bem como outras questões exploradas até este momento, a identidade do professor deve ser visualizada levando em conta que sua profissão exerce um papel social. Ele analisa e se autoavalia; há a necessidade de fazer revisões das questões tradicionais enraizadas nas práticas culturais ainda adotadas por alguns profissionais da educação. Ele deve confrontar o papel da tecnologia na educação e como hoje isso afeta o próprio trabalho dentro e fora de seu ambiente profissional. As mudanças que aconteceram após as revoluções industriais levaram o professor a se adaptar a padrões externos dinâmicos, conforme as transformações e as exigências da sociedade mudavam.

Dessa forma, é preciso que haja uma desconstrução de certos paradigmas fáticos impostos à classe docente, para que aconteça uma construção digna da identidade do professor para o século XXI, de forma que ele tome consciência, de forma crítica, que seu trabalho sofreu grandes alterações com a vinda da era digital.

Muitos professores enfrentaram as dificuldades diante das novas tecnologias a árduas custas, dispendo de tempo para aprender tais ferramentas, como as plataformas *on-line* introduzidas nas escolas, tendo que alimentá-las e acompanhá-las.

Fato é que disponibilizam muitas vezes seus *e-mails*, números de telefones e redes sociais pessoais para se manterem conectados na maioria do tempo que se encontram fora do ambiente escolar, seja com a direção da unidade escolar, seja com estudantes e demais colegas de trabalho. Vislumbra-se a concretude da alienação à medida que o professor fica indiferente à sua existência, tornando-se desprovido de sua essência na vida privada, em favor do seu ofício.

O conceito de alienação, para esse contexto de pesquisa, se mostra relevante para apresentar uma crítica ao trabalho inconsciente que o professor atual realiza ao

submeter-se, sem remuneração, a um trabalho digital, o qual excede a sua jornada previamente acordada. Nessa situação, o professor não questiona e, muitas vezes, não percebe esses reflexos em sua vida pessoal.

A alienação, como definida em Marx, vem desempenhando um importante espaço no mundo das ideias, inclusive a partir da concepção do método do materialismo histórico-dialético, ao descrever as mudanças sociais que ocorreram ao longo da história.

Em síntese, o que se observa é que, com a transformação do sistema produtivo, houve a necessidade de se atualizar o sistema educacional, de modo a atender às novas demandas, agora do capital. Isso fez com que a escola passasse a ter como atividade-fim a formação de uma classe trabalhadora adaptada aos novos padrões sociais e subordinada aos novos meios de produção. Contudo, o corpo docente em geral ficou à margem dessas mudanças, tendo que navegar por si só nessa turbulência. Isso vem sendo ampliado com a Quarta Revolução Industrial, apoiada na tecnologia, na automação e na pulverização da produção. Nesse cenário, a escola se informatiza e deixa a cargo dos professores o custo e a aprendizagem necessária para a incorporação da tecnologia em suas aulas e atividades extracurriculares, gerando um adensamento cada vez maior da jornada de trabalho.

Dessa forma, pelos estudos até o presente momento, verificou-se que os professores têm tido uma intensificação de jornada de trabalho, sem contar com as suas horas despendidas junto à tecnologia digital.

Assim, o próximo capítulo discutirá a teoria do trabalho imaterial e a alienação, trazendo uma reflexão crítica a partir de Karl Marx, do entendimento sobre o conceito de profissionalismo e profissionalidade docente, explorando o problema em questão.

#### **4. O REPENSAR SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS, O PROFISSIONALISMO E A PROFISSIONALIDADE DOCENTE: PONTES PARA MUDANÇAS NA ERA CIBERNÉTICA**

Este capítulo discute as questões do profissional em voga no presente trabalho: o professor, traçando um paralelo com as mutações sociais, culturais e econômicas a partir do final do século XX. Contexto histórico esse que leva a uma reflexão junto às transformações da força de trabalho, por intermédio da informatização da produção de serviços e bens.

A expressão *trabalho*, que antes era essencialmente material, passou por uma inovação conceitual com a ideia de trabalho imaterial, ou seja, com as tecnologias de informação, a força física dá lugar às habilidades cognitivas e a ação final do método de trabalho que passa a ser o de condensar o entendimento e o conhecimento, inserindo um valor decorrente da criatividade intelectual. Ademais, será abordado o trabalho docente frente à Quarta Revolução e às horas digitais trabalhadas.

Costa (1995, p. 58) discorre sobre as mudanças na sociedade resultantes da introdução das novas tecnologias, assim como sobre a maneira como elas são trazidas pelos professores em suas atividades, funções e tarefas a serem realizadas: “As alterações são introduzidas para adequar-se o trabalho aos interesses do alunado, mas também em função de ‘coisas novas que surgem’ ou para variar um pouco a forma de trabalho”.

Ao tratar do assunto, busca-se propiciar uma investigação sobre o impacto das tecnologias digitais na vida desse profissional, que acaba despendendo horas adicionais, fora de sua jornada de trabalho, para dar conta das novas demandas impostas pelo uso acrítico da tecnologia. Para isso, será abordado o conceito de profissionalidade e profissionalismo docente, fundamentado na visão de autores como: Amorim (2014), Hypolito (2013) e Costa (2008), acerca da intensificação da jornada de trabalho.

Nesse sentido, a educação tem se tornado uma ferramenta valiosa, uma vez que ela tem forte impacto social na formação dos indivíduos críticos e ativos e na construção da autonomia e cidadania. Uma parte importante nesse percurso poderia incluir a tecnologia digital, a qual tem contribuído para o cenário que envolve o processo de ensino e aprendizado, ecoando, por conseguinte, no trabalho do professor.

Este capítulo proporciona a ênfase ao ‘repensar’ do trabalho docente sobre as tecnologias no processo educativo, sob a abordagem da filosofia da práxis proposta por Sánchez Vásquez (1985), que faz uma reflexão dentro do pensamento marxista na concepção estruturalista da história. Sánchez Vásquez (1985) trata as realidades sociais como um aglomerado de estruturas, no qual, se um componente é alterado, altera-se o todo, sendo importante analisar os vínculos do todo com suas partes. Ademais, o autor ao falar da práxis docente, se refere à ideia de que os professores possam agir de forma reflexiva sobre a própria prática de maneira objetiva e sistemática, orientados por uma estrutura teórica-metodológica que proporciona a problematização da prática educativa e o repensar das situações que envolvem seu trabalho fora da sala de aula, seus saberes e as estratégias junto à tecnologia digital.

Por meio da análise de discurso crítica, da teoria do trabalho imaterial e do entendimento do conceito de profissionalidade e profissionalismo, os autores estudados mostrarão uma pesquisa epistemológica importante para a presente dissertação, esclarecendo, de forma analítico-investigativa, o pensamento e as experiências tecnológicas da *práxis* pedagógica, que, neste estudo, é analisada na ótica da rotina do docente.

#### 4.1 UMA REFLEXÃO SOBRE TRABALHO NO SECÚLO XX

A necessidade de organizar e pensar sobre a educação de um ponto de vista das particularidades e singularidades dos territórios soberanos tem trazido várias reflexões e discussões sobre o tema.

Nesse sentido, o século XX é definido por Clock *et al.* (2018) como sendo um período que prosperou muito a respeito do trabalho, com o progresso das tecnologias da comunicação e da informação. Ademais, muito se propagou sobre a felicidade, a qual é vinculada à Era Digital, ao trabalho *on-line* e ao mundo do trabalho. Assim, o sofrimento excessivo do trabalho estaria sendo mitigado e acalmado.

A sociedade estaria sendo direcionada ao pretense paraíso por meio da tecnologia e da sociedade digitalizada, levando muitos pesquisadores em tecnologia educacional aplicada à educação a exporem tais ideias sem muita reflexão crítica sobre a ampliação da carga do professor. Gramsci (1982) os classificaria como intelectuais orgânicos do sistema capitalista, uma vez que atuam para formar, junto à sociedade, o pensamento que corresponde aos interesses dos grupos que detêm os



meios de produção de recursos tecnológicos educacionais, muitas vezes em detrimento do trabalhador docente.

Assim, Antunes (2018) e Clock *et al.* (2018) afirmam que as conseqüentes práticas do uso da tecnologia não coincidiram com os ideais difundidos, dado que o mundo real acabou mostrando outra vertente em relação a alguns efeitos decorrentes das novas tecnologias. O trabalho digital que, em tese, acarretaria tempo mínimo de realização, assim como certa facilidade e praticidade, acabou trazendo para o universo do trabalho docente um mosaico de novas dinâmicas em escala global, que amplia a quantidade de trabalho laboral do professor.

Clock *et al.* (2018) e Monasta (2010) comentam, em anuência ao exposto, que tal aumento de tarefas educacionais correspondem às alterações ocorridas no modelo de produção, que são baseadas no processo de globalização, bem como nos resultados do avanço significativo tecnológico. Os professores, por seu turno, para atenderem às condições das reformas educacionais, foram se adaptando ao sistema e às novas ferramentas na educação, seja de forma isolada e individual, por tentativa e erro, seja por meio de cursos.

Enfatiza-se que, nesta pesquisa, o objetivo não é opor-se ao uso da tecnologia, mas sim estabelecer uma visão mais aprofundada e crítica da função docente frente às horas despendidas fora de sua jornada de trabalho em razão dela, horas estas que não existiam quando se estabeleceram critérios para remuneração do professor.

Defende-se, ainda, que o processo de ensino-aprendizado deve ir ao encontro das necessidades de alunos e da sociedade, uma vez que a escola está vinculada a ela. Contudo, não se deve, diante do argumento de modernização e melhorias do ensino, satisfazer somente as necessidades sociais, políticas e educacionais dos estudantes e demais núcleos sociais, em detrimento da qualidade e da quantidade de trabalho dos professores que têm realizado tarefas cibernéticas com uma carga horária maior, não sendo devidamente remunerados.

O trabalho do professor tem sido sobrecarregado no ambiente fora da escola, as horas do dia desse docente têm sido divididas entre o material de apoio para o ensino em sala, o ensino remoto, a preparação e o atendimento aos alunos, levando-o ao excesso de trabalho.

Clock *et al.* (2018), em seus estudos, salientam a complexa contribuição do professor em ajudar seus alunos a se tornarem melhores cidadãos, apontando as

mudanças que afetaram as instituições educacionais. Segundo Clock *et al.* (2018), as escolas deixaram de ser somente um local de transmissão de conhecimento acadêmico e passaram a se adaptar às transformações, bem como constituíram-se como espaços de participação e reflexão. Os professores, por sua vez, foram se estabelecendo dentro de contextos que se alteravam em ritmos acelerados.

Cabe salientar que, no mundo acadêmico, por seu turno, os professores começaram a ser vistos como profissionais altamente capazes de adaptar-se, propondo-se, até mesmo, uma “redefinição da profissão docente”, uma vez que eles precisam constantemente assumir novas atitudes e comportamentos perante o novo quadro social (CLOCK *et al.*, 2018).

Diante disso, muitos professores, ao se depararem com o novo cenário educacional e para se manterem no emprego, começaram a desempenhar várias funções adicionais como, por exemplo, lançamentos de notas presenciais e *on-line*, bem como atividades em plataformas virtuais.

Isso tomou um tempo maior na realização de suas tarefas, acarretando, por conseguinte, em horas trabalhadas na prática que excediam as previstas em seus contratos. Além disso, observa-se o uso abusivo dos aplicativos de comunicação como *WhatsApp*, videoconferências, redes sociais e *e-mails*, os quais ampliam a jornada e o ambiente de trabalho para além do espaço escolar. Dado que esses profissionais não discutem as horas digitais trabalhadas fora de sua jornada de trabalho, sugerindo aparente sujeição a esse adensamento de tarefas, pode-se questionar se os professores têm a clareza de suas novas funções, das exigências que lhe são impostas pelo uso compulsório das novas tecnologias, se têm consciência de que novas obrigações que lhe são constantemente adicionadas. Pode-se problematizar, também, se a realidade atual dos professores não está sendo configurada numa corrente alienante, sem fronteiras, sem limites, sem contexto financeiro, em uma vida focada no trabalho, situação que já existia antes da tecnologia digital e vem se agravando após ela. Aliás, o mundo do trabalho vem se transformando constantemente e, assim, as relações de trabalho vão se tornando instáveis.

Não obstante as discussões giram em torno de como esse profissional deve agir para que produza uma boa aula e consiga resultados positivos na sociedade, mediante o seu apoio pedagógico, o que torna necessária a participação desse docente em vários cursos para que suas aulas sejam magníficas, chamativas e produtivas.

Contudo, não se questiona, no universo dos descritores, o quanto esse profissional da educação ocupa de tempo semanal e em seus finais de semana em atividades extracurriculares cibernéticas, exigências essas que não vêm acompanhadas de reconhecimento profissional nem em horas digitais trabalhadas, tampouco em seus salários.

Assim, no próximo tópico, é perceptível a discussão de alguns erros históricos em que o autor Costa (2008) faz uma análise sobre o percurso do trabalho e a sua intensidade, que acontece apenas diante do trabalho material, sem a frequência de se falar nas contradições entre produtividade e intensidade, além de materialidade e imaterialidade, em pleno século XXI.

#### 4.2 O REPENSAR DA INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE SOBRE AS TECNOLOGIAS E O TRABALHO IMATERIAL

Repensar o uso das tecnologias no trabalho docente não é sinônimo de fazer uma análise de juízo valorativo ou de descrença, mas apontar as incoerências existentes em uma sociedade tecnologizada, a qual não apresenta objeção política aos desafios impostos pelas novas maneiras de agir e de pensar do professor quando ele precisa lançar mão de conhecimentos digitais.

Sendo assim, é necessário refletir sobre o crescimento e o fortalecimento da jornada de trabalho pelo qual o homem passou e passa no decorrer da história social. Costa (2008) coloca que o mundo está passando por transformações de entendimento da relação existente entre trabalho e emprego. Para o autor, o trabalho está relacionado à remuneração das atividades diretamente executadas, porém se trata de um trabalho realizado e não de um salário contratado. Quanto ao emprego, este está relacionado a um salário fixo, no qual existe uma relação entre trabalhador e patrão, com direitos e deveres previstos em lei.

Ao analisar o conceito de Costa (2008), no que se refere a trabalho e emprego, essas definições nos fazem pensar sobre as interações entre o funcionário e seu empregador, que dão um novo olhar ao cenário do trabalho. Isso porque esse novo entendimento proposto pelo autor atribui funções representativas e faz com que o trabalhador se dobre em diferentes aplicabilidades contínuas.

Nesse aspecto de entendimento, é importante dialogar sobre a produtividade e intensidade do trabalho. Costa (2008) aborda o assunto, apontando que são:

[...] duas as dimensões que fazem as separações entre produtividade e intensidade: os avanços efetuados nos meios materiais, que, nesse caso, pode ser considerado como aumento de produtividade; e a mudança organizacional de atividades que consomem energia, aqui é definida como processo de intensificação. (COSTA , 2008, p. 28).

Para Amorim (2014) e Costa (2008), Karl Marx em seu livro *O Capital*<sup>3</sup> mostra o início da intensificação do trabalho, o interesse na produção e o aumento da quantidade de horas de trabalho. Dessa forma, o empreendedor passa a investir em tecnologia e a pleitear que seus funcionários se ajustem e encaixem ao novo ritmo que já desponta intensificado.

A tecnologia se apresenta como o braço direito da expressividade, criada com o objetivo de melhorar a produção e contribuir para a vida do funcionário. Assim, as transformações tecnológicas na sociedade contemporânea trouxeram o que se conhece como fluxos dos novos meios de produção e rerepresentação social. Diante dessa absorção revolucionária dos esforços produtivos, foi apresentado o conceito de que o conhecimento não seria capaz de ser uma fonte do valor, pela relação entre o período de trabalho e o tempo livre. (AMORIM, 2014, & COSTA, 2008).

Hypolito (2013) argumenta que, na tentativa de elucidar o cerne da questão trabalho imaterial, verifica-se pela informatização da produção de bens que o trabalho, que era predominantemente material, estaria se transformando em imaterial. Assim, com as novas fontes tecnológicas de informação e comunicação, o esforço físico dá lugar às habilidades cognitivas, em que o objetivo final do seguimento de trabalho passa a ser o de condensar conhecimento, acrescentando um valor originário da engenhosidade intelectual.

Nesses termos, conforme exposto por Hypolito (2013) sobre o trabalho imaterial, Amorim (2014) expõe que “em que medida podemos diferenciar conceitualmente o trabalho imaterial do trabalho material?”. Se torna relevante tal questionamento ao tratar do problema da pesquisa exposta. Autores como Amorim (2014), Costa (2008) e Hypolito (2013) apresentam o trabalho imaterial como sendo um trabalho sem natureza física e que tem como procedência preeminente os trabalhos intelectuais que podem estar ligados ao fornecimento de serviços, à gerência, à administração e ao manuseio dos processos de trabalho, ou mesmo a

---

<sup>3</sup> O livro *O Capital* foi escrito por Karl Marx em 1867, em que fez a sua primeira crítica de economia política.

tarefas produtivas que têm como causa o entendimento e a informação utilizada dentro dos procedimentos de trabalho. O conhecimento e a informação são, dessa forma, conhecidos como o cerne do trabalho imaterial.

O trabalho imaterial, conforme os autores supracitados, diferente do trabalho material, tem como princípio a velocidade de raciocínio, despertar a criatividade, a responsabilidade de domínios decisórios e as maneiras de inteligência, entendimento e clareza do trabalhador, o que segundo Amorim (2014, p.04) faz “[...] surgir uma ‘economia do conhecimento’ seria, com isso, ‘[...] a principal fonte de valor e de lucro [...] a principal forma de trabalho’ nas sociedades contemporâneas”. Dessa maneira, essa natureza própria dos trabalhos imateriais foi apontada como sendo o resultado intelectual cognitivo que tal atividade exerce.

Sendo assim, o trabalho subjetivo, é apontado por Marx em seu escrito *O Capital* como um medidor das trocas mercantis. Destarte, da perspectiva da troca de mercadorias no capitalismo, não vem ao caso a especificidade dos trabalhos materiais, mas, com base neles, é praticável o aumento da produtividade do trabalho imaterial para a valorização do capital. (AMORIM, 2014; COSTA, 2008; HYPOLITO, 2013).

Nesse cenário, a atividade capitalista se remete ora à confecção de livros, ora à construção de discos, ora à produção de carros, ora à invenção de *softwares*, ora à criação de trabalhos manuais, ora a trabalhadores intelectuais e, em sua maioria, diz respeito à desigualdade de todas as maneiras de trabalho, verificando as probabilidades de aumento de lucro baseada na jornada de trabalho mais intensa.

Diante desse contexto, faz-se imprescindível rever as técnicas e os procedimentos de natureza individual em consequência da cultura atual, bem como entendê-las e projetar novos olhares e ideias, de modo a estabelecer pontes para mudanças.

Nesse sentido, o trabalho despendido pelo professor precisa ser repensado como um local de oportunidade para elucidar os processos de participação dos docentes diante do domínio do saber técnico, pelo ângulo de intermediar mundos, constituir diálogos culturais de aprendizagem e reedificar meios de interagir e pensar com seus alunos. Conforme afirmam Habowski e Conte (2019, p. 121), é preciso “[...] aproximar e dar visibilidade aos atores envolvidos e às práticas sociais da arte de educar”.

Dessa forma, a preocupação não incide apenas sobre a suposta garantia promovida pelas inovações e modificações tecnológicas no ambiente escolar, trata-se também de integrar as capacidades das inteligências humanas. Em outros termos, a atenção precisa ser direcionada à atribuição de significado às tecnologias a partir da proporcionalidade pedagógica ligada ao trabalho do professor no processo de ensino.

Nesse sentido, é preciso um olhar de valorização do trabalho docente, que ainda traz descrições de políticas e experiências pedagógicas anteriores às inovações tecnológicas digitais. Se não houver uma reação ponderada do docente em sua interação trabalho e tecnologia, acarretará um ciclo demasiado de trabalho fora da sala de aula e alteridades classificatórias de alienação.

Dessa forma, torna-se fundamental o diálogo das teorias contemporâneas com as desigualdades da práxis no que diz respeito ao desenvolvimento dos processos de ensinar nos campos das tecnologias, bem como a análise crítica do trabalho cibernético que foi se criando no campo docente.

É imprescindível, portanto, transcender a operacionalidade técnica que suleia a função do professor na era digital; repensar a função do docente na sociedade, buscando esclarecer as contradições que foram se formando por meio do uso da tecnologia na educação, e revelar para a sociedade a complexidade inerente ao trabalho do professor.

Killner (2002), Habowski e Conte (2019) afirmam que as tecnologias oportunizam a circulação de informações mais fáceis e rápidas, o que impacta de modo direto a cultura da escola, na organização, no planejamento, na ação e na prática do professor. Com elas, o docente consegue dar conta da quantidade de trabalho, mesmo quando a continuidade desse trabalho é em seu lar.

Tendo em vista o papel das tecnologias no trabalho do professor e no ambiente escolar, as políticas educativas defendem que os docentes devem possuir uma formação profissional que atenda a demanda de trabalho com maior facilidade e eficiência. As escolas, por seu turno, devem funcionar como local para atender essa demanda tecnológica, agregando-a sem critério e método de escolha. Tais políticas indicam que a formação de professores é essencial para o momento, todavia não tratam de valorizar os novos padrões de trabalho desse mesmo professor no que tange à reestruturação das horas despendidas e à acumulação de trabalho na organização de suas atividades.

Na compreensão de que o professor é o mediador, estimulador, articulador e provocador do conhecimento, Libâneo (2001, p. 22) considera que o docente é responsável por apresentar ao aluno o “[...] mundo da ciência, da linguagem, para ajudar o aluno a desenvolver seu pensamento, suas habilidades, suas atitudes”. Porém, para que o docente possa dar conta de sua tarefa com qualidade e responsabilidade, é fundamental investir e valorizá-lo.

Com a intenção de trazer à realidade os desafios docentes no diálogo com as práticas pedagógicas e didáticas, geralmente são propostos ao professor jogos pedagógicos de linguagem, plataformas e planejamentos. Esses também têm a intenção de oportunizar ao aluno a construção do conhecimento tecnológico de pensamento materialista na educação, a favor de uma mudança autocrítica de “[...] valorização do vínculo entre o conhecimento científico e sua funcionalidade na prática”. (LIBÂNEO, 2001, p. 89).

Segundo Libâneo (2001, p. 23), tais conhecimentos pedagógicos requerem do professor:

“[...] capacidade de decisão, conhecimento operativo e compromisso ético, [tal] inserção do pedagogo na condição pós-moderna o obriga a uma abertura científica e tecnológica, de modo a desenvolver uma prática investigativa e profissional interdisciplinar. (LIBÂNEO, 2001, p. 23).

O autor supracitado ressalta o papel do professor frente às tecnologias digitais diante de uma sociedade alicerçada na informação, no conhecimento e no aprendizado. Dessa forma, abrem-se caminhos para novos desafios, nos quais Libâneo (2001) defende que o docente precisa se apropriar dessas ferramentas em seu papel social, atuando na formação dos alunos como cidadãos.

Dado que o professor necessita apropriar-se dessa nova ferramenta tecnológica diante dessa perspectiva da função do professor e de sua formação em consequência dos processos tecnológicos, Habowski e Conte (2019, p. 125) defendem a:

necessidade de uma retomada da dimensão crítica, da reflexão e da vigilância constante por parte dos envolvidos no cenário da educação para enfrentar a tendência de desvalorização profissional. Esta questão é importante para que possamos repensar o papel do professor frente às novas formas de relações com o conhecimento, que não se resume ao manejo dos instrumentos, mas que implica reconhecer mudanças humanas, sociais e tecnológicas projetadas nas últimas décadas. (HABOWSKI e CONTE, 2019, p. 125).

Tais transformações na sociedade refletem no trabalho do professor em diversos níveis de ensino, as quais são acentuadas com a chegada das tecnologias digitais, que levam os docentes a reverem seus planos de exercício da profissão. À vista disso, Nóvoa (2000) propõe uma ação reflexiva focada no papel do professor, discorrendo sobre a necessidade de se fazer uma análise voltada ao trabalho docente, considerando um pensar relacionado à autorreflexão e à reflexão compartilhada.

Nessa perspectiva reflexiva do trabalho do professor frente à tecnologia digital, segundo Nóvoa (2000, pp. 135-136), é fundamental identificar o que estabelece o trabalho do professor, pois:

[...] a capacidade de compreender o saber, o modo como ele se constitui historicamente, os momentos de virada de uma determinada disciplina, as vias alternativas que poderia ter seguido etc. É aqui, nesta compreensão do modo como só saberes se organizam e reorganizaram que reside a essência da formação universitária. Estamos perante um processo longo, que tem uma parte “informativa” (de aquisição dos saberes), mas que tem também uma dimensão histórica, crítica e, pelo menos na formação pós-graduada, uma dimensão de participação a própria produção de conhecimento científico. (NÓVOA, 2000, pp. 135-136).

Dessa forma, a cultura educacional, as políticas públicas, os intelectuais orgânicos e os professores precisam compreender que não há reforma educativa, inovação pedagógica, didática nem ensino de qualidade sem uma formação e valorização do docente, posto que a qualificação do profissional não é gratuita. Sob esse ponto de vista, reforça-se a necessidade de considerar um olhar na função do professor, uma vez que:

Ao projetar as potencialidades humanas a constituição docente reforça os aspectos locais, atuais e sociais, os quais devem ser considerados na formação de quem forma, em meio às interferências nas práticas de sala de aula, em tempos de presença de tecnologias digitais. (HABOWSKI; CONTE, 2019, p.128).

Por esse motivo, considera-se importante compreender que o espaço educativo está em constante dinâmica, sempre em movimento e em desdobramento diante das diferentes relações pedagógicas e sociais; isto é, requerendo uma contínua prática profissional interdisciplinar, pesquisadora e contextualizada do docente.

Sobre esse aspecto, consoante a Habowski e Conte (2019), é relevante uma formação de significados e sentidos a respeito de diversos aspectos do mundo, vinda



das necessidades das práticas contextuais, propiciadora de aprendizagens nas variadas áreas do conhecimento.

Dessa maneira, segundo os autores, é possível beneficiar a reestruturação de vivências interdisciplinares a respeito das tecnologias digitais no complexo cenário de ensino. Tais ações pedagógicas em redes de estudo corporativas, no cenário global, aparecem como compreensões das construções de práticas transdisciplinares e interdisciplinares, colocando em funcionamento o trabalho cooperativo e digital dos professores. O que leva a um mecanismo de relação interdisciplinar em que é preciso realizar um trabalho por meio de pesquisas, diálogos, comprometimento na relação entre pares, um trabalho tecnológico fora do ambiente escolar.

Segundo Saviani (2009), não se deve direcionar o olhar apenas para a falta de formação adequada do docente, mas também para as condições de tarefas relacionado ao trabalho imaterial.

A questão da formação de professores não pode ser dissociada do problema das condições de trabalho que envolvem a carreira docente, em cujo âmbito devem ser equacionadas as questões do salário e da jornada de trabalho. Com efeito, as condições dificultam também uma boa formação, pois operam como fator de desestímulo à procura pelos cursos de formação docente e à dedicação aos estudos. (SAVIANI, 2009, p. 153).

Reforça-se que a questão do salário precisa também contemplar as horas digitais cumpridas pelo professor na efetivação das diversas atividades educacionais e, como sugeridas pelos autores citados, nas relações entre pares.

Libâneo (2001, p. 20) trata a modernidade como “genuinamente pedagógica”, uma vez que “[...] a escola é ainda a chance de acesso ao mundo do conhecimento, para fazer frente ao mundo da informação. Informação e conhecimento são termos que andam juntos, mas não se equivalem”.

Por isso, a educação tecnológica digital precisa ser repensada em função do trabalho do professor, uma vez que esse profissional pode mediar mundos, agregar diálogos interculturais e conhecer a linguagem via tecnologia. Portanto, há a importância de valorizar não somente o manuseio das tecnologias, mas também o reconhecimento que este trabalho vai além da sala de aula e fora do que está proposto nas horas contratuais de trabalho.

Contudo, o padrão tecnológico das demais áreas vem transformando as práticas e espaços educacionais, articulando as regras do mercado, apressando comportamentos e mudando o modo de trabalho do professor.

Nesse sentido, no próximo subcapítulo, surge o conceito de profissionalidade docente nos estudos mais recentes, na visão de Gorzoni e Davis (2017), que investigam sobre as perspectivas que os docentes têm a respeito da sua função profissional na sociedade atual, abrindo uma discussão e análise junto ao tema profissionalismo docente e suas interferências no desenvolvimento profissional docente, a fim de propiciar uma discussão sobre o trabalho digital do professor.

#### 4.3 A IMPORTÂNCIA DO CONCEITO DE PROFISSIONALISMO E PROFISSIONALIDADE DOCENTE NA ERA DIGITAL

O resultado das novas tecnologias no contexto escolar tem seguido uma linha de pensamento diferente do caminho percorrido nas empresas. De acordo com Lüdke e Boing (2004, p.11), “no setor empresarial, o incremento tecnológico é inversamente proporcional aos postos de trabalho, isto é, à medida que as empresas introduzem as novas tecnologias, mais desemprego é gerado”.

No entanto, quando os autores analisam tal situação no ambiente educacional, abordam a tecnologia como tendo pouco impacto na redução de mão de obra, considerando que constitui novos campos de trabalho. Entretanto, isso não expressa que se esteja valorizando a profissão de professor.

Diante disso, cabe buscar elementos da sociologia do trabalho e da educação que se vinculam para explicar alguns aspectos das incertezas, fragilizações e escassez do trabalho do professor. (LÜDKE; BOING, 2004).

Nesse sentido, serão discutidos os temas profissionalismo e profissionalidade dentro do trabalho docente na era digital, a fim de desenvolver e contribuir para a compreensão teórica dessas ideias ainda em desenvolvimento. Dessa forma, é exposta a questão do trabalho docente fora da sala de aula e o desgaste que docentes enfrentam no dia a dia junto às novas tecnologias digitais. Faz-se necessário pensar na autonomia profissional e, assim, discutir as contradições em volta da ideia de profissional, profissionalismo e profissionalidade docente.

Autores como Gorzoni e Davis (2017) e Contreras (2012) relacionam a profissionalidade e a autonomia ao declararem que a autonomia no ensino é demanda educativa e direito trabalhista.

Gorzoni e Davis (2017) ressaltam que:

[...] alguns autores passaram a utilizar o termo profissionalidade em detrimento dos termos profissionalismo ou profissionalização, com o objetivo de recuperar as qualidades do profissional em suas funções específicas. A intenção era evitar as ideias de cunho corporativista ligadas aos privilégios sociais e trabalhistas utilizadas pelo sistema de poder vigente para garantir a colaboração dos professores na implementação de reformas políticas que lhe eram afeitas. (GORZONI; DAVIS, 2017, p.1400).

Para tal argumentação sobre o impacto das novas tecnologias no ambiente escolar, verifica-se que dentro dele existem duas dimensões: a administrativa e a pedagógica.

Segundo Gorzoni e Davis (2017), a dimensão administrativa e a otimização das tecnologias nas instituições escolares têm muito em comum com as organizações empresariais, principalmente nos setores que concedem certa automatização de processos. Por exemplo, um local onde se teve a redução de trabalho no setor de produção foi no material didático.

Além disso, é possível citar o trabalho do datilógrafo que diminuiu a partir do instante em que os professores começaram a entregar a maioria de seus trabalhos digitalizados. Na secretaria e bibliotecas das escolas, o número de funcionários diminuiu. O que faz verificar evidentemente que a renovação dessas específicas esferas tem sido executada à custa do crescimento de trabalho dos docentes.

Na dimensão pedagógica, autores como Clock *et al.* (2018), Gorzoni e DAVIS (2017), Contreras (2012), Lüdke e Boing (2004, p.11) reforçam que existem diferentes consequências das novas tecnologias sobre o trabalho do professor. Assim, as tecnologias digitais em sua área educativa e nas plataformas educacionais vêm produzindo mais um adendo ao trabalho docente, ampliando a jornada de trabalho sem respectiva ampliação de o reconhecimento social ou salarial.

Nesse aspecto, deve-se levar em consideração a caracterização do ser docente e o que é específico da profissão professor em meio à utilização das novas tecnologias digitais na Quarta Revolução Industrial.

O conceito de profissionalidade aparece, de acordo com Ambrosetti e Almeida (2009) dentro das pesquisas sobre os docentes nos anos 90. Anterior a essa temática,

os estudos não eram tão satisfatórios, ou seja, para os autores (Ibid., 2009), esse termo aparece como recurso na composição do ser docente, com começo na escolarização fundamental, percorrendo a formação profissional e alcançando a instituição escolar onde o professor executa sua profissão: “O conceito de profissionalidade coloca em destaque as práticas educativas dos professores, a dimensão pessoal e subjetiva no trabalho docente, bem como o significado dos processos biográficos e relacionais na construção da docência”. (AMBROSETTI e ALMEIDA, 2009, p. 601).

Os discursos dos autores revelam-se importantes, pois a ideia de profissionalidade pelos estudos realizados leva em consideração o espaço psicológico e social no qual o docente está inserido.

Prosseguindo as análises, Libâneo (2015) entende que a identidade profissional e a profissionalidade docente constituem-se como um composto de valores, atitudes, compreensões e competências primordiais para direcionar o processo de ensino e aprendizado, conduzindo, assim, a singularidade do trabalho docente.

Porém, alguns pontos de divergências e convergências entre autores movem a discussão sobre a questão do profissionalismo docente e a profissionalidade docente.

Assim, autores como André e Placco (2007), Gorzoni e Davis (2017), Libâneo (2015) e Morgado (2011) consideram haver uma essencial ligação entre identidade profissional e profissionalidade docente, ou seja, ao pensar sobre a profissionalização docente, deve-se levar em consideração como os professores agem e se estabelecem no ambiente de trabalho, criando uma identidade que influencia e é influenciada por esse cenário, ponto de vista este ao qual Ambrosetti e Almeida (2009) também aderem o ambiente de trabalho sendo importante para a regulamentação de profissionalidade do professor.

Porém, Ambrosetti e Almeida (2009), como já mencionado, enfatizam as ligações estabelecidas, que incorporam o universo psicológico e social do professor, condição também encontrada nos registros de Gimeno Sacristan (1995). Para os autores, a profissionalidade estabelece uma associação lógica entre profissionalismo e profissionalização.

Lüdke e Boing (2004) apontam que existe uma dupla diferenciação entre profissionalismo e profissionalidade. O profissionalismo é apontado pela “[...] adesão

individual à retórica e às normas da cooperação, é nesse estágio que realmente começa a socialização profissional [...], é a escolha pessoal que se faz pela profissão”. (IBID., 2004, p.15).

Quanto à profissionalidade, os autores comentam que tal conceito: “[...] está associado às instabilidades e ambiguidades que envolvem o trabalho em tempos neoliberais, e geralmente vem colocado como uma evolução da ideia de qualificação”. (IBID., 2004, p.15).

Dessa forma, mais que apresentar discussões e conclusões, se faz presente neste estudo indicar interpretações atuais e futuras, dentre os percursos da otimização profissional e da profissionalidade dos professores e seu trabalho tecnológico digital.

A sociologia proposta por Karl Marx mostra as fragilidades que circundam o trabalho já na Primeira Revolução Industrial. Analisando autores que compartilham estudos no contexto de trabalho docente nas revoluções industriais, tendo como base o materialismo histórico-dialético, observou-se que a sociedade foi se transformando ao longo dos anos até os dias atuais. Segundo Lüdke e Boing (2004), esse atributo envolve:

[...] um conhecimento profissional específico, bem como o desenvolvimento de uma identidade profissional construída na relação que o professor estabelece em suas ações, considerando as demandas sociais internas e externas à escola, expressando modos próprios de ser e de atuar como docente. Grande parte dos autores coloca ênfase na construção de competências e no desenvolvimento de habilidades próprias ao ato de ensinar, adquiridas nas formações e nas experiências de trabalho do professor. (LÜDKE; BOING, 2004, p.1411).

Dessa forma, no contexto atual, a prática do professor tem acontecido em sala de aula, fora dela e, independente disso, apoiada direta ou indiretamente nas tecnologias digitais. Logo, pensar a profissionalidade docente como um segmento dos atributos da profissão também faz refletir sobre o quanto este profissional tem se dedicado em outro espaço de trabalho, particularmente nos ambientes virtuais, para realizar suas atividades tanto individuais quanto coletivas.

## 5 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo descreve os procedimentos metodológicos aplicados, buscando delinear as ações que foram utilizadas ao longo desta dissertação. Tendo como referência os estudos de Utta, Utta e González (2019), Diniz e Silva (2008), Triviños (1987), Marconi e Lakatos (2003), entre outros, os quais serão citados nesta dissertação para o esboço e o delineamento da pesquisa e, assim, identificar se houve ou não uma ampliação da carga horária de trabalho do professor gerada pelo uso da tecnologia digital.

### 5.1. METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta pesquisa, pretende-se mapear a percepção que os professores têm do impacto que a introdução da tecnologia educacional trouxe para sua jornada de trabalho em termos quali e quantitativos numa perspectiva associada ao materialismo histórico-dialético.

De acordo com Utta, Utta e González (2019), esse método “[...] é sustentado na teoria de Karl Heinrich Marx em seu estudo sobre a evolução histórica das sociedades humanas, afirmando que a vida social, política e intelectual é condicionada pelo modo de produção dos bens materiais, interagindo com a base material”.

Ao fazer a abordagem histórico-sociológica, no capítulo 2 desta dissertação, foi possível perceber que o século XIX trouxe uma crítica ao pensamento metafísico do mundo, as chamadas contradições sociais. Entende-se por contradições sociais os problemas que a humanidade já tem condições materiais de superar, mas que persistem porque são produzidos pelo próprio desenvolvimento da sociedade. A fome e a miséria são exemplos, infelizmente concretos, de contradições sociais.

Assim, relações capitalistas de produtividade vieram com a carência de uma análise de interpretação dialética dos acontecimentos sociais recentes, das quais os conflitos e contradições sociais eram pertinentes. (DINIZ; SILVA, 2008).

Diniz e Silva (2008) trazem uma reflexão relacionada à razão em que a realidade se estabelece perante a pesquisadora por meio dos princípios de totalidade, mudança e contradição. Dessa forma:

A noção de **totalidade** refere-se ao entendimento de que a realidade está totalmente interdependente, interrelacionada entre os fatos e fenômenos que

a constitui. Já a noção de **mudança** compreende que a natureza e a sociedade estão em constante mudanças e que elas tanto são quantitativas quanto qualitativas. Enquanto isso, a noção de **contradição** torna-se o motor da mudança. As contradições são constantes intrínsecas à realidade. As relações entre os fenômenos ocorrem num processo de conflitos que geram novas situações na sociedade. (DINIZ; SILVA, 2008, p. 07).

Os autores supracitados tratam do método dialético na ciência moderna ao investigarem o todo de forma fragmentada cujas individualidade e autonomia envolvem um conflito e uma contradição. Discorrem que, para Marx, a ciência não é algo pronto. Isto posto, para se entender a ciência, é preciso buscar conhecimento do passado científico como apoio ao alicerce do novo. (DINIZ; SILVA, 2008).

Dessa forma, para o sociólogo Marx o papel político do cientista era envolver-se com a elaboração de um entendimento que voltasse à realidade como ferramenta de reflexão à luta dos proletários. Esse conhecimento estaria reproduzido no pensamento dialético acerca das circunstâncias que se encontravam os trabalhadores na sociedade, porém se tornava necessário ir além da interpretação. Seria essencial agir e transformar a realidade.

Nesse caso, por se tratar de uma atividade humana, a pesquisa se fundamenta em conceitos científicos que, em geral, abordam uma visão na área da educação, fundamentada na carência de uma construção dinâmica da realidade social do professor, não devendo abstrair a compreensão da historicidade, da relação e da interdependência dos acontecimentos sociais. (TRIVIÑOS, 1987).

Ao pensar em uma pesquisa que aborda a questão do trabalho do professor, Triviños (1987, p. 07) complementa que “[...] pensamos também que a pesquisa educacional nos países do Terceiro Mundo tem um objetivo maior: a de servir aos processos de transformação da essência da realidade social que experimentamos”.

Para tanto, utiliza-se do método científico como percurso que deve ser trilhado para legitimar a pesquisa e atingir o objetivo apresentado para este estudo, constituindo dessa forma novos entendimentos.

Nesse sentido, a pesquisa se torna uma prática que utiliza lógica, observação, problematização, coleta de dados e informações, organização do pensamento, entendimento e análise sistemática dos fatos, entre outros elementos. (MARCONI, LAKATOS, 2003).

Conforme os autores supracitados, o processamento reflexivo requer esforço e dedicação da pesquisadora em coordenar todo o processo de análise e investigação,

tendo como parâmetros nítidos a resolução do problema sob análise, visto que os conhecimentos científicos não são imutáveis. Por esse motivo, seu intuito é verificar um problema atual e identificar prováveis soluções.

Isso posto, temos que o conhecimento científico é de desenvolvimento complexo, reflexivo, sensato, dinâmico e que se estabelece a partir da práxis da pesquisa, tornando-se, assim, fruto das relações humanas com a natureza, a fim de compreender certas realidades, sendo um procedimento totalmente humano. (GIL, 2002).

Para compreender como se dá esta relação entre a busca na pesquisa investigativa e a observação sobre a realidade, optou-se pelo método dialético, proporcionando ao estudo uma reflexão crítica do objeto a ser pesquisado.

Com relação ao método dialético, Marconi e Lakatos (2003) afirmam que

As coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está “acabada”, encontrando-se sempre em vias de transformar, desenvolver, o fim de um processo é sempre o começo de outro.

Por outro lado, as coisas não existem isoladas, destacadas uma das outras e independentes, mas como um todo unido, coerente. Tanto a natureza quanto a sociedade são compostas de objetos e fenômenos organicamente ligados entre si, dependendo uns dos outros e, ao mesmo tempo, condicionando-se reciprocamente. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.100).

O método é o percurso que proporciona a compreensão e análise de uma realidade por mais complexa que ela seja, não se resumindo apenas em como os dados serão apurados, mas também em suas circunstâncias e situações, para que se compreenda a realidade como um modo histórico-social concebido. A pesquisa na área da educação resulta em um processo dialético por se tratar de uma relação do objeto investigado e o sujeito na observação.

A dialética consegue direcionar o pensamento crítico quando o investigador passa a questionar-se sobre o que acontece por trás da apresentação dos fenômenos, desconstruindo as verdades impostas, a fim de contribuir com a ruptura de narrativas que têm como essência apenas as apresentações dos fenômenos.



## 5.2 APRESENTAÇÃO DO LOCAL, DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO E OS PROCESSOS UTILIZADOS NA ANÁLISE DOS DADOS.

O desenvolvimento deste estudo se deu antes da situação de isolamento referente à COVID-19 e da pandemia, de forma mais intensa em relação às aulas nas escolas. Os professores ainda trabalhavam presencialmente, sem o ensino remoto emergencial.

A pesquisa de campo foi realizada com professores em exercício no final do ano de 2019 e início do ano 2020, que atuavam na Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II, nas cidades de Vinhedo, Valinhos, Campinas e São Paulo. Participaram da resposta do questionário 268 professores que atuavam em escolas Federais, Estaduais, Municipais e Privadas.

Desse modo, foi possível verificar se compartilhavam do mesmo pensamento em relação às atividades digitais e se tomavam um significativo tempo de vida do docente, fora do ambiente escolar, para preparação e organização do material a ser levado para a sala de aula.

A utilização das tecnologias na educação determinou a necessidade de modificar a forma como os professores ensinam e dão as aulas, modificando a carga horária de trabalho, aumentando o serviço para casa, de forma a atender às expectativas dos padrões, das diretorias de ensino, da sociedade e da escola atual.

A análise de discurso crítico (ADC) foi usada para registrar e coletar os dados, que, segundo Fernandes (2014), tem a relevância de envolver ideias e conceitos que possam acrescentar à pesquisa científica uma perspectiva crítica de discurso que dê uma perspectiva sobre os problemas da modernidade dentro de um contexto social. A partir dessa teoria, buscou-se refletir sobre os diferentes textos, não somente como são produzidos, mas também como são divulgados e compartilhados.

Assim, utilizou-se ADC e o materialismo histórico-dialético para a compreensão dessa relação entre trabalho, alienação, poder, intelectuais orgânicos e classes na sociedade atual, na qual a autora Fernandes (2014) faz referência aos estudos de Gramsci, ao tratar as estruturas de poder e os intelectuais orgânicos.

Fernandes (2014, p.140) comenta sobre a concepção de hegemonia "que, para manter seu poder inerentemente instável, os grupos dominantes de uma sociedade buscam estabelecer alianças que lhes garantam a permanência no poder de forma

consensual, em vez de coercitiva”. A autora faz uma ligação entre hegemonia e discurso.

A ADC admite que as relações e ações humanas não são formadas somente de discurso, mas dispõem de uma função gradativa nos acontecimentos sociais, sobretudo os que abrangem as mudanças políticas e econômicas.

Assim sendo, buscou-se na pesquisa os aspectos éticos para se aplicar o questionário, bem como em sua organização na instrumentação da coleta de dados.

### 5.3 QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA

A análise sobre as questões éticas voltados às pesquisas que abrangem pessoas ou grupos de pessoas é essencial para o prosseguimento científico e os cuidados dos direitos humanos constitucionalmente garantidos.

Por se tratar de uma pesquisa que envolve questionário e pessoas, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas do Instituto Federal de São Paulo, na Plataforma Brasil, para obtenção do parecer favorável à sua realização.

O comitê garante o que se estabelece na resolução de nº 466/2012, de acordo com as competências regimentais e atribuições dadas pela Lei 8.080/1990 e pela Lei 8.142/1990.

Segundo o Conselho Nacional da Saúde, Brasil (2012), deve-se considerar “[...] o respeito pela dignidade e pela especial proteção devido aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, considerando o engajamento ético, que é inerente ao desenvolvimento científico e tecnológico”.

A pesquisa foi organizada para investigar a percepção do professor frente ao seu trabalho digital fora de sua carga horária de trabalho, com professores ativos das redes públicas e particulares, tendo continuidade da seguinte forma:

Elaboração do questionário;

Elaboração de autorização do termo de consentimento livre e esclarecido. Esse termo consiste em dar ciência ao participante sobre o objetivo do estudo, como será a pesquisa e sua estrutura, mostrando os riscos, benefícios, os padrões de como finalizar a sua participação na pesquisa, o sigilo dos integrantes e seu anonimato e o termo de autorização por responder ao questionário;

Distribuição do questionário impresso em algumas escolas diretamente nas mãos dos participantes e disponibilização *on-line* via Google Formulários.

O universo amostral desta pesquisa envolveu um grupo de professores nas cidades de Campinas, Valinhos, Vinhedo e São Paulo, que foram convidados para participar da pesquisa respondendo ao questionário sobre o ‘repensar do trabalho docente na era digital: ponte para mudanças’.

#### 5.4 PROCESSOS UTILIZADOS E A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA PESQUISA

Neste percurso investigativo, os questionários tiveram seu lugar primordial nas avaliações. Segundo Ortigão (2009, p.118), “por meio deles, coletam-se informações que permitem, entre outros aspectos, traçar um perfil das condições escolares”. Isso posto, por meio do questionário, pode-se identificar dentro da perspectiva dos entrevistados, se acontece a percepção dos professores sobre a jornada de trabalho gerada pelo uso da tecnologia.

Para evidenciar tal percepção, utilizou-se na elaboração dos questionários fechados a escala Likert. A partir das respostas obtidas, os dados foram organizados em um estudo estatístico percentual das variáveis para se aplicar nos resultados de sua mensuração.

A escala Likert, em seu contexto histórico, passou por vários processos de organização. Sobre a escala, Vieira e Dalmoro (2008) comentam:

A explicação para o uso destas escalas estava na facilidade de compreender o sistema de numeração de 0 a 100. Em 1941, Ferguson também defendeu a utilização deste tipo de escala visto a vantagem de ter uma percepção da igualdade psicométrica da distância entre os pontos da escala. (VIEIRA; DALMORO, 2008, p. 02)

Vieira e Dalmoro (2008) trazem uma análise na qual salientam o trabalho de Freud, em 1923, que já argumentava sobre os modelos de escalas disponibilizados na época. Comentam que Freud foi o precursor na aplicação de escalas para coletas de dados quando lançou, em meados de 1923, o *Graphic rating method*, usado em um conjunto de entrevistas, tendo um padrão de respostas marcadas por linhas horizontais pontilhadas. Em 1930, Watson divulga uma escala de medição muito

parecida com a de Freud, no qual o respondedor assinala um ponto em algum lugar dessa linha horizontal.

Fundamentado nos modelos citados, em 1932, Likert efetivou uma diminuição de ponto de seleção no número efetivo, dado que a princípio a classificação de medida era contínua. Dessa maneira, os respondedores teriam a necessidade de indicar ou assinalar somente os pontos fixos marcados na linha, diante de um sistema de cinco categorias de soluções que iam de “desaprova totalmente” a “aprovo totalmente”. Nesse mesmo ano, Likert deu início à escala bidimensional de apreciação e com um elemento neutro em seu meio.

Diante dessa perspectiva de escala, Vieira e Dalmoro (2008, p.3) fazem uma observação muito peculiar: “Desde a publicação de sua obra, a escala formulada por Likert tem se tornado popular”, sendo a causa para a sua utilização a averiguação de tipos de psicometria.

Para ampliar a validação dessa pesquisa, junto à escala Likert será utilizada a triangulação para a coleta de dados, permitindo ampliar o universo informacional ao redor do objeto de pesquisa. A triangulação conforme Minayo *et al.* (2005):

[...] não é um método em si. É uma estratégia de pesquisa que se apoia em métodos científicos testados e consagrados, servindo e adequando-se a determinadas realidades, com fundamentos, interdisciplinares. Esta abordagem teórica deve ser escolhida quando contribuir para aumentar o conhecimento do assunto a atender aos objetivos que se deseja alcançar. (MINAYO *et al.*, 2005, p. 42).

A aplicação da triangulação para a análise das informações coletadas tem três momentos diferentes dialeticamente:

- a) Primeiro, se deu na elaboração do questionário.
- b) Segundo, na análise e observação sobre: a percepção que os docentes formam sobre a própria realidade e a de seus colegas.
- c) Terceiro, comparar os dados empíricos coletados e as teorias fundamentadas na pesquisa; analisando as estruturas atualmente do professor e como realiza seu trabalho fora da sala de aula diante da tecnologia digital

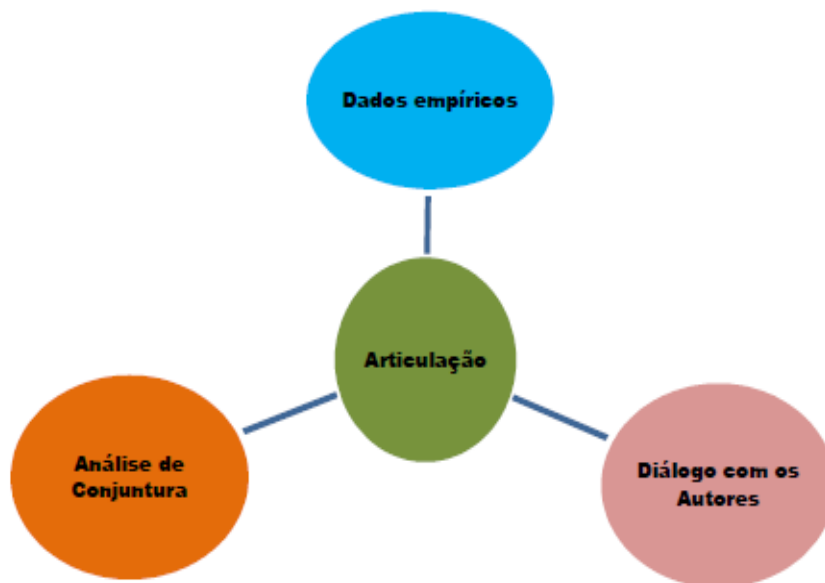
Dessa forma, utilizou-se a análise por triangulação de métodos, na qual esteve presente o seguinte *modus operandi*:

[...] pautado na preparação do material coletado e na articulação de três aspectos para proceder à análise de fato, sendo que o primeiro aspecto se refere às informações concretas levantadas com a pesquisa, quais sejam, os *dados empíricos*, as narrativas dos entrevistados; o segundo aspecto

compreende o diálogo com os autores que estudam a temática em questão; e o terceiro aspecto se refere à análise de conjuntura, entendido como o contexto mais amplo e mais abstrato da realidade. (MARCONDES; BRISOLA, 2014, p. 204).

A representação citada pelos autores referenciados dessa articulação será exposta em três aspectos, conforme a figura 8.

**Figura 8 - Análise por Triangulação de Métodos**



Fonte: MARCONDES; BRISOLA (2014, p. 204).

A partir da assimilação das dimensões dadas na figura 8, pelos dados empíricos, apoiou-se as experiências vividas pelos professores durante a realização dos questionários; nas articulações, organizou-se o diálogo com os docentes; na análise de conjuntura, pode-se realizar o acompanhamento, de curto prazo, como o contexto tecnológico digital parece ter aumentado de forma significativa a carga de trabalho do docente. Foram realizados os dados empíricos coletados por meio do questionário. “Os dados coletados devem ser trabalhados no sentido de refletir, contextualizar, exemplificar e elucidar as diversas dimensões do estudo que se queira realizar”. (MARCONDES; BRISOLA, 2014, p.205).

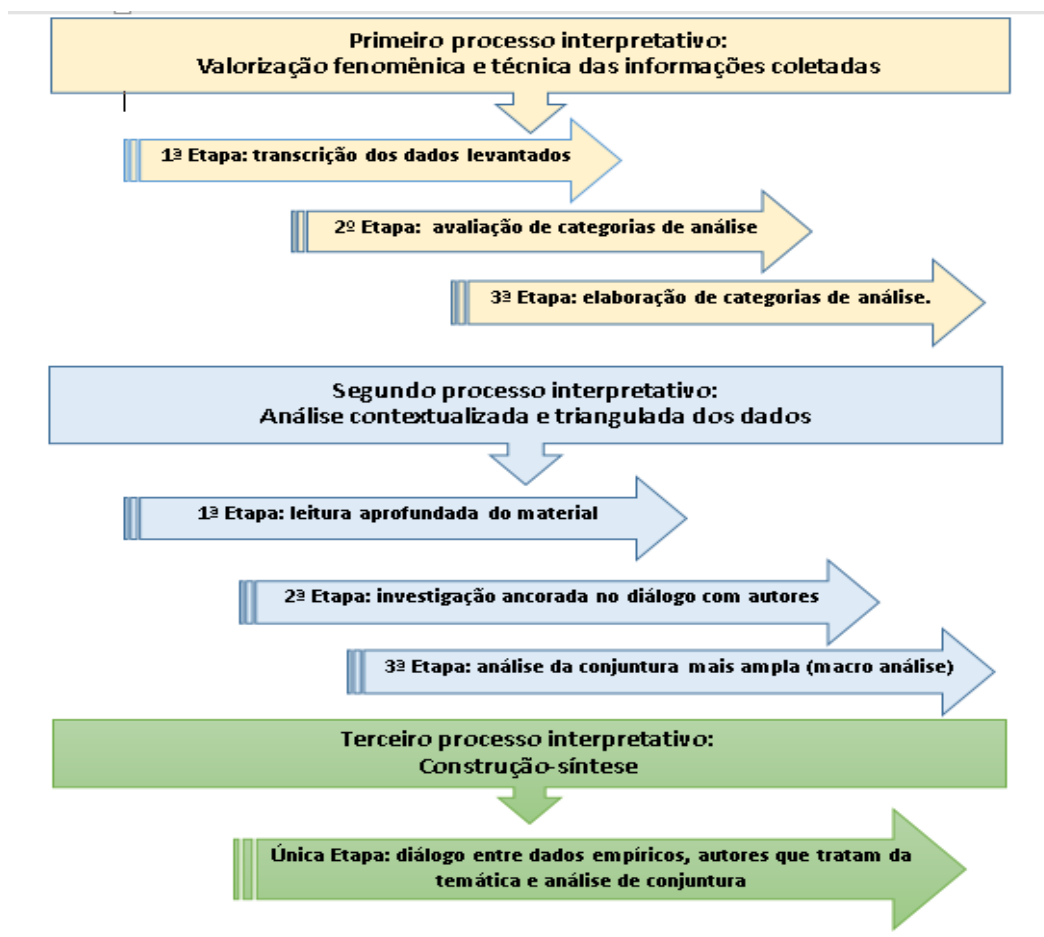
Foi, portanto, realizado um diálogo com os autores junto à base teórica referida na pesquisa e, conseqüentemente, a análise de conjuntura que “deve contemplar o objeto de estudo, contextualizando-o na ambiência macro da sociedade, bem como o

reflexo desta realidade macro no espaço particular do objeto de estudo”. (MARCONDES; BRISOLA, 2014, p. 205).

A triangulação possibilitou, a partir de mais de uma fonte de informações advindas do questionário e dos textos teóricos, colaborar com a superação do problema de pesquisa.

Dessa forma, nas análises dos dados, fez-se o caminho das etapas processuais interpretativas a seguir, pelo método da triangulação, descrita na figura 9.

**Figura 9 - Síntese das etapas processuais interpretativas para a análise dos dados**



Fonte: Adaptado de MARCONDES; BRISOLA (2014, p. 207).

## 5.5 LEVANTAMENTO DE DADOS E PRÉ-PROCESSO INTERPRETATIVO DAS INFORMAÇÕES.

Para a elaboração do questionário, seguiu-se o percurso:

- 1) Retomou-se a hipótese, princípios e objetivos de pesquisa;
- 2) Foram listados aspectos e variáveis que estavam relacionadas ao problema e que foram observados nas hipóteses;
- 3) Foram elaboradas perguntas, as quais foram discutidas, avaliadas e reavaliadas;
- 4) Foram escolhidas perguntas de acordo com a relevância e clareza para entendimento da pesquisa;
- 5) Realizou-se um pré-teste com alguns professores para identificar falhas e verificar a relevância das perguntas, identificando se havia alguma dificuldade na interpretação das perguntas e no autopreenchimento. Nessa etapa, o intuito não era produzir dados da pesquisa e sim identificar problemas na estruturação e eventuais incorreções nas questões. Além disso, o questionário foi discutido com outros pesquisadores da área, de modo a obter uma validação por pares e ampliar a credibilidade dos resultados obtidos.

Durante a organização e elaboração do questionário, buscou-se clareza e coerência na redação, para que fosse entendível para o entrevistado as questões dadas. O questionário teve, no geral, quinze perguntas fechadas e de múltipla escolha dentro do contexto pessoal.

As questões escalonadas estavam relacionadas à opinião do professor em sua visão coletiva no trabalho, de acordo com o nível de importância e uma questão aberta, a qual o entrevistado respondeu com suas palavras e sem limite de letras. Todas as questões foram elaboradas para se relacionarem e, dessa forma, indicar os sentimentos e percepção do entrevistado, além de possibilitar reconhecer inconsistência interna das respostas apresentadas.

De acordo com o apêndice 1, foram colocadas as seguintes questões para serem respondidas pelos entrevistados cuja importância era conhecer um pouco sobre sua vida acadêmica e profissional. As 15 primeiras perguntas estavam voltadas ao individual desse profissional, enquanto a questão 16 foi relativa à visão do docente no coletivo e a questão 17 consistia numa pergunta aberta que permitisse analisar o olhar desse profissional relacionado ao trabalho e à família, segundo a ordem:

1. Idade;
2. Gênero;
3. Formação acadêmica;
4. Tempo de trabalho;
5. Rede na qual atua;
6. Situação profissional;
7. Se marcou mais opções da questão 6;
8. Nível de ensino com que trabalha;
9. Área em que atua;
10. Das opções assinaladas na questão 9, especifique aqui as outras áreas que atua;
11. Quanto tempo você trabalha com a internet durante a semana preparando atividades e aulas, fazendo pesquisas e/ou aprendendo novas técnicas e *softwares* - fora do seu horário de trabalho em sala de aula?
12. Quantas horas você usa nos finais de semana para preparar suas atividades e aulas, fazer pesquisas, aprender novas técnicas e *softwares* para utilizar posteriormente em sala de aula?
13. Você já fez ou faz cursos de formação continuada?
14. Você acha que faz um trabalho de forma manual e depois realiza o mesmo trabalho de forma virtual (por exemplo, lança nota no diário e lança no sistema utilizando computador ou similar)?
15. Além dos encontros na escola, você conversa com a gestão e a coordenação de sua escola?

A questão 16 foi estruturada no modelo de resposta psicométrica (escala LIKERT), a fim de serem analisadas e articuladas com as questões objetivas. De acordo com a figura 10, foram realizadas as seguintes afirmativas.



**Figura 10- Pergunta de número 16.**

<b>AFIRMAÇÃO</b>
Os professores utilizam as tecnologias mais de 1h por dia <i>para</i> prepararem, organizarem e pesquisarem atividades <i>fora de seus horários de trabalho em sala de aula</i> para usarem em suas aulas.
Os professores utilizam as tecnologias nos fins de semana <i>para</i> prepararem, organizarem e pesquisarem atividades que serão utilizadas em sala de aula.
Atualmente os professores têm feito cursos on line, fora de seus horários de trabalho.
Os professores conversam com seus coordenadores e diretores <i>via email</i> a respeito de trabalho fora de suas cargas horárias de trabalho.
Os professores conversam com seus coordenadores e diretores <i>via whatsapp</i> a respeito de trabalho fora de suas cargas horárias de trabalho.
Os professores conversam com seus coordenadores e diretores <i>via telefone</i> a respeito de trabalho fora de suas cargas horárias de trabalho.
Com a vinda da tecnologia, o trabalho dos professores em relação a parte burocrática na escola (planilha de aulas, postagem de notas, relatórios para serem entregues a coordenação, etc) aumentou.

Fonte: A própria autora.

A questão 17 foi elaborada para que o docente pudesse discorrer se ele se identificava com a situação apresentada na figura 11.

**Figura 11 - Charge de reconhecimento e identificação pessoal**



Fonte: A própria autora.

A princípio, era importante entender a visão do professor como pessoa junto ao trabalho cibernético e, após isso, levá-lo a uma reflexão dentro do contexto coletivo, assim foram feitos os mesmos questionamentos, porém, agora, de forma mais ampla. E por último, como ele se identifica com a charge da figura 11.

## 5.6 CARACTERÍSTICA DA INVESTIGAÇÃO, PAPEL DO PESQUISADOR E OS PASSOS PARA REALIZAR A BUSCA NO BANCO DE DADOS DA CAPES

Para se entender a atual situação do trabalho do professor, buscou-se na pesquisa bibliográfica materiais já estruturados, formados por artigos e livros científicos, com propensão às análises das diversas concepções acerca do trabalho docente. Gil (2002, p. 45) expõe que “A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos”.

Sendo assim, a pesquisa bibliográfica se torna essencial para este estudo, porém sem deixar de assegurar as situações e circunstâncias em que os dados foram conseguidos. Para verificar a profundidade das informações produzidas e perceber as possíveis contradições da pesquisa, foram utilizadas fontes diversas.

Esse caminho investigativo qualitativo foi fundamental na construção das análises e na apropriação do conhecimento histórico do sistema produtivo. Também se mostrou importante por apresentar um suporte teórico-metodológico dos fatos que foram delimitando o trajeto da pesquisa. Nesse sentido, o primeiro passo foi realizar uma busca no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), conforme exposto a seguir.

### 5.6.1 Análise das publicações no portal da CAPES

O portal da CAPES foi escolhido por se tratar de uma biblioteca virtual que disponibiliza acervos de instituições de pesquisa e ensino no Brasil e por apresentar grande quantidade e diversidade de resultados de literaturas científicas. É o caso dos artigos de dissertações, teses, recursos textuais, entre outros. Isso permite, dentro dessa busca, a possibilidade de escolher periódicos revisados por pares e por tópicos na área da educação, de forma a garantir a qualidade e confiabilidade dos dados.

Para a seleção na CAPES, criaram-se critérios de inclusão de artigos. O primeiro desses critérios impunha que fossem artigos avaliados por pares, por se tratar de materiais que passaram por correções de especialistas de diversas áreas de conhecimento, o que lhes confere maior credibilidade.

Outro critério restringia os artigos inscritos dentro do tópico Brasil, por ser uma pesquisa que envolve um questionário aplicado neste país, mais especificamente em quatro cidades do estado de São Paulo. Também serviu como critério de seleção a busca por artigos de revisão bibliográfica, depoimentos e relatos de experiências, a fim de se fazer uma análise e levantamento da produção de conhecimento na área, além de possibilitar e verificar a abordagem central dentro dos assuntos filtrados.

A seleção da busca dos artigos aconteceu no período de 2012 a 2018, salvo o tema trabalho docente para o qual o período foi de 2012 a 2019, por haver tão poucas pesquisas no assunto até o ano de 2018. Os temas escolhidos fizeram parte da pesquisa no portal da CAPES por se aproximarem do objeto de estudo desse trabalho.

Foram escolhidos os seguintes temas de busca:

- 1) Profissionalismo docente;
- 2) Trabalho docente;
- 3) Carga horária do trabalho do professor;
- 4) Remuneração e trabalho do professor;
- 5) Horas digitais e o trabalho do professor no ensino básico;
- 6) Valorização na remuneração do professor.

O total de artigos encontrados no período e temas escolhidos somaram duzentos e nove. As análises dos artigos se deram a partir da leitura dos resumos dos textos e, quando a sinopse indicava que os artigos tratavam da remuneração e/ou do trabalho do professor junto à tecnologia, o texto era lido na íntegra.

### **5.6.2 Resultados e discussão**

A busca fundamentou-se na verificação de debates sobre o que vem sendo produzido e difundido a respeito do repensar do trabalho docente na era digital, diante da sociedade atual. Costa (1995) comenta que:

Nosso século tem registrado profundas transformações no trabalho docente, decorrentes do modo como ele se insere nas injunções estruturais de sociedades profundamente marcadas pelo desenvolvimento científico e

tecnológico e pela transição para uma era pós-industrial; da mesma forma estamos assistindo ao surgimento e desenvolvimento de linhas de investigação que se ocupam em analisar e interpretar o trabalho do ensino a partir de diferentes perspectivas e múltiplos referenciais conceituais e valorativos. (COSTA, 1995, p. 83)

Costa (1995, p. 83) ainda comenta que “As linhas de investigação sobre o trabalho docente desenvolveram-se mais acentuadamente na segunda metade deste século, na medida em que o período pós-guerra demandava uma análise mais profunda da educação”, considerando esse o principal momento no qual os fatos históricos da docência e o momento que a tecnologia foi introduzida na educação diante do trabalho relacionado ao professor.

Costa (1995) demonstra que, diante das alterações no padrão produtivo que a tecnologia provoca na sociedade do conhecimento, diversos acadêmicos, intelectuais orgânicos e educadores desenvolveram suas reflexões e estudos relacionados ao trabalho docente. Esses escritores acreditavam que suas obras intelectuais ajudariam e acrescentariam profissionalmente na vida desses professores, mas não consideraram a quantidade de trabalho que seria gerado para esses profissionais, devido às inovações tecnológicas.

Em busca de autores que tratam do trabalho docente, surgiram as categorias emergentes sobre as quais Barbosa (2012, p. 99) comenta que, ao agir dessa maneira, “não se privilegia uma amostragem aleatória e numerosa, mas sim criteriosa ou intencional, ou seja, a seleção da amostra está sujeita a determinados critérios que permitam à investigadora aprender o máximo sobre o fenômeno estudado”. Dessa forma, surgiram as categorias emergentes após a análise de cada palavra-chave pela busca do tema.

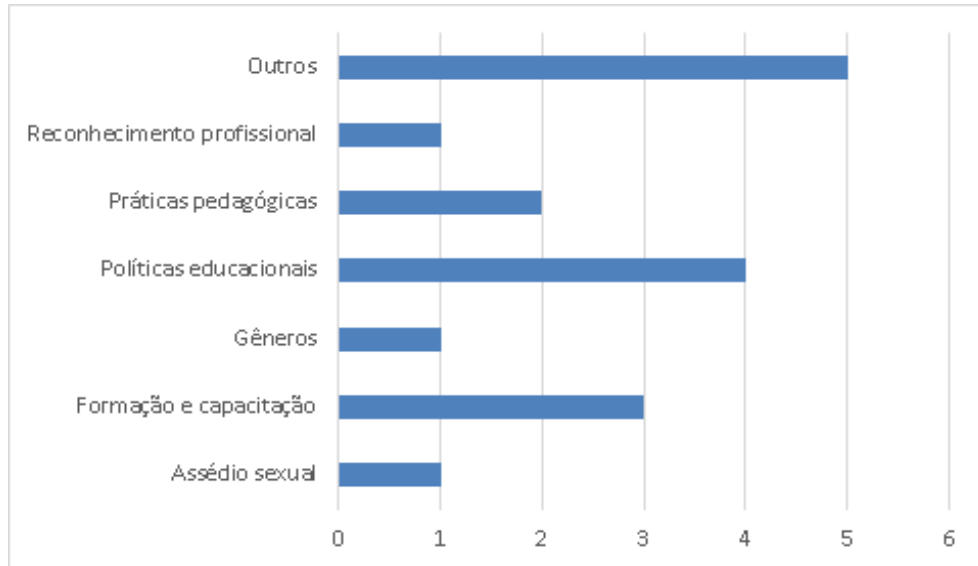
Durante o momento quantitativo da busca dos resultados, houve a preocupação em fazer uma minuciosa verificação por atributos e características de palavras e assuntos contidos em cada grupo de procura, averiguando e caracterizando em cada um seu objeto de pesquisa e analisando os dados que cada descritor desenvolveu em seu trabalho de investigação.

Portanto, o objetivo dessa busca foi apropriar-se em relação aos descritores, qual era o assunto mais pertinente em seus escritos, gerando a formação dos subtemas.

Das caracterizações emergentes da busca de profissionalismo docente, observaram-se 17 artigos a partir dos quais emergiram 7 categorias, considerando os

subtemas: assédio sexual, formação e capacitação, gêneros, políticas educacionais, práticas pedagógicas, reconhecimento profissional e outros, conforme com o gráfico 1.

**Gráfico 1. Resultado da busca pelo tema profissionalismo docente**



Fonte: A própria autora

De acordo com o gráfico 1, para a discussão dos subtemas, criou-se o quadro comparativo 6, para melhor visualização das análises.

**Quadro 6 - Discussão dos subtemas pela busca profissionalismo docente**

Subtema	Quantidade de artigos	Temática
Assédio sexual	1	Questão da moral no ambiente de trabalho.
Formação e capacitação	3	Dificuldades das práticas pedagógicas identificadas pelos professores em sala de aula junto aos recursos tecnológicos, bem como a necessidade de estarem sempre em formação continuada.
Gênero	1	Incorporação das mulheres como profissionais e as relações étnico-raciais.
Políticas educacionais	4	Reformas de currículos, políticas públicas e os gestores, modelos de gestão e currículos, políticas de avaliações.
Reconhecimento profissional	2	Saúde dentro dos contextos econômicos, sociais e as condições de trabalho entre Brasil e a França, mas não comentam como é o trabalho do professor frente às horas digitais fora da sala de aula.

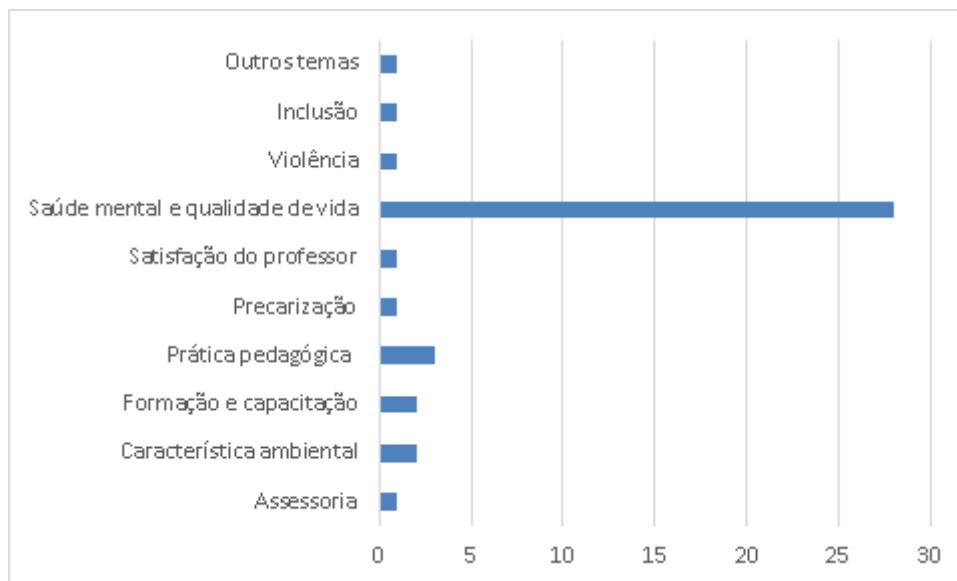
Outros	5	Práticas pedagógicas de universidades, experiência profissional jurídica e a circulação de cargos, vantagens competitivas e a contribuição gerencial.
--------	---	---

Fonte: A própria autora

Para a pesquisa referente ao tema trabalho docente, foram encontrados 41 artigos. No entanto, nada relacionado às atividades do professor, horas digitais e serviços executados fora de sua carga horária.

Utilizou-se o mesmo critério anterior, ou seja, buscando inicialmente averiguar e caracterizar os materiais por meio do tema escolhido para a pesquisa, posteriormente havendo a classificação em subtemas e, por fim, entendendo os objetivos de cada descritor.

**Gráfico 2. Resultado da busca pelo tema trabalho docente**



Fonte: A própria autora

Os artigos relacionados por subtemas no gráfico 2 terão suas discussões no quadro 7.

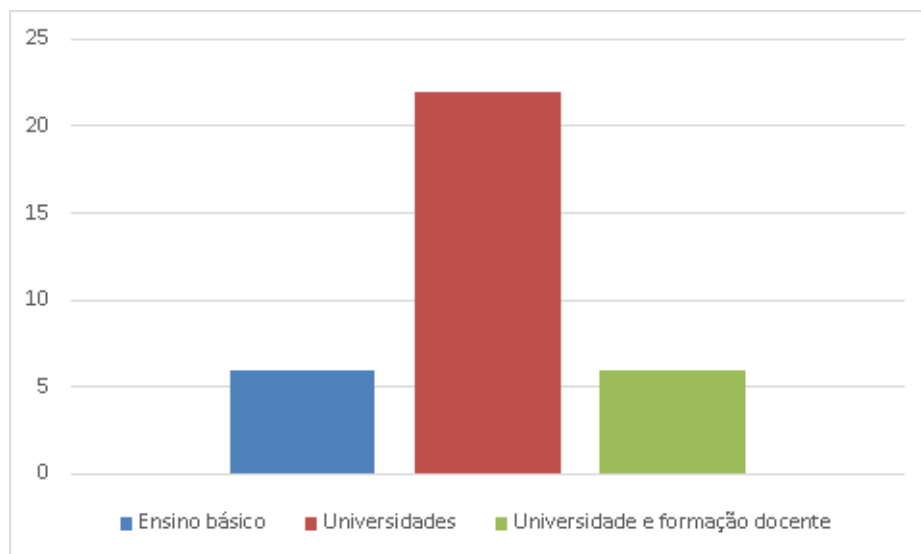
**Quadro 7 - Discussão dos subtemas pela busca trabalho docente**

Subtema	Quantidade de artigos	Temática
Assessoria	1	Apresenta os principais avanços, as propostas de tratamento e construção para as instituições que querem e estão preocupadas em melhorar a educação.
Característica Ambiental	2	Tem como assunto o ambiente laboral e como pode comprometer a qualidade desencadeando até mesmo certas patologias no professor; a necessidade de atenção dos gestores públicos em manter o ambiente de trabalho com maior bem-estar e segurança para o docente.
Formação e capacitação	2	Investigam a importância da formação de profissionais mais capacitados para trabalhar melhor o corpo discente em seu processo de aprendizagem.
Práticas pedagógicas	3	Abordam professores de educação física considerando o domínio específico desse profissional, relacionando a teoria à prática.
Precarização	1	Traz uma reflexão da situação das escolas públicas brasileiras.
Satisfação do professor	1	Faz uma verificação laboral e do profissionalismo dos professores. Aponta que, em geral, a maioria das mulheres está satisfeita em relação à questão relacional entre pares, mas no aspecto salarial não.
Saúde mental e qualidade de vida	28	Destacaram-se pela quantidade de artigos encontrados. No geral, apontam a quantidade de docentes com distúrbios de voz e as bases legais que tratam da saúde mental, programas preventivos, a interação dos professores e seus familiares e o que hoje os professores entendem sobre a importância da saúde mental.
Violência	1	O autor aborda a questão do sofrimento psicológico e físico do professor no ambiente de trabalho.
Inclusão	1	Relata as dificuldades que os professores substitutos encontram em acompanharem o que está sendo desenvolvido em sala de aula.
Outros temas	1	Está relacionado com o nível superior em específico no curso de enfermagem.

Fonte: A própria autora.

O resultado de pesquisa a partir das palavras-chave “carga horária de trabalho do professor” foi de 41 artigos. Conforme o gráfico 3, verifica-se que, quando se trata do horário de trabalho, as pesquisas se voltam para os professores universitários.

**Gráfico 3 - Resultado da busca pelo tema carga horária de trabalho do professor**



Fonte: A própria autora.

A busca no sítio web da CAPES, por meio das palavras “carga horária”, filtrou seis artigos para o ensino básico, como mostra o gráfico 3. Esses textos abordavam a crise econômica no Brasil entre 2002 e 2013, a distribuição de renda entre estados e municípios, o crescimento econômico brasileiro, as políticas públicas e os currículos prescritos para o ensino médio, a educação matemática e a quantidade de horas no ensino fundamental I e os programas de alfabetização.

No entanto, não foi encontrado nenhum dado sobre a carga horária de trabalho do professor em relação às suas atividades digitais fora da sala de aula no ensino básico. Os outros vinte e nove resultados encontrados, universidades e formação docente, mostram a situação dos professores universitários.

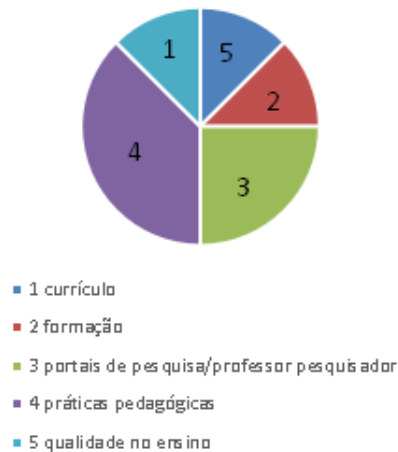
Nesse sentido, o que se quis mostrar pelo gráfico 3, em relação ao ensino, é que, sendo a pesquisa voltada para carga horária de trabalho do professor no ensino básico, o resultado da busca mostra que esse tema abrange um percentual pequeno de 14,63%. Ocorre que não se aprofundará essa questão, pois esse tema apenas



tangencia o escopo do presente estudo, mostrando que ainda não se fala muito ou quase nada da carga horária de trabalho do professor em nível básico.

A busca com filtro no tema “horas digitais do professor do ensino básico”, possibilitou verificar se os descritores da atualidade estavam relacionando o trabalho cibernético do professor em seus artigos, uma vez que se entende que é uma realidade constante na vida dos professores. Foram encontrados no total 15 resultados, nos seguintes temas mostrados no gráfico 4.

**Gráfico 4 - Resultado da busca pelo tema “horas digitais do professor de educação básica”.**



Fonte: A própria autora.

Um fato importante que se observa, apesar da busca do tema ser horas digitais, é que os assuntos tratados pelos autores foram: currículo, formação docente, portais de pesquisa/professor pesquisador, práticas pedagógicas e qualidade no ensino, conforme mostra o quadro 8.

**Quadro 8 - Discussão dos subtemas “horas digitais do professor do ensino básico”.**

Subtema	Quantidade de artigos	Temática
Currículo	1	A importância de implantar nos currículos escolares a tecnologia.

Formação docente	2	Os professores devem ter em sua formação uma preparação específica para o uso das tecnologias na sala de aula.
Portais de pesquisa/professor pesquisador	3	O pouco uso dos professores nas plataformas <i>on-line</i> , como também a pouca sondagem e reconhecimento dos <i>sites</i> oferecidos pelo governo, mesmo quando apresentam serviços para atenderem os professores.
Práticas pedagógicas	4	Inovações tecnológicas e seu uso em sala de aula, a formação continuada do professor e projetos pedagógicos para melhor didática no ambiente escolar.
Qualidade no ensino	5	Debate amplo de educadores de diferentes gerações e o uso da tecnologia quanto a sua utilização em sala de aula.

Fonte: A própria autora.

Os desafios são muitos para o professor na atualidade. Apesar dos resultados encontrados estarem relacionados às problemáticas da era atual, existe uma desvalorização social relacionada ao trabalho voltado às horas digitais do docente fora de sua jornada de trabalho. A retratação dessas horas não é, muitas vezes, discutida entre os acadêmicos e educadores.

Isso permite questionar e fazer uma reflexão sobre o papel do intelectual orgânico na sociedade acadêmica. Segundo SEMERARO (2006), os intelectuais orgânicos, cientes de seus encargos e vinculações de classe, apresentam atividade intelectual variada como especialistas e técnicos de entendimentos mais avançados tanto no trabalho, no meio da corporação civil, como no grupo político. Eles agem conformando-se às concepções que defendem, garantindo, desse modo, o poder do próprio núcleo social. Nesse sentido, observa-se que, na educação atual, não é diferente a função dos intelectuais orgânicos. Eles se comportam como indispensáveis, ou seja, como sendo uma organização científica do trabalho na educação. Contudo, embora muitas vezes se apresentem como intelectuais orgânicos da classe trabalhadora, acabam por defender o uso indiscriminado e acrítico da tecnologia, sugerindo e defendendo o uso de plataformas e recursos tecnológicos, sem refletir sobre como e quando docentes poderão se apropriar delas, nem como isso pode impactar sua jornada de trabalho. Por isso, podem ser associados a intelectuais orgânicos do capitalismo, uma vez que acabam por defender, ainda que de forma inconsciente, a exploração do trabalho alheio.

Na busca relacionada à “valorização do professor”, foram encontrados 999 resultados, dos quais uma segunda filtragem gerou o tema “valorização na

remuneração do professor”, com 108 artigos na plataforma CAPES, de acordo com o quadro 9.

**Quadro 9 - Resultado da busca pelo tema “Valorização na remuneração do professor”.**

Subtemas	Total da busca 108	Temática
Abandono na carreira docente	1	Abandono da carreira, melhores empregos e problemas relacionados à saúde mental.
A dificuldade em ser professor primário	1	Dificuldade que os professores enfrentam quanto à falta dos alunos em acompanharem os conteúdos, falta de material pedagógico, falta de compreensão e ajuda dos pais, entre outros.
Formação continuada	5	Conflito no reconhecimento e a necessidade de formação dos docentes em nível superior, condições de trabalho e a valorização no piso salarial dos docentes e plano de carreira.
Gênero	2	Salários em relação ao gênero dentro do setor público no geral.
Piso salarial	3	Análise das repercussões do FUNDESF/FUNDEB na remuneração inicial, valores abaixo do piso salarial e a valorização dos docentes nas políticas públicas.
Planejamento financeiro nas escolas	6	A gestão e planejamento centralizados, execução descentralizada dos recursos financeiros, autonomia administrativa, sistema de financiamentos.
Plano de carreira	1	Aborda a lei 14.660/2007 e comenta que 1/3 das horas é atribuída a atividades extras, de forma que o professor possa fazer até 70 horas semanais, mas nada relacionado a horas digitais, até por se tratar de um artigo de 2014.
PNLD	1	Discussão sobre a importância do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), porque deve existir essa discussão nas escolas na escolha dos livros didáticos.
Políticas educacionais	3	Contextualização do pensamento filosófico, a avaliação educacional junto aos resultados que os alunos têm conseguido nas provas do IDEB, SARESP, entre outras.
Práticas pedagógicas	5	Discussão da prática pedagógica entre os professores frente ao uso das tecnologias.
Professores universitários	8	Discussão entre as horas trabalhadas e o piso salarial dos professores do ensino superior, entre outros tópicos relacionados a universidades.
Programas universitários	3	Quão pouco é divulgado em algumas escolas públicas os programas universitários como SISU, PROUNI e FIES.

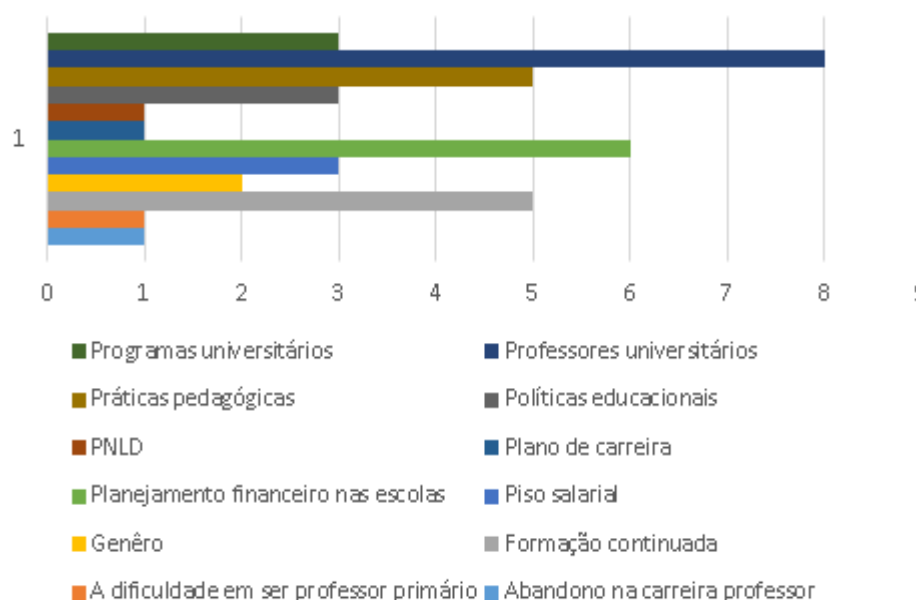
Qualidade de Vida	3	O descaso que os professores sofrem em relação a alguns alunos, as salas superlotadas, a saúde mental desses docentes.
Outros temas	66	Os 66 artigos apontam assuntos do ensino superior que não são foco de pesquisa deste trabalho.

Fonte: A própria autora.

Verifica-se pelo quadro 9 que dos 108 artigos encontrados, de acordo com o tema “valorização na remuneração do professor”, 66 deles não foram comentados pelo fato de abordarem assuntos do ensino superior, relacionados à carreira dos professores nessa instância, não sendo o foco desta pesquisa.

O gráfico 5 mostra somente os 42 resultados voltados à valorização na remuneração do professor no ensino básico, desconsiderando, conforme a tabela, os outros 66 temas que não eram de interesse da pesquisa.

**Gráfico 5 - Resultado da busca pelo tema “Valorização na remuneração do professor”.**



Fonte: A própria autora.

Pelas pesquisas feitas no portal da CAPES e seleção da busca dos artigos no período de 2012 a 2018 nos temas profissionalismo docente, trabalho docente, carga horária de trabalho do professor, remuneração e trabalho do professor, horas digitais, o trabalho do professor no ensino básico e a valorização na remuneração do

professor, o que se pode observar, conforme CARVALHO (2016), é que as mudanças que ocorreram no mundo, tendo como referência as Revoluções Industriais, trouxeram transformações significativas para os docentes e para seus mecanismos de trabalho. Os intelectuais orgânicos da educação trazem uma imagem que comporta o desenvolvimento do trabalho docente ao longo do pensamento educacional, mas não tratam o trabalho imaterial do professor na Quarta Revolução Industrial.

Além dos artigos científicos no portal da CAPES, também foram analisados artigos de comunicação escrita publicados referentes ao assunto “trabalho docente” no Portal de periódicos da CAPES no período de 2012 a 2018, das revistas *Educação e Sociedade*, *Educação e Pesquisa*, *Educação & Realidade*, *Educação & Sociedade*. Contou-se com 13 resultados para o tema “trabalho docente”.

As revistas selecionadas dentro do Portal da CAPES são nacionais de Qualis A1 na área de ensino e educação.

**Quadro 10 - Revistas pesquisadas dentro do portal CAPES**

REVISTAS PESQUISADAS	INSS	QUALIS ENSINO	QUALIS EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO & SOCIEDADE	1678-4626	A1	A1
EDUCAÇÃO E PESQUISA	1678-4634	A1	A1
EDUCAÇÃO E REALIDADE	2175-6236	A1	A1
EDUCAÇÃO E REALIDADE	0100-3143	A1	A1

Fonte: A própria autora

A leitura dos artigos nas revistas foi realizada tendo em mente o critério de caracterizações emergentes, comentadas no começo deste capítulo, além de objetivos de cada artigo lido, tendo como resultado o quadro 11 dos temas emergentes das revistas que, cuidadosamente, foram lidas. Apenas foram observados os resultados separadamente para melhor análise.

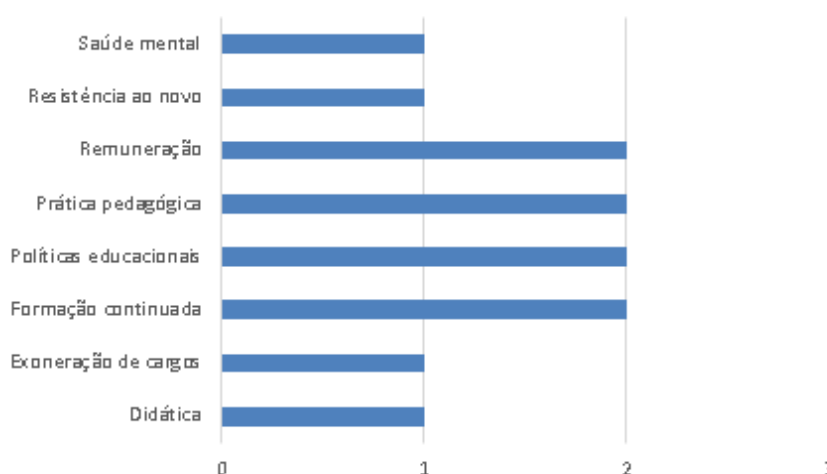
**Quadro 11 - Resultados e análise dos artigos lidos nas revistas da tabela 2.**

Resultado por assunto junto ao tema trabalho docente	Artigos de revistas digitais portal CAPES	Temática
--	---	----------

Didática	1	Análise do trabalho docente relacionado aos professores iniciantes de Língua Portuguesa.
Exoneração de cargos	1	Trabalho docente da construção social.
Formação continuada	2	Trabalho docente nos primeiros anos de carreira docente e a formação continuada dos professores dentro da tecnologia.
Políticas educacionais	2	Políticas públicas e as relações do trabalho docente no Estado de Minas Gerais e análise das políticas públicas também no Estado de Minas Gerais buscando novas regulações educativas.
Prática pedagógica	2	Os saberes docentes na racionalidade pedagógica no ensino superior e a qualidade do trabalho docente.
Remuneração	2	Taylorismo, Fordismo e Toyotismo e a remuneração variável por desempenho na educação brasileira.
Resistência ao novo	1	A resistência do docente e o uso da tecnologia no cotidiano.
Saúde mental	1	A importância de se observar a saúde mental do professor
Total pesquisado	13	

Fonte: A própria autora.

**Gráfico 6 - Resultado em revistas no portal da CAPES**



Fonte: A própria autora

Os subtemas destacados no quadro 11, em relação às buscas nas revistas, foram os artigos que tratavam da remuneração cujos temas relataram os modelos

administrativos e seus valores. Um dos artigos abordou o Taylorismo, Fordismo, Toyotismo e a remuneração por desempenho na educação brasileira de forma subjetiva, não tratando dos dias atuais diante da situação do professor junto às novas tecnologias digitais.

O outro tratava das condições concretas e dos discursos das prescrições oficiais, no qual fazia uma análise do trabalho do professor junto aos documentos oficiais, uma reflexão da legislação educacional e uma análise das condições do trabalho docente quanto à sua situação concreta.

Os dois temas abordavam a questão do piso salarial, ambos escritos entre 2012 e 2013, quando a tecnologia já era frequente no contexto educacional, porém não foram abordadas as atividades do professor fora de sua jornada de trabalho.

Os artigos sobre as políticas educacionais, práticas pedagógicas e formação pedagógica analisaram os aspectos voltados à precariedade da formação dos professores, seja na formação inicial, seja na continuada, tema bastante discutido nos resultados obtidos.

De acordo com os artigos lidos, quando o assunto é a tecnologia digital, tais artigos referem-se ao fazer cibernético como instrumento facilitador do trabalho do professor. Tratam do mesmo modo a formação continuada e o esforço massivo dessa formação pelo tempo de trabalho do professor, voltado ao processo de aprendizagem do aluno e a busca de melhor didática e metodologias de ensino junto a essa tecnologia.

Interessante notar como aumentaram os escritos que abordam a qualidade de vida e saúde mental do professor. No entanto, dentro desse contexto de saúde mental, nada acerca da dificuldade que muitas vezes o professor encontra ao trabalhar com a tecnologia digital para a preparação de suas aulas, o tempo que isso leva para acontecer e o local para realizar tais ações.

O que se verifica é que existe uma necessidade de adaptação profissional e social do professor, ou seja, as mudanças vêm trazendo discussões sobre a qualidade, a adaptação dele às novas tecnologias e o desejo de garantir uma escola com qualidade.

COSTA (1995) faz uma crítica sobre essa questão.

Nos estudos sobre o trabalho docente que se inscrevem, nessa segunda perspectiva, muitos não explicam como esse processo de trabalho se tornou um processo de trabalho capitalista e, apesar disso, analisam com a mesma

categoria com que se analisa o trabalho fabril; outros se utilizam da teorização de Braverman para explicar as transformações, ou seja, como o trabalho docente vem perdendo, gradativamente, as características das profissões e assumindo o caráter de trabalho proletarizado. Neste segundo caso, há o pressuposto de que o trabalho docente, no passado, não era proletarizado e, à medida que a educação se institucionaliza e se massifica, o estado aumenta o controle, que passa a exigir divisão de tarefas e nem tudo que era responsabilidade do professor, antes, continua sendo, hoje. (COSTA , 1995, p. 118).

O portal da Capes é uma biblioteca virtual que propicia acervos de instituições de ensino e pesquisa no Brasil e dispõe de uma diversidade de resultados de artigos, dissertações, teses e literaturas científicas, entre outros. Observou-se pela pesquisa efetuada que, ao longo do tempo, o olhar dos descritores em relação ao trabalho docente após a vinda da tecnologia digital foi de cobranças, no que diz respeito ao conhecimento tecnológico e teórico do professor.



Houve também uma crescente preocupação e discussão relacionada à saúde mental do docente, à pedagogia na sala de aula, à tecnologia digital e à formação continuada do profissional, entre outros temas. Porém, quanto ao trabalho laboral relacionado ao uso da tecnologia fora do ambiente escolar, não houve a mesma preocupação, como ocorreu com as outras áreas anteriormente citadas.

De acordo com alguns descritores e temas pesquisados, é necessário que os professores se encaixem no mundo atual. Dessa forma, o trabalho docente deve ser repensado, assim como o tempo dedicado à preparação de atividades e tarefas digitais.

### **5.6.3 Conclusão da pesquisa da CAPES**

Ao final da busca no portal CAPES, verificou-se como principais temas coligidos os seguintes: profissionalismo docente, carga horária do trabalho do professor, remuneração e o trabalho do professor, horas digitais e o trabalho do professor no ensino básico, valorização do professor, valorização na remuneração do professor.

Mesmo com temas diferentes, os resultados direcionam para os mesmos assuntos, quais sejam questões relacionadas às mudanças que os currículos devem sofrer com a vinda da tecnologia no ambiente escolar, a existência e a preocupação com a formação continuada do docente, além da preparação e capacitação do



professor que, muitas vezes, sai da graduação não devidamente capacitado para enfrentar uma sala de aula.

Dos artigos lidos e observados, o discurso foi o mesmo em função do trabalho docente: os professores precisam melhorar suas práticas pedagógicas, a qualidade de ensino e o processo ensino-aprendizado. Os escritos relacionados à remuneração são voltados ao piso base salarial, não tratando do uso da tecnologia pelos professores nem suas horas digitais trabalhadas fora do ambiente escolar.

Muitos artigos estão relacionados com a qualidade de vida do professor quanto à sua perda de voz, à saúde mental do professor, à Síndrome de Burnout, além de outros transtornos que têm surgido em função dos problemas referentes à sala de aula, frente à violência e ao ambiente crítico de trabalho.

Todos os resultados das pesquisas são importantes e válidos, porém a omissão dos artigos sobre as atividades que hoje o professor exerce fora de sua jornada de trabalho ocasionadas pelo uso da tecnologia é preocupante e deve ser percebida e repensada por pesquisadores e estudiosos.

A tecnologia digital tem sido uma relevante ferramenta de trabalho do professor, influenciando sua vida fora do contexto escolar, pois ele tem realizado um serviço laboral para entregar tudo pronto e organizado quando vai dar sua aula, alimentando plataformas e executando atividades diversas, tornando possível que o discente dê continuidade em seu processo de aprendizagem com maior significação.

Dessa forma, se torna relevante a discussão relativa às horas digitais realizadas pelo professor e seu esforço laboral, devendo considerar as exigências que hoje se fazem presentes junto às tecnologias, na qual se realizam atividades em tempos cibernéticos e domésticos, não estando previstos tais esforços nas políticas públicas nem sendo vistos nas pesquisas encontradas.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

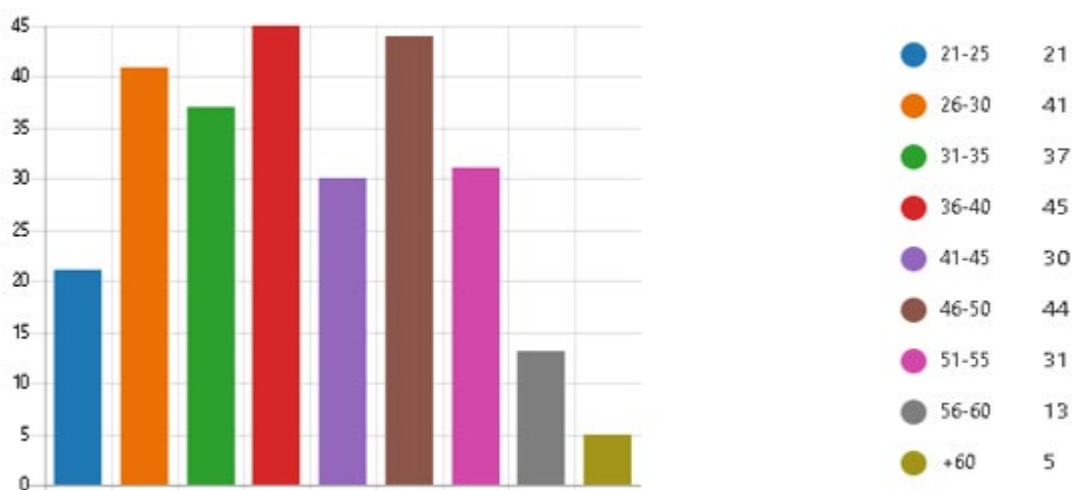
Este capítulo apresenta os resultados atingidos a partir da análise dos dados, provenientes dos questionários dos professores, bem como a discussão acerca desses resultados.

### 6.1 ANÁLISE DAS QUESTÕES QUE ENVOLVEM A CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES PARTICIPANTES.

Durante a transcrição dos dados levantados, no primeiro momento, observou-se apenas as quatorze questões fechadas, fazendo uma pré-avaliação desses dados para depois confrontar com a tabela Likert e, dessa forma, triangular os resultados obtidos.

A partir dos dados obtidos com o questionário utilizado (apêndice 1), com relação à idade dos professores pesquisados, construiu-se o gráfico 7

**Gráfico 7 - A idade X Quantidade por Idade**

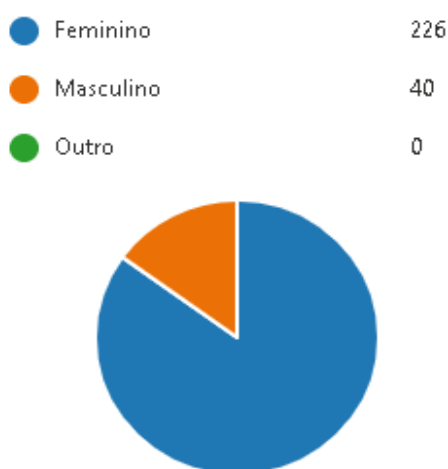


Fonte: A própria autora.

Sobre a idade dos professores das redes públicas e privadas nas regiões onde o questionário foi aplicado, verificou-se um grupo relativamente diverso, no qual a maioria dos professores apresenta entre 26-30, 36-40 e 46-50 anos, respectivamente 16,47%, 16,85% e 16,48%, somando quase 50% do grupo.

Observa-se pelo gráfico 8 que, em sua maioria, os professores são do gênero feminino.

**Gráfico 8 – Gênero**



Fonte: A própria autora.

Esse percentual de 84,96% representa o número maior de mulheres que lecionam, o que leva a observação que, em sua maioria, as mulheres são predominantes dentro do universo investigado.

Sobre isso, COSTA (1997) apresenta o seguinte fundamento histórico em suas análises:

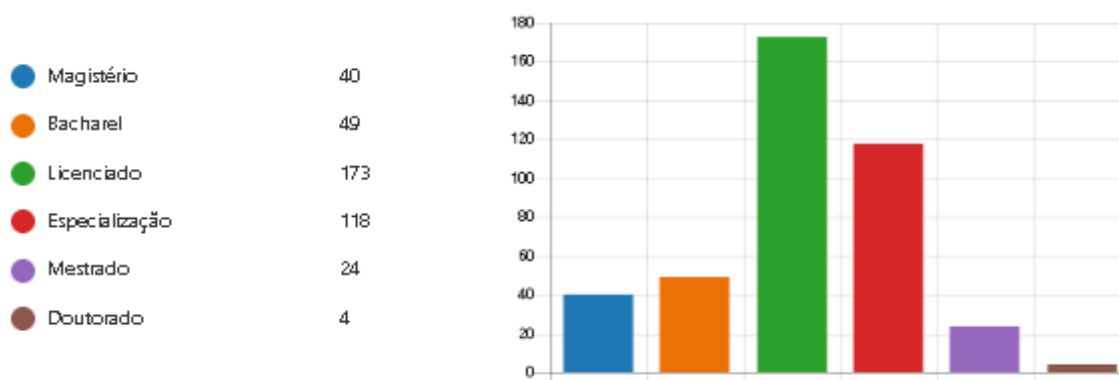
[...] estaria inclinada a defender que o magistério foi um dos primeiros campos profissionais que se abriu para as mulheres sob o olhar aprovador da sociedade. Mais do que isso, as mulheres foram de certa forma impelidas para ele em função do argumento construído e reafirmado dentro da lógica do patriarcado, em sua versão moderna, de associação da tarefa educativa com a maternidade. (COSTA, 1997, p.160).

Cabe ressaltar que o questionário foi realizado em várias escolas e cidades. De acordo com os coordenadores das escolas, os professores receberam muito bem o questionário, facilitando a pesquisa, independente do gênero de cada um. Os

participantes, portanto, se dispuseram a mostrar como se sentiam em relação às perguntas em suas práticas de trabalho fora do ambiente escolar.

Quanto à formação acadêmica dos professores, apesar da lei que prevê a obrigatoriedade da formação em nível superior, mesmo dentre os professores da educação básica, constata-se que muitos têm somente o magistério, nível médio do ensino básico.

**Gráfico 9 - Formação acadêmica (O professor tinha mais de uma opção)**



Fonte: A própria autora.

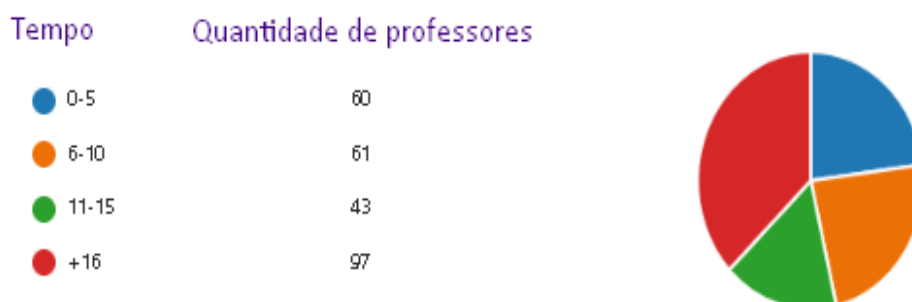
No gráfico 9, por haver mais de uma opção para a resposta, percebe-se que muitos professores tiveram uma formação continuada ou uma segunda faculdade na área pedagógica. Nesse sentido, foi feita uma visita em uma das escolas de educação infantil para saber sobre a formação de magistério das profissionais que trabalhavam com as crianças. Muitas professoras auxiliares ainda possuem apenas o ensino médio. Por exemplo, na escola de educação infantil visitada na cidade de Valinhos-SP, de 25 professoras auxiliares, 10 tinham somente o magistério.

Para a resposta em relação à formação acadêmica, teve-se o privilégio de conversar com alguns professores. O professor de matemática X comentou que sua primeira formação foi bacharel em Engenharia, depois fez licenciatura em Matemática e, atualmente, é professor efetivo de matemática no estado. O professor X possui dois cargos efetivos.

A professora Y também teve sua primeira formação bacharel em serviço social e, atualmente, é formada em Pedagogia e concursada na prefeitura de Vinhedo em uma creche.

Quanto ao tempo de trabalho, o gráfico 9 mostra que, em sua maioria, os professores lecionam há mais de 16 anos.

**Gráfico 10 - Tempo de trabalho (em anos)**

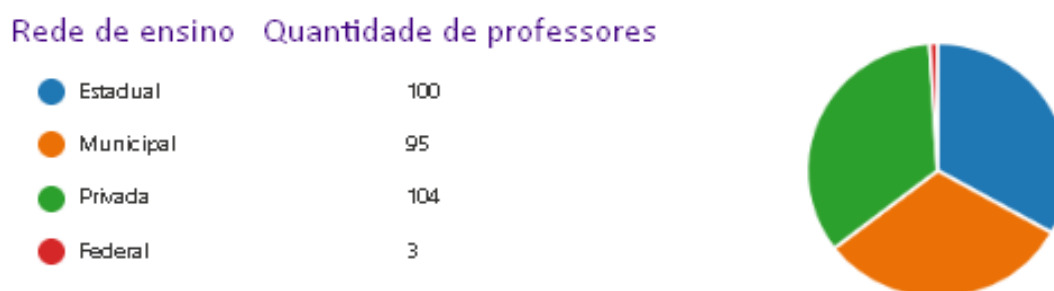


Fonte: A própria autora.

Em decorrência do tempo de atuação dessa maioria representada pelo gráfico 9, verificou-se que pelo menos 52,23% puderam presenciar as mudanças que ocorreram na educação, inclusive em relação à introdução das novas tecnologias digitais. Rankel e Stahlschmidt (2009) em função desse tempo de trabalho em anos, os autores observaram que esses profissionais passaram por uma nova dinâmica referente às atividades que exerciam a quantidade aumentada de tarefas.

Na sequência, a próxima questão verificou em que tipo de rede o profissional em análise atua. Nesse caso, o professor poderia marcar mais de uma opção, por considerar a atual situação do professor, que muitas vezes ocupa mais de um cargo, conforme confere o gráfico 11.

**Gráfico 11 - Rede na qual atua (podendo ter mais de uma resposta)**

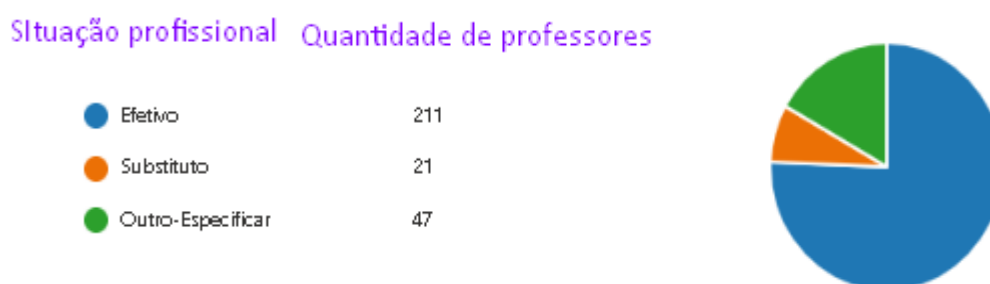


Fonte: A própria autora.

Pelo resultado obtido no gráfico, muitos professores trabalham em mais de uma escola, levando em consideração que 268 professores responderam ao questionário, com 302 respostas, ou seja, 12,69% estão atuando nas redes estaduais e privadas.

Outro fator que chamou a atenção foram os dados do gráfico 12, que aborda a situação do professor quanto à sua ocupação.

**Gráfico 12 - Situação profissional - com mais de 1 opção**



Fonte: A própria autora

No resultado do gráfico 11, a pergunta foi relacionada à situação desse profissional quanto a sua relação trabalhista, podendo marcar mais de uma opção. O que aparece recorrente à possibilidade do dinamismo profissional e à intensificação do trabalho constata que, mesmo que a maioria seja professor efetivo, uma boa parcela trabalha ainda em outras redes, como substitutos e mesmo ocupando outros cargos.

**Quadro 12 - Algumas das outras opções relatadas pelos professores**

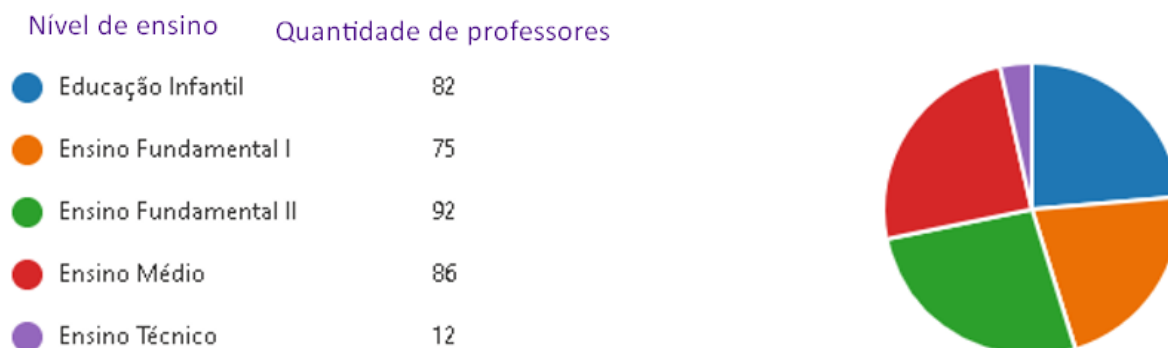
3	anonymous	Cat. F
4	anonymous	Contratada pelo estado
5	anonymous	Sou categoria F
6	anonymous	Contratado
7	anonymous	Assistente de coordenação
8	anonymous	Cargo Comissionado
9	anonymous	Contrato Estado
10	anonymous	Trabalho voluntário

Fonte: A própria autora.

O gráfico 12 mostra um total de 47 pessoas que responderam ter outro tipo de ocupação. Importante atentar para o fato de que a opção “outro”, o professor realmente possui outras categorias de cargos que hoje são atribuídas a esse profissional, como: categoria A, que são os professores efetivos, categoria P, os professores que possuem cargos estáveis pela constituição, categoria F, por meio das aulas atribuídas em 20/06/2007 tornaram-se estáveis, categoria L, são os docentes com aula depois 02/06/2007 e antes de 17/07/2009, categoria O, são os que foram admitidos após a publicação da LC 1.093 de 2009, categoria R, são os docentes adaptados, categoria V, que são os professores contratados sem aulas atribuídas, os eventuais, após a lei 1093/2009)

Além do mais, é pertinente verificar que este mesmo professor também pode atuar em níveis de ensino diferentes, como representado no gráfico 12.

**Gráfico 13: Nível de ensino com que trabalha - podendo marcar mais de uma opção**



Fonte: A própria autora.

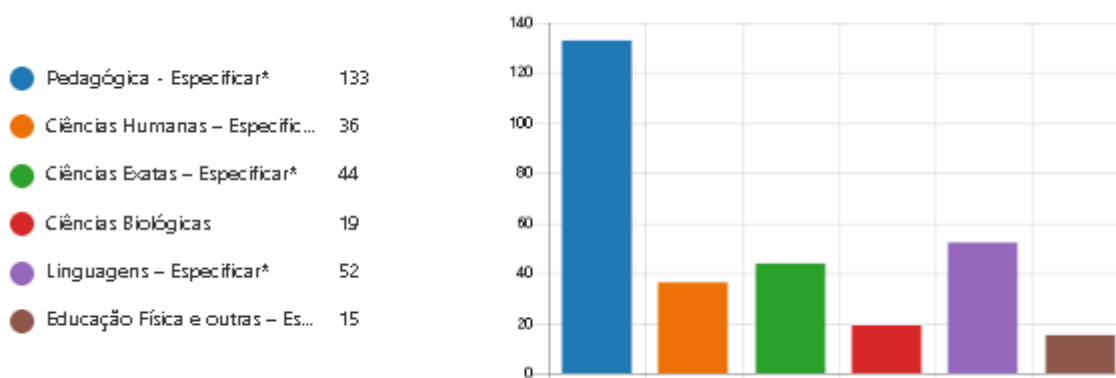
Outro aspecto relevante quando se analisa as respostas relacionadas ao nível de ensino no qual o docente trabalha, gráfico 13, dos 347 resultados obtidos, significa que 29,48% trabalham em mais de um nível. Esse tipo de situação gera aumento de trabalho, sobrecarrega o professor com horas a mais fora do ambiente de trabalho, o que acarreta a intensificação do trabalho docente.

Durante o questionário, para verificação da percepção que o professor tem de si mesmo em função de seu trabalho, levantou-se a indagação a respeito da área que atuavam, podendo marcar mais de uma opção, conforme gráfico 13:

Outro aspecto relevante quando se analisa as respostas relacionadas ao nível de ensino no qual o docente trabalha, conforme indica o gráfico 13, dos 347 resultados obtidos, 29,48% trabalham em mais de um nível. Esse tipo de situação gera aumento de trabalho, sobrecarrega o professor com horas a mais fora do ambiente de trabalho, o que acarreta a intensificação do trabalho docente.

Durante o questionário, para verificação da percepção que o professor tem de si mesmo em função de seu trabalho, levantou-se a indagação a respeito da área que atuavam, podendo marcar mais de uma opção. Os resultados estão apresentados no gráfico 14:

**Gráfico 14 - Área que atua**



Fonte: A própria autora.

Em relação ao questionamento da área que atuava, buscou-se entender mais detalhadamente, quando possível, “qual área” a mais seria, como indicado na figura 12. O professor poderia marcar mais de uma resposta como, por exemplo, se atuava como orientador, professor de matemática, letras ou química, além de outras áreas, de forma concomitante. A partir disso, obteve-se 299 respostas, como mostra a figura a seguir.



**Figura 12 - Especificar quando mais de uma área que atua**

ID ↑	Nome	Respostas
1	anonymous	Professora Educação Infantil
2	anonymous	Educação Física
3	anonymous	Professor coordenador
4	anonymous	Letras
5	anonymous	Desenvolvimentos Cognitivos e Socioemocionais
6	anonymous	Coordenador

Fonte: A própria autora.

Para produção da figura 12, utilizou-se apenas uma parte da resposta para exemplificar as outras áreas atuantes do professor que leciona em mais de uma área, seja na educação infantil, ensino fundamental I e II, ensino médio e ensino técnico. Levando o professor a realizar dentro de sua prática docente o trabalho imaterial, como comenta Hypolito (2013, p. 515). “[...] a maior parte dos saberes ativados pelo trabalho imaterial não existe senão em sua prática viva. Esses saberes não podem ser destacados dos indivíduos que os praticam”.

Após conhecer um pouco sobre cada questionado e fazer o levantamento dos dados, verificou-se quanto tempo esse profissional trabalha com a tecnologia fora de seu horário durante a semana, seja preparando aulas, atividades e/ou alimentando plataformas. A partir das respostas, construiu-se o gráfico 15.

**Gráfico 15 - Tempo de trabalho cibernético fora da sala de aula durante a semana**

● 0h a 5h diárias	188
● 6h a 10h diárias	57
● 11h a 15h diárias	10
● + de 16h diárias	9



Fonte: A própria autora.

Dos entrevistados, 71,21% dos professores trabalham até 5h semanais e 21,6% trabalham de 6h a 10h com as tecnologias digitais, organizando suas aulas, escolhendo os materiais que seriam colocados nas plataformas durante a semana, corrigindo os exercícios nas plataformas e exercendo as demais tarefas atinentes ao magistério fora do ambiente de trabalho.

Foi questionado o mesmo trabalho cibernético, porém a pergunta estava relacionada aos finais de semana. No gráfico 16, a seguir, é possível ver os resultados

### Gráfico 16 -Tempo de trabalho cibernético fora da sala de aula nos finais de semana

● 0h a 2h diárias	107
● 2h a 3h diárias	71
● 3h a 4h diárias	46
● + de 4h diárias	39



Fonte: A própria autora.

Consoante o resultado acima, observa-se que esses profissionais ainda têm que utilizar seus finais de semana para prepararem e realizarem atividades digitais. Observa-se que mais da metade (quase 60%) utiliza mais de duas horas diárias, ou seja, mais de quatro horas de seu final de semana e 15% mais de 8 horas (um dia inteiro de trabalho no final de semana) são utilizadas para desenvolver atividades escolares com a tecnologia.

Este trabalho realizado poderia estar relacionado a lazer e interesses pessoais não alusivos ao trabalho.

Ademais do trabalho digital propriamente dito, os docentes ainda realizam, em sua maioria, cursos de formação continuada, como demonstrado no gráfico 17.

### Gráfico 17 - Realização de cursos de formação continuada

● Presencial	81
● Semi-presencial	43
● Online	110
● Nunca fiz cursos	32



Fonte: A própria autora.

Pode-se observar que quase 90% dos professores realizam cursos de formação continuada, sendo que 41% on-line, o que caracteriza que boa parte dos docentes utilizam também parte de seu tempo em plataformas virtuais para se apropriarem, muitas vezes, das tecnologias digitais. Além disso, a formação continuada se tornou uma realidade na vida do professor, pois este espaço de formação oportuniza momento em que esse profissional procura aprimorar seus conhecimentos, criando meios de se manter atualizado. O que, muitas vezes, ele faz de forma on line, por acreditar que toma menos tempo.

Para fechar o questionamento das perguntas individuais, foram feitas mais duas perguntas voltadas ao trabalho virtual e ao trabalho manual. Investigou-se inicialmente se o professor lança atividades dadas manualmente e, depois, virtualmente. A análise das respostas pode ser visualizada no gráfico 18.

### Gráfico 18 – A mesma atividade virtual e manual

● Acho que sim	199
● Acho que não	61



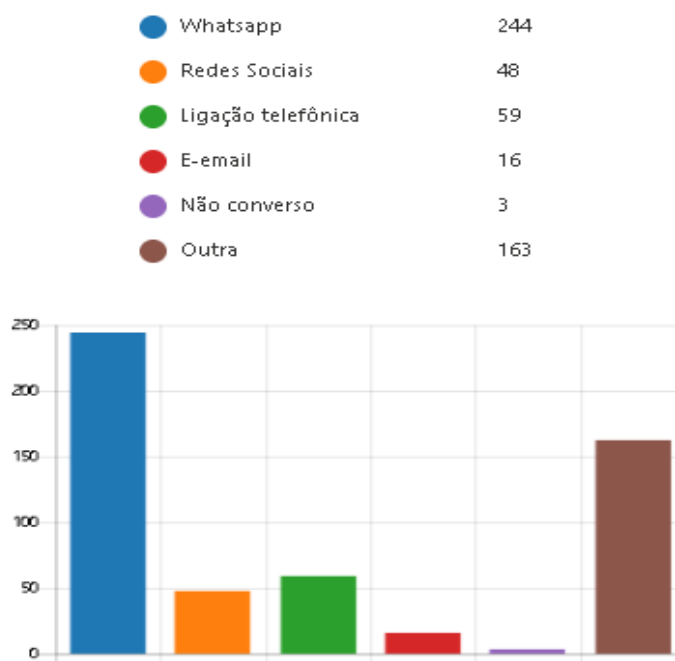
Fonte: A própria autora.

Depreende-se do gráfico 18 que, de 260 que responderam à pergunta, 76,54% acreditam que fazem um trabalho duplo com a vinda da tecnologia. Segundo o autor Schwab (2016), por muito tempo foi colocado para esse profissional que, com a vinda da tecnologia, seu trabalho seria facilitado. Contudo, os dados parecem falsear tal hipótese.

Clock *et al.* (2018, p. 79) comentam: “É importante destacar que as instituições educativas e a profissão docente desenvolvem-se em contexto marcado por um ritmo muito acelerado de inovações tecnológicas”. Essas novas situações provenientes da sociedade mostram o quanto o professor faz em decorrência do seu trabalho, dentro desse universo pesquisado.

Segundo Clock et al, (2018, p.81) ainda discorre que: “O mundo contemporâneo é perpassado por mudanças que afetam as estruturas sociais, contexto no qual se insere a escola”. Nesse sentido, o professor acaba por abrir sua casa para trabalhos cibernéticos e utiliza seus próprios aparelhos tecnológicos, para se relacionar com a escola, conforme o gráfico 19.

**Gráfico 19 - Mesmo com encontros na escola, existe uma comunicação fora do ambiente escolar**



Fonte: A própria autora.

Podendo escolher mais de uma opção no gráfico acima, observa-se que apenas 0,56% das respostas obtidas, pelos professores, não tem contato fora do horário escolar para tratar temas de trabalho com seus diretores, coordenadores e demais atores educacionais. Pode-se verificar, também, que 46% utilizam o WhatsApp como contato direto de comunicação, Prazeres e Batista (2020, p. 169) aponta que “[...] com a chegada da internet e do celular o conceito de mobilidade ganha novo significado e passa a ressignificar todas as relações sociais devido ao acesso instantâneo à comunicação e à possibilidade imediata de responder [...]”. Dessa forma, a partir da revolução tecnológica digital e de suas redes de comunicação, oportunizou articular o digital com o físico, assim como, a relação trabalho, cotidiano, educação ou em qualquer situação que se possa fazer uso dessa ferramenta.

Em suma, nos termos do que foi visto nos gráficos anteriores, além do trabalho virtual fora da sala de aula, professores realizam também cursos fora do ambiente de trabalho. Muitas vezes sem horário ou dia predeterminados, o professor se vê falando com seus superiores via outros meios de comunicação, como verificado no gráfico 19. O meio de comunicação mais usado é o WhatsApp, utilizado também para atender grupos de alunos, tirando dúvidas, ou respondendo alguns questionamentos feitos individualmente por eles.

Dessa forma, o docente acaba tornando-se servo e escravo do trabalho junto à tecnologia, ou seja, o moderno proletariado a serviço do capitalismo digital. Com relação a isso, para Antunes (2018, p.31), “Se de um lado necessitamos do trabalho e de seu potencial emancipador e transformador, por outro devemos recusar o trabalho que explora, aliena e infelicita o ser social”. Dessa forma, verifica-se pela fala do autor e pela leitura dos gráficos da pesquisa que o professor vem desenvolvendo um trabalho excessivo fora de seu horário laboral.

Finalizando as análises sobre as questões fechadas do questionário, fez-se a triangulação junto à escala Likert, conforme o próximo subcapítulo.

## 6.2 ANÁLISE DAS QUESTÕES QUE ENVOLVEM O TRABALHO COLETIVO NA VISÃO INDIVIDUAL DE CADA ENTREVISTADO.

O uso da escala Likert foi incorporado no questionário da pesquisa a fim de verificar a visão do professor em relação ao outro. Ou seja, após as questões mais

peçoais, era importante verificar a visão desse profissional em um contexto de classe profissional, em relação ao trabalho digital, junto a seus colegas. Para registro de resposta, utilizaram-se cinco possibilidades de escolha. As questões buscavam conhecer e perceber a visão do professor no trabalho coletivo (disposto no quadro 13).

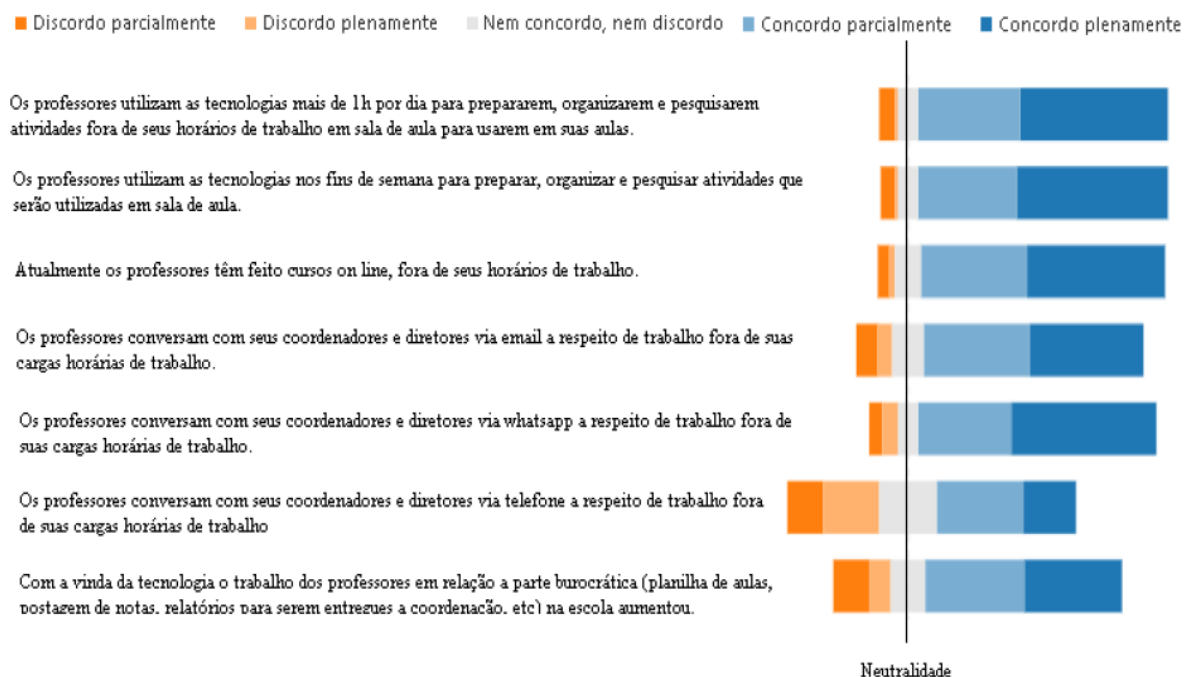
**Quadro 13 – Escala Likert da pesquisa que apresenta as questões utilizadas para análise.**

Afirmação	Discordo parcialmente	Discordo plenamente	Nem concordo, nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo plenamente
Os professores utilizam as tecnologias <b>mais de 1h por dia</b> para prepararem, organizarem e pesquisarem atividades <i>fora de seus horários de trabalho em sala de aula</i> para usarem em suas aulas.					
Os professores utilizam as tecnologias <b>nos fins de semana</b> para preparar, organizar e pesquisar atividades que serão utilizadas em sala de aula.					
Atualmente, os professores têm feito cursos <i>on-line</i> , fora de seus horários de trabalho.					
Os professores conversam com seus coordenadores e diretores <b>via e-mail</b> a respeito de trabalho fora de suas cargas horárias de trabalho.					
Os professores conversam com seus coordenadores e diretores <b>via WhatsApp</b> a respeito de trabalho fora de suas cargas horárias de trabalho.					
Os professores conversam com seus coordenadores e diretores <b>via telefone</b> a respeito de trabalho fora de suas cargas horárias de trabalho.					
Com a vinda da tecnologia, o trabalho dos professores em relação à parte burocrática (planilha de aulas, postagem de notas, relatórios para serem entregues à coordenação etc.) na escola aumentou.					

Fonte: A própria autora.

Conforme as questões mostradas no quadro 12, fez-se uma análise de dados por meio de sete afirmativas que estão descritas na figura 13.

**Figura 13 - Análise de dados na escala LIKERT**



Fonte: A própria autora.

As respostas mostram o nível de concordância e discordância dos professores em relação aos questionamentos dados. A figura demonstra ainda as possíveis respostas que compõem a escala Likert, que tem como opções extremas “discordo totalmente” e “concordo totalmente”, havendo no meio opção que indica neutralidade. Dessa forma, para a figura 13, a opção mais à direita traduz um sentimento de concordância e mais à esquerda de discordância.

Nesse conjunto de dados mostrados, os professores concordam mais do que discordam das afirmativas em relação ao seu trabalho e ao dos colegas diante das atividades exercidas fora da sala de aula. Assim, o que se observou pelo coletivo, em relação à quantidade de horas trabalhadas, é que os professores têm o mesmo ponto de vista quando se trata dele como indivíduo nas questões colocadas na primeira etapa do questionário, assim como, consegue perceber que seus colegas também realizam trabalhos a mais de horas tecnológicas fora do ambiente de trabalho.

Os dados obtidos a partir da escala Likert são coerentes e coesos aos dados apresentados no questionário, sugerindo que, quando questionados, a percepção dos professores relacionada à sua carga horária de trabalho na era digital é de que ela vem crescendo.



### 6.3 ANÁLISE DOS DADOS: DIÁLOGOS ENTRE OS DADOS EMPÍRICOS E ANÁLISE DE CONJUNTURA

As transformações na educação vem sendo fortemente impulsionadas pelas mudanças no sistema produtivo e nas relações de trabalho, pela evolução dos direitos humanos, modernização econômica e pela introdução da tecnologia no ambiente escolar. Como consequências dessas mudanças, tem-se a escola mais centralizada, por meio da Lei 9.424/96 e a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento e de Valorização do Magistério (FUNDEF), a regularização das avaliações externas com os exames nacionais, como o SAEB, ENEM, ENCEEJA, ENADE e REVALIDA, entre outros. (RANKEL; STAHLSCHMIDT, 2009).

Rankel e Stahlschmidt (2009, p. 43) comentam que: “As mudanças, portanto, estão atingindo o mundo escolar e sobrecarregando os professores que não possuem a formação adequada para dar conta dessas novas realidades” e, por não darem conta, acabam levando ou terminando o trabalho em casa.

A questão é: será que o professor percebe todas essas mudanças e as exigências que a tecnologia trouxe junto à educação?

De acordo com as análises feitas em um universo de 268 professores e as porcentagens que envolvem toda a questão, depreende-se que, de forma alienada ou sem intenção, esses professores têm realizado atividades como conversas com a gestão e coordenação pelas redes sociais, ligação telefônica, WhatsApp fora do horário de expediente. Isso tudo, além dos grupos de atividades que esse mesmo professor atualmente está inserido para trocas de experiências com colegas, entre outros.

Na última pergunta do questionário, ao indagar o professor se ele se identifica ou não com a situação da figura 14, obtiveram-se as seguintes respostas justificando a relação com a situação problema proposta na figura 14.

**Figura 14- Trabalho junto à tecnologia digital fora da sala de aula.**



Fonte: A própria autora

As respostas dos 247 professores que responderam à questão aberta conforme apêndice 2 encontram-se organizadas a seguir, em forma de quadro comparativo. Assim, demonstrar-se-á os resultados de forma objetiva em resposta à questão dada, de acordo o quadro 14.

**Quadro 14 – Resposta de acordo com a questão aberta.**

<b>Questionamento:</b>	
<b>Como você analisa a figura abaixo? Você se identifica com ela? Justifique.</b>	
Sim, me identifico.	145
Não, não me identifico.	57
Parcialmente.	26
Apenas analisou a charge em relação ao escrito e à situação.	19

Fonte: A própria autora.

Chama a atenção que quase 70% dos pesquisados se identificam com a situação, total ou parcialmente. Daí decorre que boa parte do corpo docente se vê privado do convívio familiar e do cuidado com a prole por conta do trabalho adicional gerado pelo uso da tecnologia. Dos professores que responderam, algumas respostas chamaram atenção. Algumas delas estão transcritas a seguir:

- ✚ Professor 30: “Analiso que a carga horária de trabalho dos professores se estende fora da escola, muitas vezes estão sobrecarregadas, e a maioria das pessoas ainda acham que é fácil ser um profissional da educação pois só se trabalha cinco horas diárias”.
- ✚ Professor 54: “Sim, me identifico, mas as crianças tb estão assim, o tempo todo com o uso das tecnologias”.
- ✚ Professor 58: “Isso nem sempre ocorre, pois ainda há professores resistentes com o uso da tecnologia”.
- ✚ Professor 64: “Dura realidade”.
- ✚ Professor 65: “Totalmente verdadeira”.
- ✚ Professor 80: *“Agora eu não posso estou preparando aula”*.
- ✚ Professor 100: “Sim, preparar aulas que tenham um bom conteúdo leva um bom tempo”.
- ✚ Professor 102: “Já tive que dar essa resposta para meu filho. Triste realidade da nossa época!”.
- ✚ Professor 124: “Parece eu, 😊”.
- ✚ Professor 125: “Infelizmente é a nossa realidade, em todo momento estamos trabalhando, nos atualizando, procurando e compartilhando novas estratégias. Acabamos utilizando o tempo que teríamos com nossa família, trabalhando ou fazendo cursos”.
- ✚ Professor 128: “A imagem mostra o trabalho de um professor além da sala de aula. Provavelmente, é uma cena muito comum, principalmente para os professores que devem lecionar em mais de uma escola ou possuem muitas turmas. Também influencia o quanto o professor já possui de conhecimento, principalmente em relação às tecnologias, e o quanto ele realmente se dedica

a preparar algo para os alunos. Me identifico parcialmente com ela, porque principalmente nos finais de semana aprendi a deixar de lado algumas tarefas para me dedicar ao lazer e a família, mas durante a semana quase todo dia é algo assim, já que trabalho praticamente nos três períodos do dia”.

- ✚ Professor 133: “Não, pois utilizo mais livros didáticos, uso outros que não os utilizados em sala. Atividades da Internet eu uso para obter novas ideias”.
- ✚ Professor 147: “Que dó. Pura verdade. A tecnologia nos aprisiona em alguns momentos”.
- ✚ Professor 148: “A família do profissional também sente a falta do tempo de qualidade. A tecnologia facilita em vários aspectos, mas precisa ser administrada e utilizada para atingir o tempo e não escravizar”.
- ✚ Professor 156: “Sim, com certeza, o trabalho continua em casa”.
- ✚ Professor 157: “Sim, apesar de controlar bem o meu tempo. Sempre preciso de deixar de fazer algo, para elaborar aulas e outras atividades relacionadas ao trabalho”.
- ✚ Professor 163: “Existe a necessidade de dar atenção às crianças. porém sabemos que muitas vezes isto não acontece”.
- ✚ Professor 169: “Para não passar por essa situação, uso a madrugada para trabalhar”.
- ✚ Professor 175: “É uma figura que facilmente representa a realidade. Não me identifico, pois não tenho filho”.
- ✚ Professor 210: “Agora não posso, pois estou ocupada preparando um futuro”.
- ✚ Professor 221: “Professor não tem tempo para atividades com o filho pelo excesso de trabalho. Não me identifico, pois não sou casado e nem tenho filhos. Minha carga de trabalho não me impede de realizar outras atividades”.

Ao observar a visão dos professores de modo geral, percebe-se que alguns docentes, como o entrevistado 175, respondeu que não se identifica, porém ele (175) justifica a opinião pelo fato de não ter filhos, mas concorda e comenta que é facilmente a realidade de muitos professores.

Já o professor 169 comenta que não se identifica, aponta o uso da tecnologia fora da sala de aula, em horários que poderia estar descansado. Ou seja, seu horário de descanso tem sido trocado para realizar tarefas junto à tecnologia digital.

Esse quadro sugere algumas análises. A primeira delas mostra a situação dos professores que não têm filhos, mas acreditam que seja normal trabalhar tanto, sem ao menos questionar se condiz com seu contrato de trabalho ou não.

A segunda análise leva a refletir sobre os professores que trabalham sem ao menos questionarem se realmente esse trabalho fora da sala de aula foi ou não ocasionado pelo uso das tecnologias digitais.

Numa terceira análise, o que se vê apresentado nos depoimentos se torna interessante, pois remete ao medo de perder o emprego junto à incorporação da tecnologia digital e à nova forma de reorganizar e configurar o tempo expedido para as práticas diárias de trabalho.

Outro fato observado na fala dos docentes é que a tecnologia tem feito isso em todos os setores, posto isso com a educação e com o trabalho docente não seria diferente. Dessa forma, o uso da tecnologia tem escravizado os trabalhadores em geral e o professor em particular, a ponto de ele não conseguir relacionar e separar a vida pessoal e social do trabalho, tornando-o alienado nas próprias ações, ou seja, como apontado por Killner (2002, p. 102) “Todos estes fatores, aliados à desigualdade de oportunidades, tira de alunos e professores o controle sobre o processo de aprendizagem, levando à alienação dos indivíduos e sua desresponsabilização com a educação (pessoal ou coletiva).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa identificou a não percepção dos professores frente aos desafios do trabalho docente junto as novas tecnologias digitais, que, apesar de se difundirem como ferramenta de trabalho e facilitador da prática pedagógica, se despontaram como uma forte intensificação no trabalho docente.

A análise das correntes sociológicas nas perspectivas de Durkheim, Weber e MARX contribuiu para o entendimento e esclarecimento da pesquisa, permitindo evidenciar como o trabalho deixou de ser uma parte natural do homem, para se tornar uma obrigação. Os sociólogos analisaram o sistema produtivo de forma histórica e sociológica, analisando como as relações sociais de produção se tornaram os meios pelos quais o ser humano se organiza, ao longo da história, para realizar suas tarefas produtivas. O que permitiu a compreensão do tema de estudo e pesquisa no contexto social atual e indicou maneiras de refletir essa realidade junto ao trabalho docente e ao uso das inovações tecnológicas.

Marx considerou o trabalho como uma ação que resulta de energia física e mental, podendo ser direta ou indireta, revertido à produção de serviços e bens, contribuindo, assim, para a representação da vida humana, tanto individual quanto social.

Assim sendo, foi necessário uma investigação junto a um grupo de professores, para verificar qual era o seu entendimento em relação ao tempo gasto trabalhado fora da sala de aula em função da modernização tecnológica.

Se tratando do trabalho docente, observou-se que tal função requer tanto esforço físico quanto mental. Ou seja, o docente é aquela pessoa que, além de fazer e desenvolver seu trabalho em sala de aula, precisa também organizar e preparar aulas presenciais e *on-line*, corrigir avaliações, participar de formações continuadas, alimentar plataformas e atualizá-las, entre outras tarefas. Frequentemente, esse profissional estende sua jornada laboral para outras horas despendidas em que não está na escola.

Dessa forma, as novas menções e exigências sobre a trabalho docente foi escusas para que ele mesmo não percebesse que estava sendo iludido. A tecnologia mostrou-se como um fator que intensifica o seu atributo de trabalho, ocupando mais tempo da rotina para executar os serviços, ainda que de forma mais criativa. Dessa forma, como demonstrado pela pesquisa, apesar de essa variante ser uma verdade,

ela aliena. O problema é que o seu trabalho está além da sala de aula, o que faz com que suas atividades aumentem exponencialmente.

É necessário considerar a importância que a tecnologia tem hoje na vida das pessoas e, apesar desse efeito generalizado da função tecnológica, é essencial, salientar que o professor tem tido uma sobrecarga de trabalho, no qual compromete sua vida social, financeira e, muitas vezes, psicológica. Inconscientemente, o docente passa a achar normal estar conectado o tempo todo com o trabalho, como visto na pesquisa, não compreendendo as exigências que vieram junto com a tecnologia quando, o mesmo, realiza atividades em tempos virtuais e domésticos, não remunerado, não estando previsto como horas atividades e nem nas políticas públicas.

A pesquisa partiu da seguinte hipótese inicial: A inserção das tecnologias digitais está articulada com a escola e com o trabalho docente. Se, por um lado essa tecnologia possibilita uma melhor interação entre os agentes escolares, por outro, deve ser apontado com um produtor e criador de mais trabalho, ao aumentar a carga horária do professor, o docente propicia de seu tempo livre para solucionar situações voltadas à escola, contudo, esse tempo digital trabalhado não é pago, sendo um trabalho além, ou seja, excedente.

A revisão bibliográfica e os resultados obtidos, mostraram que esse acréscimo de trabalho do professor aconteceu de diversas maneiras, por meio das comunicações via redes sociais junto a direção, a coordenação e até mesmo entre os próprios docentes. Atualmente o aluno pode se comunicar com o professor além do previsto pontuado, a coordenação pode realizar reuniões ou entrar em contato com o docente sempre que precisar resolver algo. Os professores, para melhorarem o conhecimento, fazem cursos *on-line*, dedicando-se, dessa forma, uma boa parte de seu tempo em período oposto de trabalho a sua profissão.

A educação tem sido um produto comercializado dentro do sistema capitalista, fazendo parte do setor produtivo, o que, de acordo com Marx, trata da exploração mental, a mais valia relativa, que se ocupa da exploração no campo da inteligência. Valia relativa considera não mais o trabalhador simples ou inculto, que não oferece o lucro desejado pelo capital, mas sim aquele que, ao saber pensar, procura maior produtividade e eficiência. O que leva o docente a fazer tarefas laborais, além da sala de aula, o que os autores da pesquisa chama de trabalho alienado.

Dessarte, observa-se que o trabalho alienado instrumentaliza a essência humana. Consequentemente, o professor não se contempla em seu trabalho, mas tem um sentimento de tristeza e sofrimento em vez de satisfação e bem-estar.

Como dito, não é maldizendo a tecnologia, pois ela faz parte da sociedade atual e traz inúmeras vantagens. Mas ao tratar da profissão docente, como sendo capaz de sonhar e fabricar sonhos em outras pessoas, se torna incompreensível que o professor possa tornar-se alienado, melhor dizendo, que realiza um trabalho alienado, sem reconhecimento tanto de descritores, quanto das políticas públicas, valorização das horas digitais e quanto de si mesmo.

O que faz a partir dessas conclusões, exploração teórica e análise do questionário dos professores, colocar alguns pontos importantes que esta pesquisa buscou: identificar a percepção dos professores sobre a sua jornada de trabalho marcada pelo uso da tecnologia.

Desse modo, é essencial um olhar de valorização docente, se não houver um reconhecimento, uma reação ponderada e expressiva do professor em sua interação trabalho e tecnológica, poderá ocasionar um ciclo excessivo e desmedido de trabalho fora da sala de aula, ocasionando ainda mais essa alienação, ao ponto de não refletir sobre a relação de natureza política, tecnológica e trabalho digital do professor fora do ambiente escolar.

Sendo assim, a partir dos objetivos geral e específicos, conclui-se que estes foram alcançados, pois, ao dialogar com as bases bibliográficas com as bases empíricas, entendeu-se que as exigências que as tecnologias trouxeram para a educação, pode-se constatar, dentro do universo pesquisado, o quanto as tecnologias digitais levaram o professor a realizar um trabalho alienado fora do ambiente escolar.

As crescentes demandas das tecnologias digitais fazem com que os professores se sintam sobrecarregados, tendo que se adaptar constantemente a novas ferramentas e plataformas, além de lidar com problemas técnicos que podem surgir. Podendo causar uma sensação de desgaste e desconexão em relação à prática pedagógica.

Além disso, a disponibilidade constante e a conectividade proporcionadas pelas tecnologias digitais levam à invasão do espaço pessoal e ao equilíbrio entre a vida profissional e a vida pessoal. Os professores se sentem obrigados a responder a e-mails, mensagens ou inscrições de alunos e pais fora do horário de trabalho regular, aguardando a separação entre o tempo de trabalho e o tempo de descanso. A



ausência de limites claros pode aumentar o estresse e a sensação de estar sempre "ligados" ao trabalho, o que gera uma maior alienação.

Porém, a maioria dos entrevistados concordam que executam trabalho fora da sala de aula usando as tecnologias digitais e que estas horas não são integradas em suas remunerações mensais, ou seja, o que atualmente esse profissional ganha não engloba o trabalho cibernético fora de seu trabalho contratual.

Foi observado, por meio do questionário na pergunta aberta, que não há certa clareza entre os professores sobre as atividades virtuais. A pesquisa aponta uma alienação em relação ao trabalho tecnológico, por meio da observação e dos autores estudados, levaram-se a análise que a tecnologia digital, nesse contexto, pretexto e com o objetivo de melhorar e favorecer o trabalho docente, acabou sendo usada de forma exploratória e dominadora.

Espera-se que esta pesquisa traga uma valiosa contribuição para os colegas professores em suas jornadas de trabalho, buscando aprimorar suas práticas educacionais e suas horas trabalhadas além da sala de aula. Busca-se inspirar estudos futuros que reflitam sobre a apropriação das tecnologias digitais e a transformação do trabalho docente, liberando-o de seu caráter alienado. Assim, promover um ambiente de aprendizagem mais significativo e engajador para professores e alunos. Através dessa abordagem, espera-se obter mudanças positivas e duradouras no campo da educação, que reverberem em toda a comunidade educacional.

Quanto a pesquisa, espera-se não apenas oferecer uma contribuição relevante aos colegas professores em suas jornadas de trabalho, mas também promover uma mudança significativa na maneira como a educação é concebida e praticada. Ao refletir sobre a apropriação das tecnologias digitais, almeja-se desafiar o *status quo* e questionar as práticas pedagógicas que podem alienar os professores em sua função relativas as horas trabalhada e de forma intensificada.

A pesquisa buscou explorar e desvendar novas perspectivas no uso das tecnologias digitais fora da sala de aula pelo docente, fornecendo *insights* valiosos para os docentes. Com base nos resultados alcançados, espera-se incentivar a adoção de abordagens inovadoras e ferramentas tecnológicas que possam modificar o trabalho do professor, a sua valorização profissional e seja revisto o número de horas trabalhadas digitais de forma remunerada.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1995
- AMBROSETTI, Neusa Banhara; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. **Profissionalidade docente: uma análise a partir das relações constituintes entre os professores e a escola**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 90, n. 226, pp. 592-608, set./dez. 2009.
- AMORIM, Henrique. **As teorias do trabalho imaterial: uma reflexão crítica a partir de MARX**. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000100003>. Acesso em: 10 set. 2021.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; PLACCO, Vera Nigro de SOUZA. **Processos psicossociais na formação de professores: um campo de pesquisas em Psicologia da Educação**. Contrapontos, Itajaí, v. 7, n. 2, pp. 339-346, maio/ago. 2007.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 2018. ISBN:9788575596296. Edição UNICAMP. Campinas-SP
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia Geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2003.
- ARCE, Alessandra. **A pedagogia na “eras das revoluções”**: Uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas: Autores Associados, 2014.
- BARBOSA, Ana Maria dos Santos Ferreira Virtuoso Alves. **A relação e a comunicação interpessoais entre o supervisor pedagógico e o aluno estagiário**. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2472/1/AnaMariaBarbosa.pdf>. > Acesso em: 13 mai.2020.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEZERRA, Corina Alessandra; RIBEIRO, Carril. **Teorias Sociológicas modernas e pós-modernas, uma introdução a temas, conceitos e abordagens**. Curitiba: InterSaberes, 2016.
- BOBBITT, John Franklin. **O currículo**. Lisboa: Didática, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. 2019. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 10 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. 2012. Disponível em: <[https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)>. Acesso em: 15 mar.2022.

CARVALHO, Saulo Rodrigues. **Profissionalização docente e subordinação do trabalho educativo à lógica flexível da produção capitalista**. 2016. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/17816>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

CLOCK, Lizie Mendes *et al.* **Profissão docente no século XXI, concepção do professor sobre seu papel na sociedade contemporânea**. Caxias do Sul, v.23, n.1, pp.77-96, jan./abr.2018. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/5006>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

COSTA, Marisa Cristina Vorraber. **Trabalho docente e profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

COSTA, Josias Alves. **A intensificação do labor na sociedade contemporânea**. 2008. São Paulo. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/qxTnhBG6kGmqTbC4dqHkbLD/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 15set.2021.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. Tradução de Sandra Trabucco Venezuela. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

DINIZ, Célia Regina; SILVA, Iolanda BARBOSA da SILVA. **Metodologia científica**. Campina Grande: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FERNANDES, Alessandra Coutinho. **Análise do discurso Crítica: para leituras de textos contemporâneos**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIMENO SACRISTAN, José. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. *In*: NÓVOA, António. **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto, 1995, pp. 63-92.

GORZONI, Silvia de Paula; DAVIS, Claudia. **O conceito de profissionalidade docente nos estudos mais recentes**. Cad. Pesqui. 47 (166) • Oct-Dec 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053144311>>. Acesso em: 10 set.2021.

GRAMSCI, Antônio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutino. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1982.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho imaterial e trabalho docente**. 2013. Educação. Revista do Centro de Educação, v.38. n.03. set-dez. pp.507-522. RS. ISSN: 0101-9031. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1171/117128364005.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.

HOBBSAWN, Eric John Ernest. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HABOWSKI, Adilson Cristiano. CONTE, Elaine. **(Re)pensar as tecnologias na educação a partir da teoria crítica**. 2019. Disponível em: <[https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Re\\_pensar\\_as\\_tecnologias\\_na\\_educa%C3%A7%C3%A3o\\_a.pdf](https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Re_pensar_as_tecnologias_na_educa%C3%A7%C3%A3o_a.pdf)>. Acesso em: 20out.2021.

KILLNER, Gustavo Isaac. Cultura e cultura digital. 187f. **Tese doutorado em didática, teorias de ensino e práticas pedagógicas**. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Educar, Curitiba, n. 17, pp. 153-176, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6. ed. rev. e aum. São Paulo: Heccus, 2015.

LÜDKE, Menga; BOING Luiz Alberto. **Caminhos da profissão e da profissionalidade docente**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, pp. 1159-1180, Set./Dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000400005>. Acesso em: 05 mai. 2020.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira; BRISOLA, Elisa Maria Andrade. **Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas**. e-ISSN 2237-1753. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18066/revunivap.v20i35.228>>. Acesso em: 05 abr. 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-filosófico**. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MENDONÇA, Sônia Regina; LAMOSA, Rodrigo. **GRAMSCI e a pesquisa histórica**. Curitiba: Appis, 2018.

MÉSZÁROS, I. A Teoria da Alienação em Marx. São Paulo: Boitempo, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de SOUZA. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

\_\_\_\_\_, Maria Cecília de SOUZA *et AL*. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, Maria Cecília de SOUZA; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de. **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de programas sociais**. 2005. DOI 10.747/9788575415474. sbn 9788575415474. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/322409672>>. Acesso em: 06abr.2020.

\_\_\_\_\_, Maria Cecília de SOUZA. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Cecília de SOUZA. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª ed. Petrópolis: Vozes. 2009.

MONASTA, Attilio. **Antonio GRAMSCI**. Tradução Paolo Nosella. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010.

MORGADO, José Carlos. **Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas Educacionais, Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, pp. 793-812, out./dez. 2011.

NERY, Maria Clara Ramos. **Sociologia da educação**. Curitiba: Ibpex. 2000.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Educação, saber, produção em MARX e ENGELS**. São Paulo: Cortez, 1990.

NÓVOA, António *et al*. **Profissão Professor**. 2ª ed. Lisboa: Porto Editora, 2014.

\_\_\_\_\_, Antônio. **Universidade e Formação Docente. Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. Entrevista realizada em 18 de abril de 2000 pelas professoras Miriam Celí Pimentel Porto Foresti e Maria Lúcia Toralles Pereira. 2000.

\_\_\_\_\_. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: Sinpro, 2007.

ORTIGÃO, Maria Isabel Ramalho. **A sala de aula de matemática: avaliação das práticas docentes**. Boletim de educação matemática, vol;22, núm.33, 2009, pp.117-140. Bolema. ISSN: 0103-638X. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291221900007>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

PARASKEVA, João Menelau. **Introdução crítica: uma abordagem simplista para um fenômeno complexo**. In: \_\_\_\_\_. O currículo. Lisboa: Didática, 2004, pp. 7-27.

PIERRE, Durant Jean. **A sociologia de MARX**. Tradução de Monica Stahel. Petrópolis: Vozes, 2016.

PHILIPPE, Steiner. **A sociologia de DURKHEIM**. Tradutor Juarez Lopes de CARVALHO Filho. Petrópolis, 2016.

PRAZERES, Maria Sueli Corrêa dos. BATISTA, Ilda Gonçalves. Tecnologias Digitais, trabalho docente e tempos/espços de aprendizagens na Amaz3nia. 2020. V.18, nº37, set-dez. ISSN: 1808-799X.

QUITANEIRO , Tania. BARBOSA, Maria Ligia de OLIVEIRA . OLIVEIRA , Márcia Gardênia de. **Um toque de clássicos: MARX , DURKHEIM e WEBER .** 2ª ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RANKEL, Luiz Fernando; STAHLSCHMIDT, Rosângela Maria. **Profissão Docente.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

ROMANOWSKI, Joana Pauli. **Formação e profissionalização docente.** 3ª Ed. ver e atual. Curitiba: Ibpx, 2007

SÁNCHEZ Vásquez, Adolfo. **Ensayos de Marxista sobre historia y política.** (México: Ediciones Océano), 1985.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, pp. 143-155, 2009.

SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial.** Tradutor Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro Edições Profissionais Ltda, 2016.

SEMERARO, Giovanni. **Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade.** v.26, n.70, pp.373-391, set/dez.2006. Disponível em:<[https://www.researchgate.net/publication/237818521\\_Intelectuais\\_organicos\\_e\\_m\\_tempos\\_de\\_pos-modernidade](https://www.researchgate.net/publication/237818521_Intelectuais_organicos_e_m_tempos_de_pos-modernidade)>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SILVA, Márcia Cristina Amaral; GASPARIN , João Luiz. **A Segunda Revolução Industrial e suas Influências sobre a Educação Escolar Brasileira.** In: HISTEDBR, 2006, Campinas. VII Seminário Nacional de estudos e Pesquisas. Campinas: UNICAMP -Faculdade de Educação, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade.** Editora: Autêntica, 1999.

SOUZA, João Valdir Alves de. **Introdução à Sociologia da Educação.** 3ª ed. Ver. Amp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

VIANA, Nildo. **Introdução à Sociologia.** Biblioteca Universitária Digital. 2ª ed., 2012.

THÉLÈNE, Catherine Colliot. **A sociologia de Max WEBER .** Tradutor Cláudio do Vall Miranda. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

TRIVIÑOS Augusto Nivaldo SILVA. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UTTA, Bergson Pereira; UTTA Ádria Karoline SOUZA de Aquino; GONZÁLEZ, Fredy Enrique. **O materialismo Histórico-Dialético como método para a pesquisa em educação.** VI congresso Nacional de Educação – CONEDU. 2019. Disponível em:

[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA4\\_ID7010\\_15082019094912.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA4_ID7010_15082019094912.pdf). Acesso em: 11 ago. 2021.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria Escolar: Teoria & Educação** (6): 68-96, 1992.

VIEIRA, Kelmera Mendes; DALMORO, Marlon. **Dilemas na construção de escalas tipo LIKERT : o número de itens e a disposição influenciam nos resultados?** XXXII encontro da ANPAD. Rio de Janeiro 2008. Disponível em:<<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/viewFile/1386/1184>>. Acesso em: 11mar.2020.

## APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO

### QUESTIONÁRIO O REPENSAR DO TRABALHO DOCENTE NA ERA DIGITAL: PONTES PARA MUDANÇAS

Caro educador, através deste questionário solicita-se a sua contribuição para a minha pesquisa de mestrado profissional realizada no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), em Tecnologia e Comunicação no Ensino de Ciências e Matemática, sobre a percepção do professor em relação a seu trabalho digital fora de seu horário de trabalho.

*A sua colaboração é muito importante*

\*\*O questionário é anônimo e todas as garantias de confidencialidade serão respeitadas relativamente aos respondentes.

Obrigada.

Mestranda Berenice Edna de Oliveira

Orientador Professor Doutor Gustavo Isaac Killner

Assinale as alternativas e questões de acordo com sua realidade (algumas questões podem ter mais de uma resposta)

1. *Idade*

21-25  26-30  31-35  36-40  41-45  46-50  51-55  56-60  +6

2. *Gênero*

Feminino  Masculino  Outro

3. *Formação acadêmica (pode marcar mais de uma opção)*

Magistério  Bacharel  Licenciado  Especialização  Mestrado  Doutorado

4. *Tempo de trabalho*

0-5  6-10  11-15  +16

5. *Rede na qual atua (pode marcar mais de uma opção)*

Estadual  Municipal  Privada  Federal

6. *Situação profissional (pode marcar mais de uma opção)*

Efetivo  Substituto  Outro-Especificar  \_\_\_\_\_

7. *Nível de ensino com que trabalha (pode marcar mais de uma opção)*

Educação Infantil  Ensino Fundamental I  Ensino Fundamental II  Ensino Médio  Ensino Técnico

8. *Área que atua (pode marcar mais de uma opção)*

Pedagógica - Especificar*	<input type="checkbox"/>
Ciências Humanas - Especificar*	<input type="checkbox"/>
Ciências Exatas - Especificar*	<input type="checkbox"/>
Ciências Biológicas	<input type="checkbox"/>
Linguagens - Especificar*	<input type="checkbox"/>
Educação Física e outras - Especificar*	<input type="checkbox"/>

\* Especificar, por exemplo, se atua como coordenador, orientador, professor de matemática, química, física, linguagens, história, geografia, filosofia, artes, professor dos anos iniciais e etc.



9. Quanto tempo você trabalha com a internet durante a semana preparando atividades e aulas, fazendo pesquisas, e/ou aprendendo novas técnicas e softwares - fora do seu horário de trabalho.

0h a 5h diárias  6h a 10h diárias  11h a 15h diárias  + de 16h diárias

10. Quantas horas você usa nos fins de semana para preparar suas atividades e aulas, fazer pesquisas, aprender novas técnicas e softwares para uso em sala de aula?

0h a 2h diárias nos fins de semana  2h a 3h diárias nos fins de semana  3h a 4h diárias nos fins de semana  + de 4h diárias nos fins de semana

11. Você já fez ou faz cursos de formação continuada.

Presencial  Semi-presencial  On line  Nunca fez cursos

12. Você acha que faz um trabalho de maneira manual e depois realiza o mesmo trabalho de forma virtual (exemplo: lança nota no diário e lança no computador)?

Sim ach  Não acha

13. Além dos encontros na escola, você conversa com a gestão e a coordenação de sua escola, através de:

Whatsapp  Ligação telefônica  E-email  Não converso

14. Com relação as afirmativas a seguir, por favor, responda se discorda parcial ou plenamente ou se não concorda e nem discorda, ou se concorda total ou parcialmente. Colocando apenas um X na resposta desejável.

Afirmção	Discordo parcialmente	Discordo plenamente	Nem concordo, nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo plenamente
Os professores utilizam as tecnologias mais de 1h por dia para prepararem, organizarem e pesquisarem atividades fora de seus horários de trabalho em sala de aula para usarem em suas aulas.					
Os professores utilizam as tecnologias nos fins de semana para prepararem, organizarem e pesquisarem atividades que serão utilizadas em sala de aula.					
Atualmente os professores têm feito cursos on line, fora de seus horários de trabalho.					
Os professores conversam com seus coordenadores e diretores via email a respeito de trabalho fora de suas cargas horárias de trabalho.					
Os professores conversam com seus coordenadores e diretores via whatsapp a respeito de trabalho fora de suas cargas horárias de trabalho.					
Os professores conversam com seus coordenadores e diretores via telefone a respeito de trabalho fora de suas cargas horárias de trabalho.					
Com a vinda da tecnologia, o trabalho dos professores em relação a parte burocrática na escola (planilha de aulas, postagem de notas, relatórios para serem entregues a coordenação, etc) aumentou.					

10. Como você analisa a figura abaixo. Você se identifica com ela? Justifique.



## APÊNDICE 2 – RESPOSTAS DA QUESTÃO ABERTA DO QUESTIONÁRIO.

1	anonymous	Sim. Muitas vezes deixamos o lazer ou alguma hora do nosso dia a dia para deixar adiantado o trabalho em sala de aula.
2	anonymous	Uma realidade.
3	anonymous	Como mãe e profissional, tenho o dever de ser: determinada e disciplinada... Porém, filhos sempre serão filhos. TÊM OS QUE TER DISCERNIMENTO EM RELAÇÃO ÀS NOSSAS VIDAS PESSOAIS E PROFISSIONAIS. Dividir o tempo. Educação familiar e financeira.
4	anonymous	Ficou corriqueira a dupla jornada. Principalmente no caso das mulheres.
5	anonymous	Não.
6	anonymous	Me identifico parcialmente, não tenho filhos, mas passo por situações parecidas com meu esposo. Preparar aula em casa e ter alguém querendo sua atenção é muito comum, mesmo nos dias de hoje em que muitas escolas já possuem um MÉTODO de ensino com apostilas a serem trabalhadas em sala. Nós, como professores, temos de dominar tal assunto.
7	anonymous	Sim. Plenamente.
8	anonymous	Discordo. O tempo é precioso. O verdadeiro sábio tem o discernimento de dividir o seu modelo com sabedoria, sabendo qual é o real valor do seu tempo. Isso se chama educação da administração do tempo. Vou além. Qual é o real valor do seu tempo? Diria que é saber destruí-lo com sensatez e inteligência.
9	anonymous	Acredito que a tecnologia, quando utilizada de maneira equilibrada, funcione. Porém, é necessário saber administrar o tempo, dando valor tanto às pesquisas quanto às vivências/prática.
10	anonymous	Professor dedica muito tempo da sua vida profissional, por consequência falta tempo para a própria família.
11	anonymous	Parcialmente, pelo fato de que devemos interagir não somente no mundo da tecnologia, mas trabalhar com as competências e habilidades das crianças.
12	anonymous	Sim, me identifico... professores são obrigados a se dedicarem mais tempo no computador preparando atividades, corrigindo trabalhos em vez de terem tempo com a família.

13	anonymous	Sim. A carga semanal de trabalho fora da escola é insuficiente considerando número de turmas que se tem para ter um salário razoável.
14	anonymous	Às vezes, pois mesmo com a tecnologia precisamos ainda fazer o mesmo no papel e o trabalho fica em dobro.
15	anonymous	Me identifico em partes pois ainda não tenho filhos. Mas acredito que minha família representa essa criança, uma vez que são constantes os momentos de trabalho em casa para professores.
16	anonymous	Sim, muitas vezes preciso fechar a porta da minha sala para terminar o trabalho do dia
17	anonymous	Parcialmente. Eu uso o computador para preparar as aulas e dou atenção ao meu filho.
18	anonymous	Esta é a realidade da maioria dos professores, principalmente os que se dedicam e são comprometidos com o seu trabalho.
19	anonymous	A professora está errada, antes de tudo ela é mãe, tentar preparar essa aula após a criança dormir.
20	anonymous	Sim.
21	anonymous	Muitas vezes trazemos trabalhos para casa, que nem temos tempo pra família.
22	anonymous	Essa imagem demonstra a minha realidade! Tenho um filho de 2 anos e, quando estou em casa, ao invés de dar atenção a ele, tenho uma demanda enorme fora do horário de expediente. Preciso preencher relatórios em sistemas da própria escola, lançar as notas e faltas diariamente, além de pesquisas e cursos disponibilizados pela empresa, apesar de haver computadores na sala de aula, é impossível fazer tudo durante as aulas.
23	anonymous	A realidade vida do Professor.
24	anonymous	Sim, precisamos dedicar muito tempo para planejar, organizar as aulas, com o auxílio da tecnologia, que muitas vezes não nos resta tempo para outras necessidades em casa.
25	anonymous	Concordo. Os professores acabam estendendo sua carga horária e levando trabalho pra casa.
26	anonymous	Já passei por isso.
27	anonymous	Não, pois não tenho filho. No entanto, vejo nela meus amigos.

28	anonymous	Identifico-me parcialmente, pois SIM - utilizo tecnologias como <i>notebook</i> , impressora, internet e mídias para planejar minhas aulas. Porém, tenho evitado ao máximo deixar que esse planejamento ocupe grande parte do tempo que tenho disponível para minha família.
29	anonymous	Sim, me identifico. O trabalho do professor fora da escola é muito grande e a maioria das escolas não dispõe de recursos tecnológicos suficientes.
30	anonymous	Analiso, que a carga horário de trabalho dos professores se estende fora da escola, muitas vezes sobrecarregaria. A maioria das pessoas ainda acha que é fácil ser um profissional da educação, pois só se trabalha cinco horas diárias.
31	anonymous	Não. Parei de trabalhar fora para cuidar dos meus filhos quando eram pequenos.
32	anonymous	Não entendi.
33	anonymous	Sim. Me identifico.
34	anonymous	Sim, me identifico, pois é minha realidade.
35	anonymous	Um pouco. Tento equilibrar minha vida profissional e pessoal.
36	anonymous	Penso que é uma realidade. Só não me identifico pois não tenho filhos.
37	anonymous	Não. Não priorizo o trabalho neste caso retratado pela imagem.
38	anonymous	Sim.
39	anonymous	Me identifico e me sinto frustrada por isso.
40	anonymous	Não.
41	anonymous	Apesar de não ter filho pequeno, deixo de fazer outras coisas por ter que preparar aula, corrigir provas e trabalhos, justificar em relatório notas de alunos que não sabem ler e escrever e, mesmo assim, estão no ensino médio, preencher relatório de alunos com necessidades especiais entre outros.
42	anonymous	Concordo que, apesar das inúmeras possibilidades trazidas pela tecnologia terem beneficiado os professores no que diz respeito a ideias e cursos, também acaba aumentando o tempo e a carga de trabalho do mesmo, justamente pelas possibilidades infinitas.

43	anonymous	Uma mãe/professora fazendo seu serviço em casa, não me identifico.
44	anonymous	O professor sobrecarregado que não consegue aproveitar a família nem no final de semana.
45	anonymous	Eu não tenho crianças em casa, por isso não tenho certeza. No entanto, minhas amigas professoras e mães muitas vezes estão mais atrasadas no planejamento por não ter trabalhado no fim de semana para ficar com os filhos.
46	anonymous	Por um lado, ter acesso à tecnologia aumentou a carga horária de trabalho para os profissionais, de qualquer área, mas principalmente para o Professor. A preparação de aula, o preenchimento de planilhas, toda a parte burocrática, quando feita à mão, limita o tempo a apenas momentos em que você está no local de trabalho ou em alguns específicos fora dele. O filho pede para brincar fora de casa, mas a mãe está no computador preparando aulas. De outro modo, os professores sempre tiveram uma carga maior fora do horário de trabalho, principalmente aos fds. A tecnologia pode ter facilitado e deixado o tempo mais curto para algumas tarefas, mas tbm torna a cobrança maior, já que a coordenação/direção encontra meios mais curtos de se comunicar c seus professores.
47	anonymous	Sim. No momento estou organizando para não trazer nada do trabalho para casa.
48	anonymous	Não, porque nem sempre uso computador.
49	anonymous	Sim, é o que costumo responder a minha filha.
50	anonymous	Não concordo.
51	anonymous	Sim, me identifico. Trago bastante trabalho para casa, como preparação e correção de atividades, preparação de aulas.
52	anonymous	As demandas de trabalho dos professores os têm feito continuar suas atividades de trabalho em seus lares, conflitando com sua vida familiar, social e pessoal, o lar é agora uma extensão da escola isso associado às tecnologias tem comprometido a saúde social, pessoal e familiar dos professores.
53	anonymous	Na maioria das vezes, os professores não têm tempo nem para os filhos.
54	anonymous	Sim, me identifico, mas as crianças tb estão assim, o tempo todo com o uso das tecnologias.

55	anonymous	Eu concordo com esta charge, muitas vezes levamos trabalho para casa e nossos filhos acabam ficando em segundo plano.
56	anonymous	Sim, eu sou assim, pois as horas de trabalhos livres estipuladas na minha carga horária não são suficientes para corresponder a toda demanda que o trabalho docente necessita.
57	anonymous	Um pouco, porém faz parte do trabalho do professor planejar aulas e realizar atividades durante as ATPLs (Aulas de trabalho Pedagógico em local de livre escolha).
58	anonymous	Isso nem sempre ocorre, pois ainda há professores resistentes com o uso da tecnologia.
59	anonymous	Ela é comum na rotina de um docente.
60	anonymous	Sim. Nós, professores, nos dedicamos muito em casa preocupados com a qualidade de ensino, seja estudando, preparando aula etc. E deixamos de realizar outras atividades essenciais para a nossa qualidade de vida e de nossa família. Temos que buscar um equilíbrio, mas sinto dificuldades com as políticas dos novos governantes que não estão preocupados com os professores, diferente dos governos anteriores que criaram a lei do piso, aposentadoria especial e valorização do tempo fora da sala de aula.
61	anonymous	Em alguns momentos, sim....mas coloca limite, pois a minha família está em primeiro lugar.
62	anonymous	Muitas das vezes isso ocorre, teletrabalho por 4h e 30 com alunos e mais 4h em casa para preparar as aulas e dar conta de tanta burocracia.
63	anonymous	Não, concordo com Bertolt Brecht "Estou convencido de que a única finalidade da ciência é aliviar a miséria da existência humana".
64	anonymous	Dura realidade.
65	anonymous	Totalmente verdadeira.
66	anonymous	Retrata um professor que toma muito tempo no computador para realizar suas atividades. Claro que não é regra, mas em geral os professores gastam muito tempo de preparação fora de sala de aula, seja com computador ou outros meios.
67	anonymous	É triste, pois o professor hoje precisa viver pelo trabalho.
68	anonymous	Sim.

69	anonymous	Acredito que essa figura representa a vida do professor, independente da tecnologia.
70	anonymous	Nos últimos dias, a tecnologia tem estado muito presente na vida de todos e, com isso, a vida dos filhos está sendo deixada pra trás, até mesmo nós, educadores, fazemos isso, nos preocupamos com nossos alunos e deixamos os nossos filhos de lado.
71	anonymous	O planejamento de aulas são feitos, independentemente se via pc ou manuscrito.
72	anonymous	Eu não me identifico com esta cena porque tenho momentos já predeterminados uma vez por semana para planejar em casa. É uma realidade enfrentar o planejamento de forma individualizada e não no coletivo. O planejamento em casa acontece, é necessário assim dedicar momentos específicos para a escola e para o convívio familiar para que cenas como esta não aconteçam de forma frequente. Uma cena assim mostra que o planejamento está desordenado. O ideal seria o professor ter momentos na própria escola com o coletivo de professores para planejar.
73	anonymous	Só não me identifico, pois não tenho filho. Mas com certeza seria assim. Trabalhamos muito além da nossa carga horária.
74	anonymous	Sou mãe e é exatamente o que acontece em minha casa. Tenho 2 filhas que precisam de atenção, mas em casa, muitas vezes tenho que me ocupar do trabalho da escola.
75	anonymous	O aumento do trabalho levado para casa e o "deixar de lado" as interações com familiares e amigos.
76	anonymous	O trabalho docente excessivo tem impedido o professor de passar tempo com sua família. Conheço muitos professores que ficam 3 períodos na escola, entram 7 h da manhã e saem às 22 h. O trabalho do professor tem sido desgastante e muitas vezes impede a utilização de diferentes recursos no ensino.
77	anonymous	Exatamente como me sinto hoje. Não temos tempo para família, lazer e para o tempo do ócio. Demanda de trabalho fora da carga horária semanal tem crescido a cada dia. Temos uma demanda maçante de documentos para entregar que muitas vezes não há necessidade.
78	anonymous	Esta é uma realidade, especialmente se o docente não preparou com antecedência a sua aula.
79	anonymous	Super me identifico. É exatamente o que acontece comigo em relação aos meus filhos gêmeos, acabo preferindo o tempo



		dedicado a eles para dar conta de tudo que é necessário para as escolas.
80	anonymous	<b>Agora eu não posso estou preparando aula.</b>
81	anonymous	Infelizmente, me enquadro nesta figura. Luto sempre para não ser exatamente assim, mas tem momentos que não há como preciso trabalhar e não posso dar atenção a minha filha de três anos. O trabalho nos exige tanto que o sono foge durante as madrugadas e acabo me rendendo ao trabalho.
82	anonymous	Que as professores não têm tempo de lazer com sua família.
83	anonymous	Não me identifiquei, mas é a realidade do professor que vive planejando aulas e, digo isso, pois escolho minhas prioridades e o "fazer pedagógico" deve ser parte do dia a dia e não a vida de alguém, como toda profissão.
84	anonymous	Essa é a realidade de todo professor.
85	anonymous	Nada mudou, apenas a forma como preparamos as aulas, o que foi simplificado de forma geral pra quem já dominava algumas tecnologias
86	anonymous	Sim, constantemente, preciso focar no trabalho para conseguir dar conta de tudo.
87	anonymous	Infelizmente, nossa rotina diária!
88	anonymous	Sim . Com a tecnologia e oque cobram de nós professores ,acaba afetando em tudo inclusive nova vida pessoal, pois precisamos dividir o tempo.
89	anonymous	Não me identifico, pois não concordo em trazer serviços para casa.
90	anonymous	Falta de diálogo.
91	anonymous	A charge passa duas ideias: a de que a mãe não tem tempo para o filho; e a de que o trabalho executado pelo professor numa mesa cheia de papéis e livros foi substituído pelo tempo gasto no computador.
92	anonymous	Não.
93	anonymous	Sim. O trabalho do professor vai muito além do que é realizado em sala de aula.
94	anonymous	Infelizmente, retrata minha realidade em alguns momentos do dia.

95	anonymous	Humanas: gestão de pessoas, técnicas organizacionais, planejamento empresarial e empreendedorismo. Exatas: matemática e física.
96	anonymous	Sim. O tempo que levamos organizando e elaborando conteúdo, além da parte burocrática da escola aumento com o avanço da tecnologia.
97	anonymous	Depende do horário.
98	anonymous	Não me identifico com ela, porque minhas aulas já estão preparadas, sofrem apenas algumas alterações.
99	anonymous	O professor é pai/mãe dentro de sua casa e doa seu tempo, sua vida, em função dos filhos dos outros, mas isso não é visto ou valorizado por TODOS. "inclusive nós mesmos".
100	anonymous	Sim, preparar aulas que tenham um bom conteúdo leva um bom tempo.
101	anonymous	A tecnologia faz com que trabalhemos tempo extra em nossas casas. Me identifico com a situação parcialmente. Não é sempre que trabalho em casa.
102	anonymous	Já tive que dar essa resposta para meu filho. Triste realidade da nossa época!
103	anonymous	Essa é a realidade de todo professor acaba levando serviço para casa e muitas vezes a própria família fica de lado, falta compreensão sobre a grandeza do profissional de educação, pois se trata de uma dedicação muito ampla. Admiro a minha profissão mas gostaria de mais reconhecimento.
104	anonymous	Concordo em partes. Eu sempre procuro terminar o trabalho na escola, para ter tempo para o lazer.
105	anonymous	Isso acontece muito comigo, pois utilizo os finais de semana para trabalhar, preparando aulas, e a família cobra bastante minha presença nas atividades de casa.
106	anonymous	É a triste realidade que vivemos
107	anonymous	Não tenho filho ou nada que me impeça.
108	anonymous	Sim. Muitos finais de semana pra preparar as aulas e até mesmo corrigir atividades.
109	anonymous	Sim. Isso acontece comigo sempre.

110	anonymous	Sim, pois preparar aulas toma muito do nosso tempo fora da escola.
111	anonymous	Não me identifico. Não tenho filhos e tenho tempo de lazer.
112	anonymous	Embora não tenha filhos, deixo de me dedicar a outras atividades para preparar aulas. Nesse sentido, há uma identificação entre a personagem e o que eu vivo.
113	anonymous	Sim. Muito comum o trabalho ser levado para casa, uma vez que na escola o tempo é insuficiente para ministrar aula, preparar raridades.
114	anonymous	Que essa tem que se organizar. Pois faz parte de nosso trabalho planejar aulas. Acredito que as reclamações são por conta de trabalharmos muito e a remuneração não seja à altura.
115	anonymous	Infelizmente, acontece pois o tempo para preparar as atividades e cuidar das responsabilidades em nossas casas é curto e a necessidade de tarefas em sala de aula é essencial para um bom aprendizado e evolução. Sim, me identifico com a imagem. Mas com um bom planejamento diário, é possível administrar todas as tarefas a serem realizadas de maneira positiva.
116	anonymous	Desculpe, a imagem não abriu.
117	anonymous	O trabalho do professor é tão necessário dentro quanto fora de aula, sendo uma jornada dupla e sobrecarregada.
118	anonymous	Trabalho meio período e tento conciliar entre trabalho e lazer.
119	anonymous	Me identifico com esta imagem, parcialmente. Pois, atualmente, com a vinda da "era digital, nós, professores, utilizamos a tecnologia. Porém, esta 'nova era" também acaba nos pedindo maior concentração e maior tempo nosso favor. Seja ela, para pesquisar, planejamentos, relatórios, notas e afins.
120	anonymous	Na atualidade, isso não mais acontece comigo, pois minhas filhas são mulheres casadas, porém já aconteceu e muito.
121	anonymous	Em partes... tenho meu dia bem organizado.
122	anonymous	Sim. Pois com a chegada da tecnologia muito de nós esquecemos que vivíamos, deixando de lado nossa vida social.
123	anonymous	Não, paro tudo e dou atenção para a criação.
124	anonymous	Parece eu, 😊.

125	anonymous	Infelizmente, é a nossa realidade, em todo momento estamos trabalhando, nos atualizando, procurando e compartilhando novas estratégias. Acabamos utilizando o tempo que teríamos com nossa família, trabalhando ou fazendo cursos.
126	anonymous	Em partes sim. Mesmo discordando de trabalhar fora do horário, sempre vai sobrar alguma coisa para fazer em casa. Onde fica comprometida a qualidade de vida do professor e, conseqüentemente, de sua família.
127	anonymous	Não, pois não tenho filho pequeno. Porém, muitas vezes que me encontro fazendo pesquisas para o trabalho percebo que o marido fica inquieto tentando me distrair.
128	anonymous	A imagem mostra o trabalho de um professor além da sala de aula. Provavelmente, é uma cena muito comum, principalmente para os professores que devem lecionar em mais de uma escola ou possuem muitas turmas. Também influencia o quanto o professor já possui de conhecimento, principalmente em relação às tecnologias, e o quanto ele realmente se dedica ao preparar algo para os alunos. Me identifico parcialmente com ela, porque principalmente nos finais de semana aprendi a deixar de lado algumas tarefas para me dedicar ao lazer e a família, mas durante a semana quase todo dia é algo assim, já que trabalho praticamente nos três períodos do dia.
129	anonymous	Por questões burocráticas, ocupamos o nosso tempo com teoria, documentos. E muitas vezes perdemos oportunidades únicas e momentos de aprendizagem.
130	anonymous	Sim. Não tenho filhos, mas normalmente aos domingos costumo visitar a minha família e me sinto assim em relação aos meus sobrinhos.
131	anonymous	Não, nunca deixei de fazer "coisas" de que gosto ou lazer para fazer os da escola. Geralmente faço à noite ou alguma hora no final de semana.
132	anonymous	É claro que me identifico. A escola sempre foi o lugar para ministrar as aulas, o lugar de preparar e corrigir sempre foi em casa. Os antigos horários de ATPCs serão destinados a tratar de assuntos gerais da escola, ou problemas com determinada sala ou estudante. Atualmente, com as novas determinações, está disponível, no meu caso, cinco ATPCs por semana, procuro adiantar o planejamento das aulas. Porém, mesmo assim, é muito pouco!

133	anonymous	Não, pois utilizo mais livros didáticos, uso outros que não os utilizados em sala. Atividades da Internet eu uso para obter novas ideias.
134	anonymous	A realidade dos professores. Muitos acabam deixando sua família de lado para dar conta de tantas atribuições.
135	anonymous	Sim, me identifico. O planejamento das aulas deveria ser dentro do espaço escolar. Um período de atuação dentro da sala e o outro de estudo e planejamento.
136	anonymous	Sim, pois tenho que trabalhar em casa e com 2 filhos nem sempre é possível atender as solicitações dos filhos no momento em que eles querem.
137	anonymous	Me identifico, levamos muito trabalho para casa, a internet é um ótimo recurso, porém estamos cada vez mais refém dela.
138	anonymous	Sim, pois já me vi nessa situação com meus filhos.
139	anonymous	Essa sou eu.
140	anonymous	Sim. Sobrecarga de trabalho por conta do Mestrado (muitas horas de estudo, e falta de tempo para a família)
141	anonymous	Identifico-me demais com isso. Não tenho filhos, porém, não consigo dar atenção a minha família como eu gostaria e/ou descansar, uma vez que estou sempre planejando aulas e corrigindo atividades/avaliações.
142	anonymous	Fiz muito isso!!!
143	anonymous	*Os professores têm que entender que existe vida particular fora da escola, bem como existem muitas outras entidades que os professores têm que cumprir que são exigências das secretarias da educação.
144	anonymous	Brincar é fundamental.
145	anonymous	*Não, me identifico, mas como mãe e professora temos os horários combinados para brincar e cumprir com nossos deveres e obrigações.
146	anonymous	*Eu não me identifico com a imagem.
147	anonymous	Que dó! Pura verdade. A tecnologia nos aprisiona em alguns momentos.

148	anonymous	* A família do profissional também sente a falta do tempo de qualidade. A tecnologia facilita e vários aspectos, mas precisa ser administrada e utilizada para atingir o tempo e não escravizar.
149	anonymous	*Sim. Mães que trabalham, fora independentemente da sua carga horária, não conseguem conciliar todo tempo do dia com seus filhos.
150	anonymous	*Um retrato do que vivemos, não temos tempo para fazer tudo na escola.
151	anonymous	Me identifico, pois professores passam muito horários fora de sua carga horária em casa preparando aulas.
152	anonymous	*Me identifico, pois professores passam muitos horários fora de sua carga em casa preparando aulas.
153	anonymous	* O professor trabalha mesmo quando está em casa, prepara atividades, faz pesquisas, corrige entanto sua remuneração está relacionada apenas à quantidade de hora-aula.
154	anonymous	* Não, não tenho filhos pequenos.
155	anonymous	* Sim, presencio essa situação em casa, tenha uma filha pequena que quando estou em casa ela quer brincar e eu tenho que trabalhar.
156	anonymous	* Sim com certeza, o trabalho continua em casa.
157	anonymous	*Sim, apesar de controlar bem o meu tempo. Sempre preciso de deixar de fazer algo, para elaborar aulas e outras atividades relacionadas ao trabalho.
158	anonymous	*Não me identifico, porque procuro preparar as minhas aulas em horários que não prejudicam a relação com minha família. Tudo é questão de prioridade e organização do nosso tempo.
159	anonymous	* Infelizmente, muitas vezes acabamos juntando a vida profissional com a pessoal e isso, de certa forma, atrapalha a socialização consigo e com o círculo de família.
160	anonymous	*Hoje em di, sim! Precisamos disponibilizar em tempo para preparar as aulas.
161	anonymous	* Sim. Em alguns momentos, é necessário usar do tempo para planejar algo do trabalho durante o final de semana.

162	anonymous	*Em termos, sim! Hoje em dia, a tecnologia está tão presente que muitas vezes esquecemos do contato social e isso acaba afetando o desenvolvimento emocional de nossas casas.
163	anonymous	*Existe a necessidade de dar atenção às crianças. porém sabemos que muitas vezes isto não acontece.
164	anonymous	*O Professor organiza planejamento, pesquisa usando a tecnologia fora de suas cargas horários de trabalho.
165	anonymous	*Me identifico, pois temos sim que planejar aulas e a Internet hoje nos ajuda muito, mas temos que saber dividir o nosso tempo para que conseguimos não deixar o mundo fora da Internet de lado.
166	anonymous	*Minha atuação sempre foi em escola pública. Acredito que esta realidade da maioria do profissionais da educação especialmente professores no Brasil. A tecnologia tem facilitado o trabalho dos docentes devido à rapidez com que as informações e documentos circulam. Ajudam a amenizar o trabalho.
167	anonymous	Me identifico, a vida fica cansativa estressante...
168	anonymous	Professor trabalha muito em casa.
169	anonymous	Para não passar por essa situação, uso a madrugada para trabalhar.
170	anonymous	*Sim, pois muitas vezes tenho que preparar aula em minhas horas livres.
171	anonymous	*Sim, muitas vezes preparei atividades, fiz faculdade <i>on-line</i> , cursos e a família teve que compreender. E eu tive que me dividir em muitas mulheres: filha,mãe, nora, esposa, cunhada...e professora.
172	anonymous	*Algo que realmente acontece. Me identifico sim, várias vezes deixei de realizar coisas com a família para preparar conteúdos e estudar pela internet, porém me policio mais atualmente para estar sempre presente e participando da vida familiar e social.
173	anonymous	A mãe/professora tem que se organizar para dar conta dos filhos, casa, trabalho e pensar em si mesma, ou seja, trabalhamos muito fora do horário escolar e nem sempre recebemos o que se é direito.
174	anonymous	*Me identifico perfeitamente com a figura. Muitas vezes sou convidada a participar de algum evento familiar ou com amigos e, na maioria das vezes, acabo não comparecendo, pois minha prioridade é sempre o meu trabalho, que muitas vezes demanda horas adicionais. além do horário do colégio. Na internet, dispomos de um vasto repertório e essa análise para selecionar as atividades

		que se encaixam no nosso cotidiano escolar leva tempo. Pesquisar, estudar, analisar, reformular, configurar, necessitam de uma superdedicação para garantir a qualidade das nossas aulas.
175	anonymous	É uma figura que facilmente representa a realidade. Não me identifico, pois não tenho filhos.
176	anonymous	Por conta do planejamento necessário na área de educação, acabo me identificando com a imagem, pois embora não tenha filhos, muitas vezes preciso deixar meu esposo de lado para da conta das tarefas exigidas pelo magistério.
177	anonymous	Não, pois procuro utilizar a tecnologia para complementar minhas aulas e vida, tento ao máximo não deixar com que ela, e também meu trabalho, interfiram ou tomem muito tempo do que minha vida pessoal.
178	anonymous	A imagem retrata uma possivelmente mãe e professora se recusando a brincar com o filho enquanto trabalha preparando suas aulas em um computador. Enquanto professora, me identifico muito com a imagem, uma vez que, para além do tempo em sala de aula efetivamente dando as aulas, há todo um trabalho de pesquisa e montagem das mesmas, muitas vezes, utilizando até mesmo a internet a fim de diversificar as aulas ou colher mais informações.
179	anonymous	Sim, é nítido a necessidade da mãe trabalhar em casa <i>on-line</i> e deixar a família para segundo plano. Afinal, como ela se manteria no mercado de trabalho?
180	anonymous	O tempo é o nosso maior inimigo. Estamos sempre correndo para dar conta de todos os afazeres e tentar realizá-los da melhor maneira possível. Hoje, mais madura, vejo o quanto é necessário saber administrá-lo e tê-lo (o tempo) como nosso aliado. Sou educadora, AMO o que faço! Mas a minha FAMILIA, os meus AMIGOS terão sempre um tempo especial em meu dia a dia.
181	anonymous	Sim, pois precisamos de pesquisa e interação com a atualidade e isso requer tempo, sendo assim muitas vezes precisamos dividir nosso tempo em casa com a família e o trabalho.
182	anonymous	Eu não me identifico, pois não tenho filhos e quando no ambiente de trabalho paro e me volto para as crianças.
183	anonymous	Já passei por isso, mas hoje com mais maturidade vejo que a administração no meu tempo faz toda a diferença.
184	anonymous	Uma pessoa trabalhando no computador em casa, fora do seu horário de trabalho e o filho querendo brincar no quintal, mas a



		<p>pessoa não pode. Eu não me identifico com ela, porque temos que nos organizar com o tempo, porque em 1 lugar vem nossa família, principalmente quem tem filhos pequenos que precisam de atenção, carinho e muito amor.</p>
185	anonymous	<p>Sim, isso é segunda a segunda, preparando aula, atividades extras, projeto, relatórios etc.</p>
186	anonymous	<p>Concordo plenamente!!! Me vejo (infelizmente) nitidamente nesta imagem, já tentei inúmeras vezes diminuir o tempo de planejar, montar atividades em casa para ter mais tempo com os filhos, mas ainda não consegui, infelizmente.</p>
187	anonymous	<p>não me identifico, mas entendo que, às vezes, o sistema força que o aluno seja deixado em segundo plano para a realização e organização de objetivos de outros órgãos, como a secretaria de educação, por exemplo.</p>
188	anonymous	<p>Não me identifico, por não precisar planejar devido ao cargo que ocupo, acabo tendo contato mais direto com as crianças. Utilizo o tempo com eles para realizar atividades pedagógicas improvisadas e, conseqüentemente, acabo otimizando o tempo.</p>
189	anonymous	<p>Não, pois como auxiliar de classe não preciso realizar atividades profissionais fora da escola. Realizo algumas pesquisas, mas não que tome tanto meu tempo livre.</p>
190	anonymous	<p>Não tenho filhos pequenos, mas voltei a estudar e isso fez eu usar muito a internet para estudar e fazer as pesquisas, assim acabamos ficando um pouco isolados da família, e dispensando alguns compromissos sociais. Professores com filhos pequenos precisam rever suas ações e planejar seus estudos e relatórios, dando uma prioridade aos filhos, a organização do tempo é fundamental para não deixar seus filhos excluídos do convívio com os "pais". É na primeira infância que começamos a dar uma base para a formação dos pequenos, é através da brincadeira, do contato físico, que formamos nosso pequeno em um adulto que consegue interagir com o meio em que vive.</p>
191	anonymous	<p>Parcialmente, pois algumas vezes não dá para ir brincar, não somente na hora de preparar uma aula, em outras atividades domésticas.</p>
192	anonymous	<p>Ainda não tenho filhos. Mas acredito que essa seja a realidade de muitas pessoas.</p>
193	anonymous	<p>Não me identifico, pois não tenho filhos, mas acredito que seja uma situação recorrente em outras famílias.</p>

194	anonymous	Não tenho filhos,porém acredito que seja a realidade da maioria dos professores.
195	anonymous	Não me identifico,pois não tenho filhos, mas a maioria das pessoas que conheço fica boa parte no celular e descuida-se do brincar com a criança.
196	anonymous	Não, consigo organizar meus horários de modo que consigo ter tempo livre.
197	anonymous	A figura relata o dia a dia, já passei por essa situação algumas vezes, fazendo pesquisas sobre atividades para fazer com as crianças. Mas às vezes precisamos deixar a tecnologia e o trabalho de lado para darmos atenção total a nossa família.
198	anonymous	Tento me organizar para não ficar tanto tempo no computador em horários que eu sei que vou ter companhia.
199	anonymous	Há grande identificação nesta cena com negação a muitos professores. Eu me identifico com essa realidade, às vezes priorizamos o trabalho profissional e não acolhemos as necessidades básicas e de afeto com nossos familiares. Para mim, é uma cena lamentável, o professor tem que se desdobrar para poder sobreviver.
200	anonymous	A mãe está dando total prioridade ao trabalho. Dependendo do tempo que é gasto para preparar atividades, não se torna algo prejudicial para a relação entre mãe e filho. Na atualidade, os professores têm cada vez mais demanda e as atividades preparadas precisam ser alteradas, atualizadas, diversificadas para atender a todos os tipos de público que um professor possui em sala de aula. Eu me identifico totalmente com esse cenário e preciso me policiar para conseguir focar nos meus objetivos para as aulas, bem como dar atenção que meu filho merece.
201	anonymous	* Não me identifico, pois não faço pesquisa em casa
202	anonymous	* Não me identifico, minhas pesquisas são rápidas e geralmente uso mais o celular, assim pesquiso em qualquer lugar
203	anonymous	* É o adulto, na figura do professor, portanto, no qual o brincar é visto como uma necessidade da criança. A partir da análise observou-se também o sentimento de frustração da criança. Não me identifico, porém eu priorizaria a necessidade da criança e organizaria meu espaço e horário para prepara as aulas (...)

204	anonymous	*Não, pois se uma mãe é professora ela tem seu tempo para preparar aulas e brincar com seu filho, pois criança tem que ter seu momento de brincar. (...)
205	anonymous	*Não, pois precisamos separar a vida profissional e pessoal. E alguns profissionais dedicam grande parte do seu tempo para preparar atividades e se esquece da sua vida pessoal como a saúde, filhos etc.
206	anonymous	*Sim, me identifico, pois às vezes ou quase sempre estamos elaborando, buscando, pesquisando trabalhos em casa que fazem parte de alguma atividade de sala, porque em sala não temos tempos suficiente.
207	anonymous	*Não me identifico, pois separo vida pessoal e profissional.
208	anonymous	*Discordo, pois tem que preparar aula fora do expediente e seguir um cronograma semanal.
209	anonymous	*Não concordo, pois separamos um tempo para fazer as atividades da sala para não afetar o cronograma para as crianças.
210	anonymous	*Agora não posso, pois estou ocupada preparando um futuro.
211	anonymous	*Os professores passam boa parte do seu tempo em casa para buscarem novas ideias, prepararem atividades, atualizarem notas e frequência no sistema e deixam grande parte das vezes de realizarem as tarefas de casa, como ilustrado na tirinha acima, brincar com os filhos, dar atenção à família, saúde física e mental dentre outros aspectos.
212	anonymous	*Uma imagem que a criança está querendo atenção e brincar, mas como o mundo vive mais na era da tecnologia, passamos o tempo ocupado com outras coisas e trabalhando, a internet veio para ajudar muito, com isso ficamos mais acomodados(...).
213	anonymous	*Ao analisar a imagem, pode se observar uma mãe preparando aula e ao lado seu filho pedindo por atenção. Não me identifico com a imagem, pois não tenho filhos.
214	anonymous	*Uma mãe ocupada, preparando seu trabalho, a criança chama ela para brincar mas responde que não pode, então o menino começa a chorar. Não me identifico, porque não tenho filhos.
215	anonymous	*Minha justificção é que a mãe está focada em seu trabalho e esquece que não está no seu momento pra trabalho em casa, e sim em cuidar mais de si e de seu filho que pode estar precisando dela.

216	anonymous	Não me identifico, pois a tecnologia veio para agilizar, consequentemente liberar mais tempo para outras atividades.
217	anonymous	Sim. Pois em alguns momentos, meu filho quer brincar, quer atenção e estou preparando aula, corrigindo provas. Mas faz parte! Adoro e amo minha profissão.
218	anonymous	Sim, me identifico e muito, esse é o nosso trabalho.
219	anonymous	Não, pois não tenho filhos.
220	anonymous	Acredito que, assim como a mãe, o filho também precisa entender que existe hora para brincar e trabalhar, vai dos dois entrarem em um consenso e se organizarem entre eles.
221	anonymous	O professor não tem tempo para atividades com o filho pelo excesso de trabalho. Não me identifico, pois não sou casado nem tenho filhos. Minha carga de trabalho não me impede de realizar outras atividades.
222	anonymous	Não me identifico, pois não tenho filhos.
223	anonymous	Eu não me identifico, pois não tenho filhos.
224	anonymous	Eu não me identifico, pois quando estou em casa, primeiro vem minha família, depois trabalho.
225	anonymous	Identifico-me apenas em determinados períodos como prazos para entrega de notas e planos. Há duas interpretações possíveis: a mãe que não pode brincar com a criança porque tem que trabalhar e a substituição do papel pelo computador.
226	anonymous	Não me identifico, pois priorizo esta com a família.
227	anonymous	Não me identifico, priorizo a família.
228	anonymous	*Sim. Não possui filhos pequenos, mas devido ao trabalho de preparar material para aulas, deixo um pouco de lado a esposa ou o lazer.
229	anonymous	Não me identifico.
230	anonymous	Quando estou com meus filhos, tento ignorar as tarefas do trabalho, mesmo que fique atrasado.
231	anonymous	Com o avanço das tecnologias, mais trabalhando fora de casa, filhos estão sendo deixados de lado. Deixando a responsabilidade para a

		escola. Temos que nos conscientizar da importância de que filhos estão gritando por atenção.
232	anonymous	Sou solteira.
233	anonymous	Essa imagem representa o nosso dia a dia como docente, principalmente no que diz respeito ao ensino remoto.
234	anonymous	Sim.
235	anonymous	Já passei por isso, mas confesso parei e fui atender ao meu filho.
236	anonymous	Retrata minha rotina.
237	anonymous	Muito atual, o que mais acontece.
238	anonymous	Me identifiquei, pois tenho dois filhos pequenos e tenho que me virar entre as aulas deles, os meus planejamentos, atendimento aos alunos, aulas <i>on-line</i> e tarefas de casa.
239	anonymous	Sim, muitas vezes.
240	anonymous	Sim!
241	anonymous	Sim. Mesmo marcando um horário para trabalhar (vespertino), meu filho tem uma ideia para fazer. É comum todos acharem que eu estou em casa estou à disposição deles.
242	anonymous	Sim. Não há tempo adequado para dedicar aos filhos, mesmo estando em casa com eles, não parece ser suficiente.
243	anonymous	Sim.
244	anonymous	Todo professor deve ter tempo para formular as atividades
245	anonymous	Não, pois há tempo para todas as coisas.
246	anonymous	Infelizmente.
247	anonymous	Me identifico, porque usamos a nossa casa para trabalho de ainda não temos essa habilidade.